U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Intervir no Existente:
Princípios de Reabilitação de uma Casa de Lavoura em Pedra Furada

Carolina Maria Campos Barreto

M

2023

U.PORTO

Carolina Maria Campos Barreto. Intervir no Existente: Princípios de Reabilitação de uma Casa de Lavoura em Pedra Furada

Intervir no Existente: Princípios de Reabilitação de uma Casa de Lavoura em Pedra Furada

Carolina Maria Campos Barreto

M.FAUP **2023**

FACULDADE DE ARQUITETURA

INTERVIR NO EXISTENTE:
Princípios de Reabilitação de uma Casa de Lavoura em Pedra Furada

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, sob orientação do Doutor Carlos Eduardo Santos Barroso e coorientação da Professora Doutora Maria Clara de Carvalho Pimenta do Vale

Carolina Maria Campos Barreto
Porto, 2023

AGRADECIMENTOS

Aos meus orientadores, Doutor Carlos Eduardo Santos Barroso e Professora Doutora Maria Clara de Carvalho Pimenta do Vale, pela atenção e conhecimento que me prestaram ao longo desta dissertação.

À minha família, aos meus pais e à minha irmã, pelo apoio e por sempre acreditarem em mim; em especial, à minha avó por ser uma pessoa inspiradora e por estar sempre disponível para me contar histórias dos tempos mais antigos.

À Tânia e à Sandra, pela amizade e pelos anos de faculdade e de residência, por estarem sempre lá para mim.

Aos meus amigos, um especial obrigado à Diana pelo companheirismo e à Marta pela atenção e disponibilidade em ajudar-me.

Ao Joel, por estar sempre ao meu lado.

RESUMO

A reabilitação do património vernáculo, cada vez mais presente, no trabalho dos arquitetos, tem como objetivo a reutilização das construções tradicionais, que têm um papel importante na identidade cultural das comunidades locais. Este trabalho aborda a importância da preservação do património vernáculo como testemunho vivo da história e das tradições.

A investigação consiste na busca de boas práticas e mais adequadas à reabilitação deste tipo de património, com vista a intervenção ao caso de estudo. Assim é fundamental entender o tipo de património com que estamos a lidar. Neste caso, a morfotipologia abordada é a Casa de Lavoura do Minho, este conceito contém caraterísticas importantes e essenciais para definir casas deste género. Neste trabalho, essas caraterísticas serão nomeadas como indicadores de autenticidade e identidade.

A reabilitação do património vernáculo não só contribui para a preservação do património cultural, mas também para o entendimento mais aprofundado das caraterísticas específicas do património vernáculo.

Palavras-chave: Casa de Lavoura; Património Vernáculo; Reabilitação; Arquitetura Popular Portuguesa

ABSTRACT

The rehabilitation of vernacular heritage, increasingly prominent in the work of architects, aims at the reuse of traditional constructions, which play a significant role in the cultural identity of local communities. This work addresses the importance of preserving vernacular heritage as a living testimony to history and traditions.

The research consists of seeking best practices and approaches for the rehabilitation of this type of heritage, with a focus on the study-case. It is essential to understand the type of heritage with which we are dealing. In this case, the morphotype under consideration is the *Casa de Lavoura* of Minho, a concept that contains important and essential characteristics for defining houses of this genre. In this work, these characteristics will be referred as indicators of authenticity and identity.

The rehabilitation of vernacular heritage not only contributes to the preservation of cultural heritage but also to a deeper understanding of the specific features of vernacular heritage.

Keywords: *Casa de Lavoura*; Vernacular Heritage; Rehabilitation; Portuguese Popular Architecture

ÍNDICE

Agradecimentos iii
Resumo v
Abstract vii
Índice ix

INTRODUÇÃO 1
Motivações e Objeto de Estudo 1
Objetivos 2
Metodologia 3
Estrutura da Dissertação 4

CAPÍTULO I. **REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO VERNÁCULO 7**

1.1. Património Vernáculo 7
Definição de Conceitos 11
Perspetiva Histórica sobre Textos Doutrinais 13
Princípios Fundamentais de Preservação e Metodologias de Intervenção 13

1.2. A Casa de Lavoura do Minho. 21
Revolução do milho grosso 23
Casas Rurais e Casas Agrícolas 23
Indicadores de Autenticidade e de Identidade das Casas de Lavoura. 27
Compartimentos e Edifícios de Produção Agrícolas. 33

CAPÍTULO II. **CASO DE ESTUDO 37**

2.2. Caraterização da Área de Estudo 37
Pedra Furada 37
Inventário 41
Indicadores de Identidade e Autenticidade Observados na Área de Estudo 41
Compartimentos e Edifícios de Produção Agrícola. 47

2.2. Reconhecimento da Pré-Existência 51
Levantamento Geométrico e Fotográfico 51
Organização Funcional 51
Indicadores de Identidade e Autenticidade Observados na Casa de Estudo 53
Compartimentos e Edifícios de Produção Agrícola. 61
Evolução Temporal. 65
Estado de Conservação – Diagnóstico. 69

CAPÍTULO III. **PLANO DE INTERVENÇÃO 75**

3.1. Metodologias e Princípios Gerais de Intervenção. 75
Intervenção. 77
Técnicas e Materiais. 79
Metodologia 81

3.2. Programa de Intervenção ao Caso de Estudo 83
Programa 83
Intenções – Tipo de Intervenção 85
Linhas Orientadoras 87

CONSIDERAÇÕES FINAIS 91

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 95

Índice e Créditos de Imagens e Tabelas 99

APÊNDICE: INVENTÁRIO DE CASAS DE LAVOURA 113

Creixomil 115
Macieira de Rates 131
Gueral 149
Milhazes 165

INTRODUÇÃO

MOTIVAÇÕES E OBJETO DE ESTUDO

Parte da minha vida foi passada com uma forte relação com a vida agrícola. Relação essa estabelecida pela minha avó, uma mulher do campo, nascida num seio familiar intimamente ligado ao contexto da lavoura, num concelho onde esta foi, historicamente, uma atividade nuclear. A minha avó, desde muito cedo, foi obrigada a abandonar os estudos para se dedicar às lides da casa e da lavoura e, atualmente, com noventa e cinco anos, é um exemplo para mim, dada a sua autoridade, seriedade, sabedoria e lucidez na forma de viver a vida.

Devido à admiração que tenho pela minha avó, pretendo usar como tema da presente dissertação a casa em que nasceu, cresceu e ainda vive, uma casa de lavoura, que faz também parte das minhas memórias de infância.

A casa em questão, localizada na freguesia de Pedra Furada, no concelho de Barcelos apresenta características que remontam ao início do século XIX. Esta estrutura é constituída por um complexo de produção agrícola composto por edifício residencial, dois pátios e estruturas de produção, dos quais se destacam a eira, o espigueiro e o sequeiro/varandão.

A zona habitada corresponde a uma zona intervencionada em 2012, sendo que a área mais antiga se encontra desabitada.

Com este trabalho pretendo também, aprofundar o meu conhecimento sobre a intervenção no património vernáculo, uma vez que é uma área de grande interesse pessoal e que se encontra em constante desenvolvimento.

OBJETIVOS

O trabalho que se propõe como base para a Dissertação de Mestrado Integrado na Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto pretende tratar a questão da reabilitação de património vernáculo. Pretende-se através da identificação de um conjunto de princípios de preservação do património, perceber e definir uma base para uma possível intervenção futura, capaz de responder às necessidades contemporâneas de utilização, sem ameaçar a sua identidade cultural ou valor patrimonial.

A investigação que se apresenta neste trabalho foi planeada e executada com base em três objetivos.

O primeiro objetivo é contribuir para o entendimento mais aprofundado e interligado entre os dois temas centrais do trabalho - a reabilitação do património vernáculo e a morfotipologia da "*Casa de Lavoura do Minho*".

A escolha e aprofundamento dos dois temas em questão surge, por um lado, da necessidade de fazer um mapeamento/levantamento das normas internacionais que envolvem a reabilitação do património vernáculo que vão enquadrar o trabalho. Por outro lado, é importante fazer uma revisão da literatura para aferir o que se conhece relativamente à morfotipologia de "Casa de Lavoura" no contexto do Minho, mais propriamente no concelho de Barcelos.

Para tal, foi identificada, recolhida e analisada criticamente, a bibliografia fundamental sobre estes dois temas, obtendo-se uma base de conhecimento sistemática que será o suporte teórico de todo o trabalho.

O segundo objetivo deste trabalho é contribuir para um conhecimento mais alargado do objeto de estudo e da área em que se insere.

Tendo como ponto de partida uma base sistemática formulada previamente na revisão de literatura, procedeu-se a um levantamento e inventário de casas de lavoura na área de estudo.

O estudo consiste, na sua maioria, numa análise de implantação e do exterior dos edifícios - fachadas e vãos - tentando a partir desta base fazer interpretações de como será o seu interior, recorrendo paralelamente às imagens de satélite do google maps/earth. Dada a dificuldade de entrar no interior dos edifícios, o estudo deste indicador teve por base o trabalho do arquiteto Carlos Barroso (2019).

Seguidamente, fez-se um levantamento arquitetónico do objeto de estudo e procedeu-se ao tratamento de dados recolhidos no local, de maneira a identificar o objeto a estudar, com as suas especificidades morfotipológicas e tipológicas. Da análise cruzada com o trabalho de campo foi possível identificar características de autenticidade e identidade no objeto de estudo, tendo em conta o contexto em que se insere.

O terceiro objetivo é a definição de um plano de intervenção. Tendo em conta o trabalho de análise e levantamento prévio, e as informações recolhidas, pretende-se desenvolver o trabalho em dois níveis.

Num primeiro momento, pretende-se formular uma matriz genérica, adequada a qualquer tipo de edifício semelhante ao caso de estudo. Esta tem como fundamento a base teórica estabelecida no início deste trabalho e recorrendo ao estudo de exemplos práticos que tenham seguido os princípios inerentes às normas internacionais.

Num segundo momento, esta formulação genérica será demonstrada no caso de estudo, tendo como princípios orientadores as características de identidade e autenticidade, particularidades do edifício.

Dessa forma, e como objetivo final, pretende-se desenhar uma metodologia e um programa de intervenção específicos para o caso de estudo, capaz de orientar uma posterior intervenção, e tendo como suporte a base genérica formulada num primeiro momento.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos para este trabalho, e atendendo à complexidade dos temas a abordar, será necessário definir várias escalas de análise e diferentes níveis de informação. Os tipos de análise estabelecidos correspondem ao estudo do território, à análise do edifício e consequente detalhe, correspondendo, respetivamente, a escalas macro, médio e micro. A necessidade de definição de várias escalas e de vários níveis de informação prende-se com o facto de se estudar uma área abrangente, com relações territoriais que é necessário compreender e explicitar.

Na obtenção de dados/informações estabeleceu-se um suporte consolidado em literatura científica, para orientar o trabalho de campo, análise de exemplos práticos, e por fim a implementação de um plano de intervenção direcionado ao caso de estudo.

A revisão de literatura tem como finalidade ser a base de suporte para os dois temas centrais do trabalho, e, paralelamente, permitir direcionar/orientar o trabalho de campo, identificando, assim, os elementos que requerem uma análise mais detalhada no sítio.

O trabalho de campo tem como finalidade verificar in sito as informações recolhidas em estudos de referência sobre o mundo rural. Procedeu-se, também, à recolha de informações em falta sobre a caracterização arquitetónica e construtiva do edificado, assim como a uma breve avaliação do estado de preservação do edificado na área de estudo e do próprio caso de estudo.

A análise de casos práticos permite verificar a aplicabilidade dos enunciados formulados na revisão de literatura, formando o ponto de partida para a análise experimental que pretende formular uma hipótese aplicada ao caso de estudo.

ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO

A estrutura da dissertação, como anteriormente mencionado, foi planeada para demonstrar uma aproximação mais adequada ao tema da reabilitação do património vernáculo. Por tanto, cada um dos três objetivos do trabalho serão explorados e detalhados num capítulo próprio, resultando assim numa estrutura tripartida.

O primeiro capítulo, "Reabilitação do Património Vernáculo", divide-se em duas partes, a primeira "Princípios de Reabilitação", apresenta uma visão geral sobre as melhores práticas internacionais no tema da reabilitação do património vernáculo. A segunda parte, "Casa de Lavoura do Minho", apresenta uma caracterização exaustiva e detalhada dos princípios que balizam este tipo de património.

O segundo capítulo "Caso de Estudo" divide-se em dois momentos de análise, o primeiro intitulado "Caraterização da Área de Estudo" onde se apresenta o resultado do levantamento da área envolvente e da sistematização das morfotipologias de casa de lavoura existentes. A segunda "Reconhecimento da pré-existência" aborda o objeto de estudo, apresentando-o nas usas diversas escalas e contextos.

O terceiro capítulo, "Plano de Intervenção" subdivide-se em duas partes, a primeira "Metodologias e Princípios Gerais de Intervenção" apresenta uma matriz genérica de intervenção em edifícios semelhantes ao objeto de estudo. A segunda "Programa de Intervenção ao Caso de Estudo" demonstra a aplicação da matriz genérica mencionada ao caso de estudo.

FIG. 1

Exemplo de Arquitetura Tradicional, S. João da Ribeira, Ponte de Lima
(APP, 2004 [1961], p. 36)

FIG. 2

Exemplo de Arquitetura Vernácula, Casa de Lavoura, Souto de Santa Maria, Guimarães
(APP, 2004 [1961], p. 39)

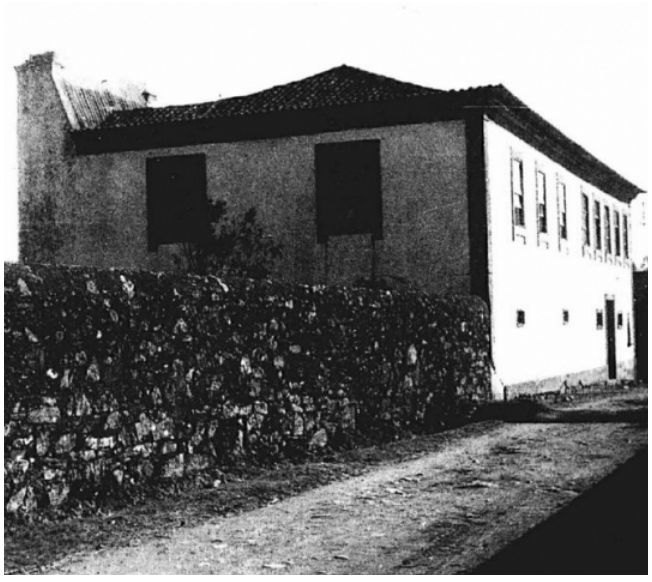


FIG. 3

Exemplo de Arquitetura Vernácula, Gemezes, Esposende
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

CAPÍTULO I. **REABILITAÇÃO DO PATRIMÓNIO VERNÁCULO**

1.1. PATRIMÓNIO VERNÁCULO

No contexto da **arquitetura rural**, a arquitetura vernácula desempenha um papel significativo na identidade das comunidades locais, como reflexo a sua cultura e diversidade. Ao conceito de vernáculo associam-se dois conceitos: o tradicional e o popular que, recorrentemente, são considerados sinónimos, mas, no entanto, têm variações terminológicas. Assim, para entender o conceito de arquitetura vernácula é necessário defini-lo e compará-lo com os termos de arquitetura tradicional e popular.

A **arquitetura tradicional** (FIG. 1) compreende o termo mais abrangente e parte significativa deste conceito inclui a arquitetura vernácula ou popular. De acordo com CARLOS e CORREIA (2015), a arquitetura tradicional "(...) *derives from the actual application of the constructive tradition and empirical knowledge, based on oral transmission between generations. It explores mainly the regional peculiarities using local resources, such as environmental response and cultural event* (...)". Assim, os princípios fundamentais deste tipo de arquitetura baseiam-se na execução do conhecimento construtivo tradicional e empírico, na exploração das particularidades regionais e no uso de recursos locais. Além disto, pode permitir investimentos mais significativos, aplicados por estratos sociais mais elevados. Consequentemente, o processo formal é mais elaborado, recorrendo a sistemas construtivos mais complexos, mas com menos execução pragmática com integração de elementos dedicados especializados na arte de construir (CARLOS e CORREIA, 2015).

A **arquitetura vernácula** (FIG. 2 e 3) carateriza-se por edifícios com forte carater agropastoril e distingue-se da arquitetura tradicional, no que concerne à sua origem religiosa e aristocrata, mantendo, mas no entanto, partilhando morfologias, tipologias e caraterísticas construtivas (BARROSO, 2019). Conforme apontado por Amos Rapoport, citado por

FIG. 4

Exemplo de Arquitetura Popular, onde a otimização económica pode causar perdas de autenticidade e identidade devido ao mais planeamento das alterações, Padrão, Arcos de Valdevez
(BARROSO, 2019)

FIG. 5

Exemplo da diversidade da arquitetura vernácula: abrigo com abobada em alvenaria de granito
(BARROSO; BARROS; VALE; OLIVEIRA E RAMOS, 2020)

FIG. 6

Exemplo da diversidade da arquitetura vernácula: cobertura de colmo
(BARROSO; BARROS; VALE; OLIVEIRA E RAMOS, 2020)

Carlos e Correia (2015): " (...) *this term refers solely to the specific buildings in a certain geographical context, in response to the physical and cultural environments.* (...) *It originates specific typological models, producing characteristic plastic elements of the area, that they are restricted*". Deste modo, a arquitetura vernácula define-se por edifícios típicos de um determinado contexto geográfico, que resulta em modelos tipológicos caraterísticos da área. Além disso, tem como premissa o uso de técnicas e materiais de construção. No entanto, é importante referir que a arquitetura vernácula não se limita a processos construtivos primitivos ou à autoconstrução pelos usuários dos edifícios, pois pode também envolver mão de obra especializada neste tipo de construção (Carlos e Correia, 2015).

A **arquitetura popular** distingue-se da arquitetura vernácula e da arquitetura tradicional pela falta de afinidade ao sítio, em relação ao uso de técnicas e materiais. Segundo Carlos e Correia (2015), "*Although sensitive to regional values, it is undoubtedly the one of most pragmatic implementation, overlapping economic optimisation to all the other parameters assigned to the Vernacular Architecture*". Ou seja, este tipo de tem como princípio orientador a otimização dos meios e a funcionalidade dos edifícios (fig. 4), o que resulta em modelos de implementação mais prática, pois requere despesas mínimas e, frequentemente, realizado com meios precários. Além disto, é importante salientar que a sua implementação, ou grande parte dela, é conseguida, em grande parte, pelos usuários (Carlos e Correia, 2015).

Em suma, neste trabalho, é importante definir o conceito de arquitetura vernácula, considerando as informações exploradas anteriormente. Pode-se observar tanto convergências como diferenças entre estes três tipos de arquitetura rural. Um ponto de convergência é o respeito ou aproximação aos valores regionais, que refletem a identidade e a cultura das comunidades locais. No entanto, esses valores podem ser comprometidos quando a questão das despesas económicas é posta em causa, especialmente quando comparadas a opções mais acessíveis, como ocorre na arquitetura popular. Um ponto de divergência é a variedade de resultados que podem ser obtidos com cada uma das definições. Esta diversidade contribui para um património rural com uma riqueza incalculável, que é preciso preservar e valorizar, reconhecendo a importância de cada uma dessas abordagens arquitetónicas.

Reconhecer o valor do património vernáculo como património cultural a ser preservado é fundamental. A arquitetura vernácula (fig. 5 e 6) é um testemunho vivo da história e das tradições das comunidades, pois reflete modos de vida passados e presentes. Uma herança cultural inestimável, que permite às gerações futuras compreenderem e apreciarem a identidade e a evolução das suas comunidades. Ao preservar e valorizar as construções, técnicas construtivas e elementos arquitetónicos tradicionais, mantemos vivas as tradições e os valores culturais únicos de uma determinada região. Essa diversidade cultural é fundamental para a promoção do diálogo e para a preservação de uma identidade coletiva.

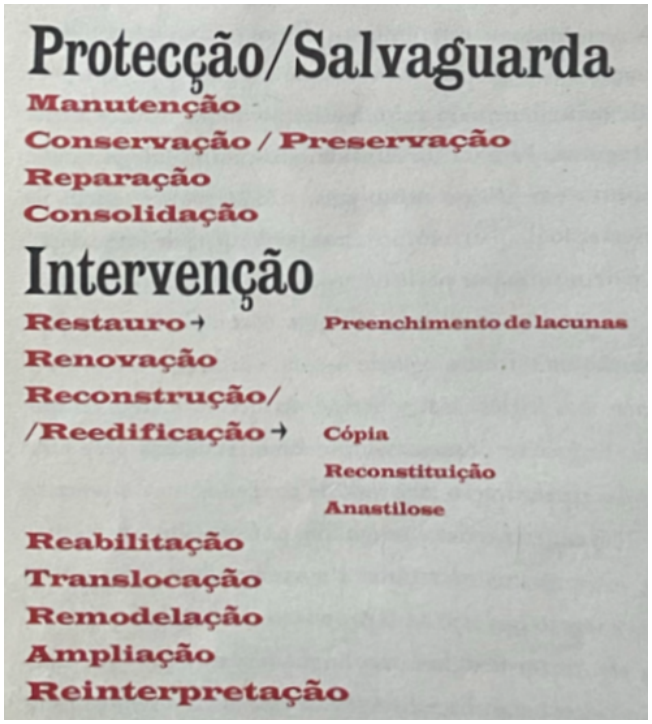


FIG. 7

Síntese de Conceitos
(PEREIRA, 2003, P. 28)

DEFINIÇÃO DE CONCEITOS

Antes da exposição dos princípios internacionais que contribuíram para maior cuidado e interpretação do património vernáculo (FIG. 7), é essencial definir três conceitos que vão ser a base do plano de intervenção deste trabalho: Conservação, Restauro e Reabilitação.

A **conservação** é entendida como "(...) *todos os processos ligados à compreensão e ao cuidado de um lugar de modo a salvaguardar o seu valor cultural e patrimonial* (...). *Exige uma abordagem cautelosa no sentido de se fazer todos os trabalhos necessários, mas tão poucos quanto possível mantendo a autenticidade a integridade*" (*Património Cultural*, 2016, p. 76). Para PEREIRA (2003, p. 28), conservação é sinónimo de preservação, e "(...) *tem como objetivo retardar o processo de degradação de um edifício e* (...) *prolongar o tempo da sua existência* (...). *Em ações de conservação são* (...) *mantidos os vestígios de envelhecimento e os elementos fragmentários de uma edificação. Obras de conservação incluem a construção de escoras* (...), *a construção de coberturas de proteção ou remoção de substâncias nocivas aos materiais construtivos* (...)".

O **restauro** "(...) *é uma intervenção direcionada para um bem patrimonial, com o objetivo de conservar a sua autenticidade e a sua apropriação pela comunidade*" (*Património Cultural*, 2016, p. 90), com objetivo de preservar e dar a conhecer o valor estético e histórico do monumento (ICOMOS, 1964). "(...) *significa restituir o estado inicial (...) ou um estado posterior à edificação de um edifício deteriorado pela ação do tempo e/ou alterado em épocas seguintes* (...). (...) *numa obra do restauro pode remover-se uma parte ou estrato de um objeto (arquitetónico) para expor outro mais antigo considerado de maior importância histórica ou artística. Devido aos problemas de autenticidade inerentes ao restauro, este deve ser realizado somente em casos excecionais* (...). *É sobretudo em ações de restauro que a diferenciação entre original/novo deve ser identificável* (...)" (PEREIRA, 2003, p. 29)

A **reabilitação** é a "(...) *modificação de um recurso segundo padrões funcionais contemporâneos, envolvendo a eventual adaptação a um novo uso*" (*Património Cultural*, 2016, p. 85)

No entanto, isto pode trazer um impacto negativo no edifício, uma vez que "*a reabilitação pode trazer uma carga adicional, nem sempre sendo* (...) *compatível com uma proteção patrimonial ideal. Isto é frequente em obras de reabilitação de edifícios históricos, os quais são adaptados para satisfazer exigências funcionais técnicas para os quais não foram concebidos.* (...) *No entanto, a reabilitação pode também ser acompanhada de uma diminuição da sobrecarga de utilização normal de um edifício, contribuindo assim para a sua melhor preservação*" (PEREIRA, 2003, p. 31)

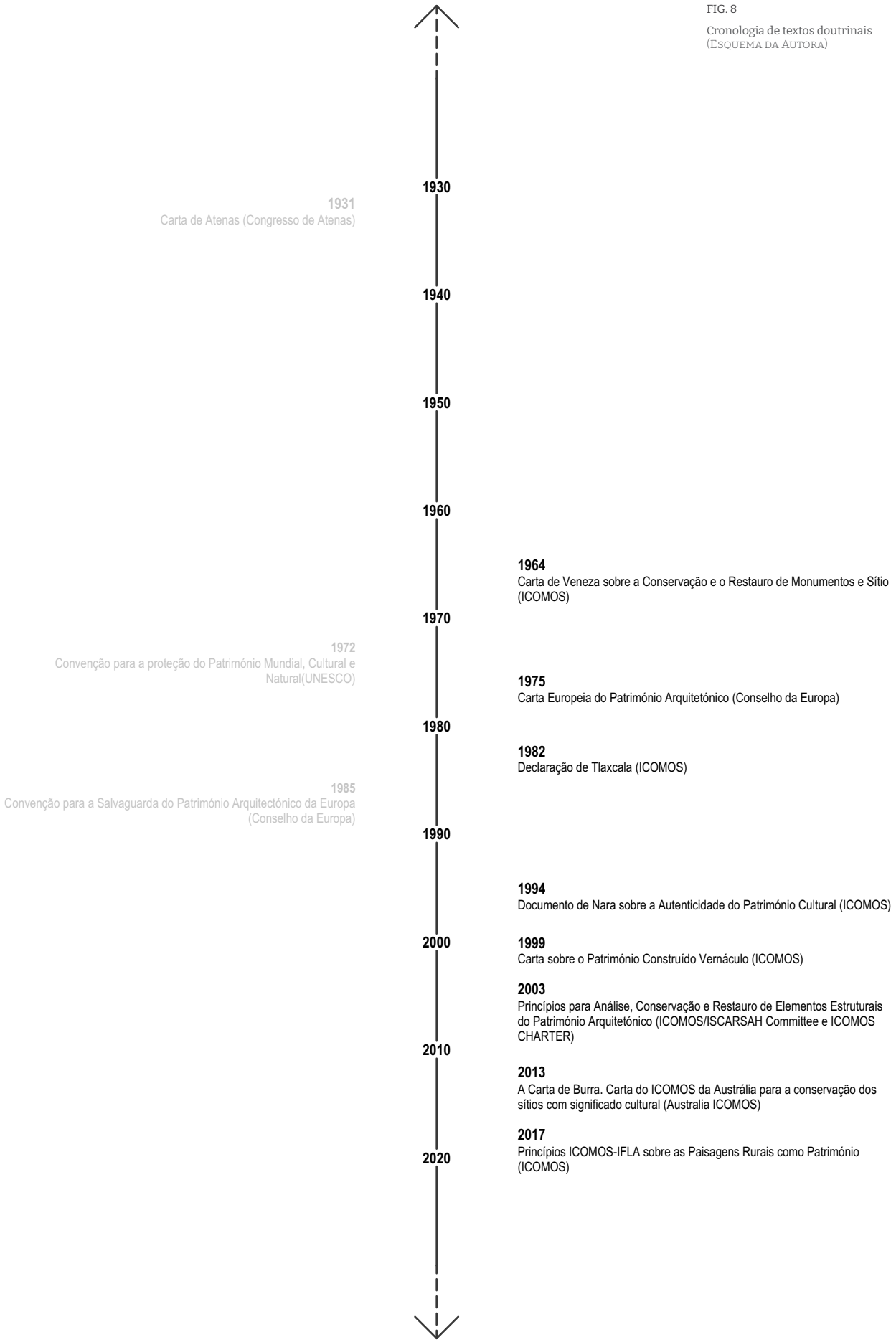


FIG. 8

Cronologia de textos doutrinais
(Esquema da Autora)

PERSPETIVA HISTÓRICA SOBRE TEXTOS DOUTRINAIS

No contexto atual, o conceito mais abrangente de património cultural tem ganho maior valor, nomeadamente nos processos de preservação do património mundial, dado o seu papel fundamental na definição da identidade cultural das populações (Barroso, 2019). Instituições como a Unesco (1945) e o Conselho da Europa (1949) reconhecem a preservação do património arquitetónico como parte do património cultural mundial do Homem (UNESCO, 1972). Assim, pretende-se alcançar maior unidade entre os seus estados-membros com o objetivo de salvaguarda e entendimento de ideais e princípios sobre o seu património comum (Conselho da Europa, 1985).

Para tal, os estados-membros podem contar com o apoio e suporte de instituições de referência como o ICOM (1946), o ICROM (1956) e com o ICOMOS (1964). O ICOMOS é uma organização mundial não-governamental, associada à UNESCO, que se dedica à conservação e proteção do património cultural. A sua fundação teve por base a Carta de Veneza em 1964. É composta por uma equipa multidisciplinar especializada em diversas áreas de estudo, tem como objetivo promover a aplicação prática de técnicas científicas, teóricas e metodológicas para a conservação de património arquitetónico e arqueológico (*"ICOMOS: Home"*, 2022).

De seguida, serão abordados princípios internacionais difundidos por instituições como o ICOMOS e o Conselho da Europa, mencionadas anteriormente. O objetivo desses documentos (fig. 8) é promover o conhecimento e a consciencialização sobre um tipo de património que está sujeito a mudanças drásticas e cuja preservação está ameaçada, ou seja, o património vernáculo. A preservação deste tipo de património é fundamental, uma vez que está ameaçado pela falta de valorização e pela pressão do desenvolvimento moderno.

A análise de texto doutrinais divide-se em dois momentos. No primeiro momento, são apresentadas as cartas que promovem a formulação de princípios nucleares para a preservação do património e onde se demonstra como as ideias e interesses nesse tópico foram sendo reforçados ao longo do tempo. No segundo momento, introduz-se a conceção de metodologias de intervenção adequadas a edifícios antigos. É importante salientar que a Carta de Veneza é a base para as restantes, portanto, dar-se-á mais importância a sua análise. De referir ainda que como a intenção deste trabalho é chegar à enumeração de princípios para a reabilitação do caso de estudo, as abordagens relativas a metodologias de intervenção terão maior ênfase neste capítulo.

PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS DE PRESERVAÇÃO E METODOLOGIAS DE INTERVENÇÃO

A **Carta de Veneza** (ICOMOS, 1964) promove o desenvolvimento de princípios fundamentais na preservação de edifícios antigos, e estes princípios têm por base a definição do seu valor patrimonial. Para isto, é,

FIG. 9

Capela de Santa Maria Madalena, Lindoso Ponte da Barca – anos 50
(APP, 2004 [1961], p. 93)

FIG. 10

Capela de Santa Maria Madalena, Lindoso Ponte da Barca – ano 2017 após intervenção
(BARROSO, 2019, p. 8)

também, necessário entender o significado cultural do contexto em que o edifício se insere. Para avaliação do significado cultural, surge como critério principal o conceito de autenticidade, sendo este um parâmetro fundamental na determinação da diversidade cultural.

A **Carta de Veneza** (1964) apresenta, complementarmente, uma nova perspetiva metodológica, que consiste na interpretação dos monumentos como testemunhos históricos, e não apenas como obras de arte. É de salientar que é incentivado o trabalho de equipas multidisciplinares; a priorização das metodologias de intervenção, que se sustentam em conhecimento científico; a integração das comunidades no trabalho de intervenção; e a utilização privilegiada do uso de materiais originais e tradicional, ao invés da introdução de novos elementos.

Mais tarde, surge o **Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património** (ICOMOS, 1994), onde se define o conceito de autenticidade como sendo um conceito universal, mas que no entanto, deve ser assumido como o resultado de contextos individuais em mudanças constantes. Com isto, revela-se como fundamental o conhecimento aprofundado das caraterísticas do património em estudo, que deve assentar em informação verdadeira e credível, para que o critério de autenticidade seja salvaguardado (FIG. 9 e 10).

A **Carta Europeia do Património Arquitetónico** (CONSELHO DA EUROPA, 1975) refere que o património arquitetónico é a expressão da história do homem, pois ajuda a compreender a importância do passado na vida contemporânea. Trata-se de um capital com valor espiritual, cultural, social e económico insubstituível, uma vez que foi construído ao longo de várias gerações. A Carta alerta para os perigos a que o património arquitetónico está sujeito (FIG. 11 e 12), por múltiplos fatores que vão desde as intervenções inapropriadas ou abandono, e por isso propõem como solução a "conservação integrada".

A **Declaração de Tlaxcala** (ICOMOS, 1982) concentra as atenções nos pequenos assentamentos, defende que estes suportam níveis elevados de identidade autenticidade, devido ao significado cultural intrínseco que contêm, resultado das diversas formas de vida. O documento acautela que a simples conservação do património edificado é ineficaz, sem a preservação das formas de vida das comunidades. Reforça o incentivo ao uso de metodologias multidisciplinar, dada a complexidade que as comunidades contêm.

A **Carta sobre o Património Construído Vernáculo** (ICOMOS, 1999) estimula a necessidade da conservação da arquitetura vernácula, devido ao elevado valor cultural dos edifícios deste tipo de património. A Carta (1999) denuncia os motivos que colocam este património sobre ameaça, e refere a elevada vulnerabilidade a que está sujeito quando confrontado com profundas transformações nas formas de viver; efeito causado pela homogeneização da sociedade e da cultura, e ainda por pressões da globalização.

FIG. 11

Forte de S. António da Barra, Estoril – ano 1986
(CÓIAS, 2017, P. 17)

FIG. 12

Forte de S. António da Barra, Estoril – ano 2017 ou anterior
(CÓIAS, 2017, P. 17)

Os **Princípios ICOMOS-IFLA sobre as Paisagens Rurais como Património** (ICOMOS, 2017) definem as paisagens rurais como sendo áreas terrestres ou aquáticas coproduzidas por interações entre o Homem e a Natureza, usada para produção de comida e para outros recursos naturais renováveis. Portanto, uma vez que todas as áreas rurais têm significados atribuídos por pessoas e por comunidades, são também estas paisagens. Neste documento (2017) a paisagem rural como património refere-se ao património tangível e intangível das áreas rurais, que abrange tanto atributos físicos, tais como a arquitetura vernácula, mas também as configurações e vínculos culturais e ambientais mais amplos.

A **Carta de Burra** (Australia ICOMOS, 2013) (fig. 13) aborda questões fundamentais relacionadas com a preservação do significado cultural. Este documento destaca a importância de reconhecer e valorizar o significado cultural dos lugares. Além disso, enfatiza que a compreensão dos valores culturais associados a um lugar é essencial para uma preservação significativa. Isto envolve considerar a história, a identidade, as crenças, as práticas tradicionais e outros aspetos culturais que dão sentido e significado aos lugares.

Portanto, para definição de uma metodologia de intervenção adequada e compatível com as melhores práticas de preservação internacionais é essencial a precisão científica e multidisciplinaridade, enquanto se incentiva uma metodologia flexível, capaz de se adaptar às circunstâncias e à introdução de novos desenvolvimentos. O método de intervenção proposto , divide-se assim nas seguintes fases: em primeiro, na identificação do significado cultural de lugar; em segundo, no processo de tomada de decisão; e, por último, na implantação do plano, a que se segue a monitorização e avaliação de resultados (Australia ICOMOS, 2013).

A identificação do significado cultural é obtida por meio da caracterização da autenticidade e de elementos identitários (tangíveis e intangíveis) e deverá resultar na determinação de um critério de preservação. O processo de tomada de decisão começa pela análise e diagnóstico de problemas com o objetivo de alcançar conclusões para o desenvolvimento de medidas de gestão, nunca esquecendo o respeito pela cultura vernácula, para a conceção de um plano de intervenção. A implementação do plano, monitorização da intervenção ao longo do tempo e avaliação dos resultados de intervenção servem para assegurar a eficácia do plano. Pretendese, portanto, uma análise de resultados, e se necessário, devem ser acrescentados melhoramentos ao plano de gestão.

O mesmo documento (Australia ICOMOS, 2013), preconiza que a indispensável oportunidade deve ser dada aos participantes de contribuir no processo de reabilitação, em todos os estados da obra, dado o seu papel vital.

Os **Princípios para Análise, Conservação e Restauro de Elementos Estruturais do Património Arquitetónico** (ICOMOS/ISCARSAH Committee e ICOMOS Charter, 2003) referem que a segurança e a preservação da

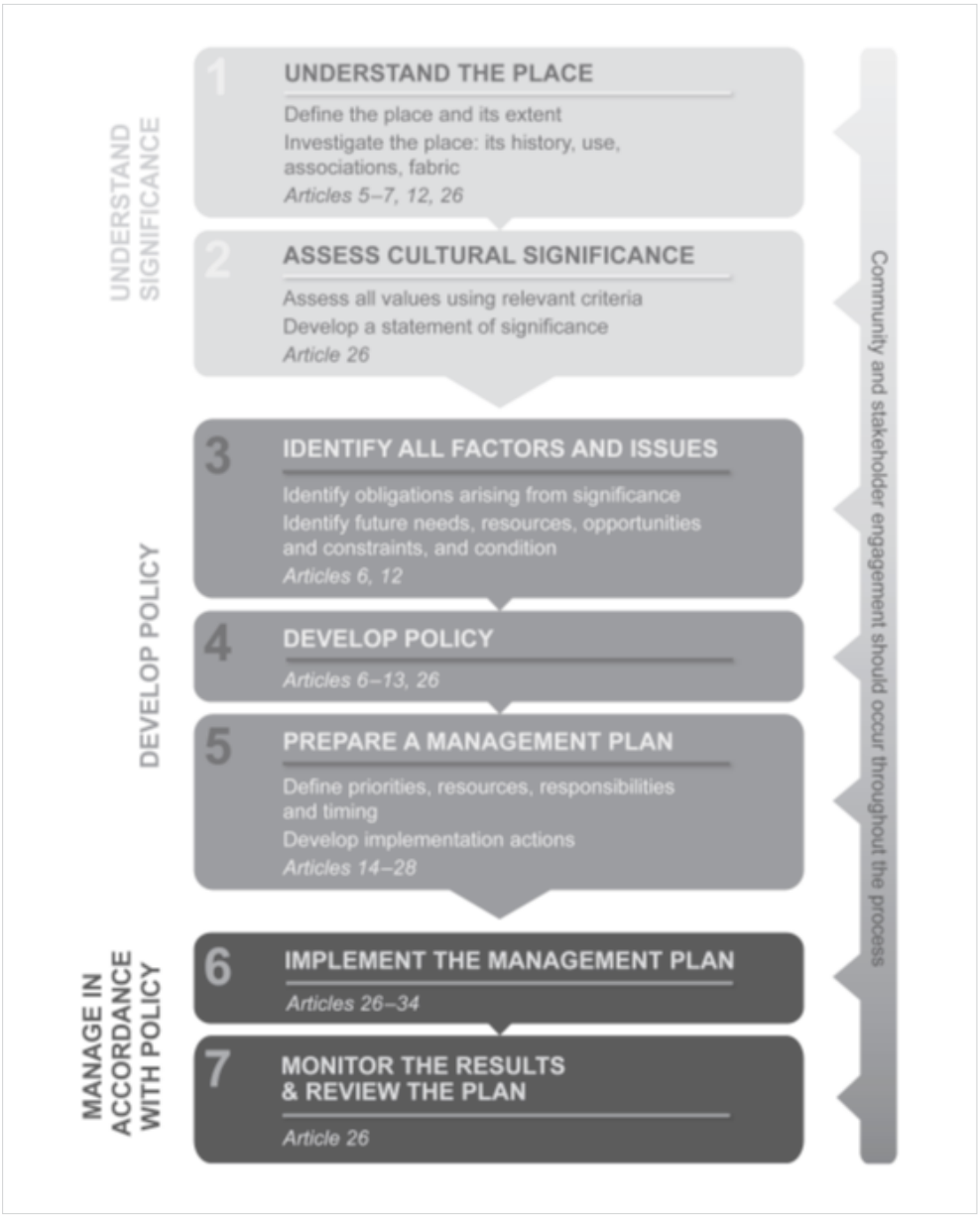


FIG. 13

O processo da Carta de Burra
(AUSTRALIA ICOMOS, 2013, P. 10)

vida humana estão acima qualquer tipo de prioridade. Tendo em consideração o risco existente, as questões de segurança são apresentadas sempre com o mais alto nível de prioridade e devem ser resolvidas antes de todas as outras. Relativamente à avaliação de segurança, esta deve ser sustentada na avaliação dos danos. As medidas de estabilização implementadas devem ser direcionadas para tratamento das causas e não dos sintomas dos estragos.

Segundo os princípios de conservação enunciados anteriormente, a intervenção deve alcançar o equilíbrio entre medidas de intervenção e risco de segurança, de modo a assegurar a solução mais eficaz e sustentável para o problema em mãos, com o balanço custo/beneficio da intervenção. Para a preservação da herança vernácula, a principal recomendação, está na terapia mais eficaz e na manutenção preventiva. Portanto, a metodologia proposta pela carta consiste em quatro etapas, igualitárias às usadas na medicina e, portanto, são dados como exemplos de boas práticas, segundo a seguinte ordem: anamnese, diagnóstico, terapia e controlo.

A anamnese representa a recolha de significado e informação exata, no contexto da herança vernácula. O diagnóstico incide na identificação do estrago do edifício através do histórico do mesmo (ou seja, eventos que causaram estragos relevantes), a recolha e análise de dados qualitativos (observação e identificação de danos) e quantitativos (experimental, monitorização e simulações matemáticas). A terapia corresponde à seleção de medidas curativas e soluções. E o controlo conforma o controlo sobre a eficácia dos resultados.

Em suma, quanto aos princípios centrais de preservação é essencial ter em conta a definição do valor patrimonial dos edifícios antigos (ICOMOS, 1964), sendo que o critério de autenticidade é indicador da diversidade cultural (ICOMOS, 1994). Assim, é fundamental entender o passado para compreender o presente, uma vez que o passado é um capital insubstituível (Conselho da Europa, 1975). É imperativo assegurar a conservação dos pequenos aglomerados, uma vez que estes contém altos níveis de identidade (ICOMOS, 1982), assim com a preservação da arquitetura vernácula edificada (ICOMOS, 1999). Quanto às metodologias de intervenção no património é primeiramente importante identificar o significado do lugar, para que se proceda ao processo de tomada de decisão para a elaboração de plano de intervenção, que será implementado e monitorizado ao longo da sua execução (Australia ICOMOS, 2013). Para preservação e reabilitação estrutural sugere-se uma abordagem semelhante à usada na medicina: anamnese, diagnóstico, terapia e controlo.

Estes princípios e metodologias serão importantes para a segunda parte deste capítulo, onde serão identificados os valores que devem ser preservados e salvaguardados no caso de estudo.

FIG. 14

Delimitação da zona Minho
(APP, 2004 [1961], p. 3)

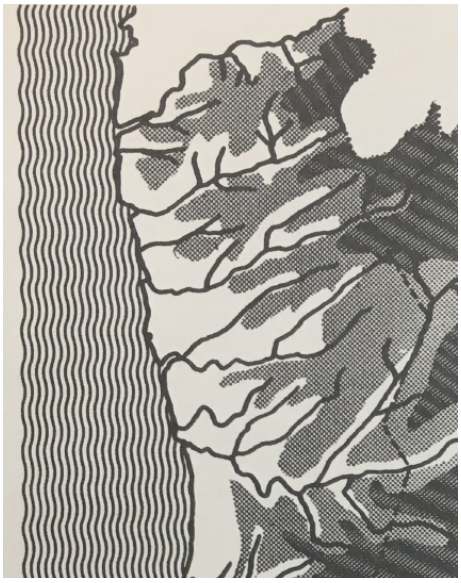


FIG. 15

"Relevo e Hidrografia"
(APP, 2004 [1961], p. 6)

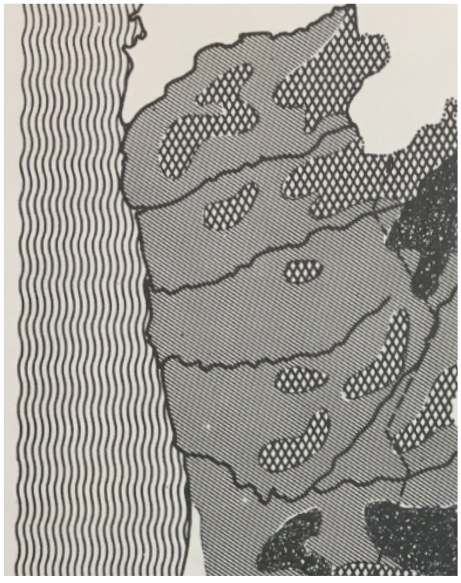


FIG. 16

"Tipos de Culturas" (note-se que na região alvo de estudo deste trabalho domina o milho regado)
(APP, 2004 [1961], p. 6)

1.2. A CASA DE LAVOURA DO MINHO

O **território português**, de acordo com RIBEIRO (1945), organiza-se geograficamente em duas regiões, denominadas pelo autor de "*Portugal húmido*" e "*Portugal árido*". O "*Portugal húmido*" corresponde a parte norte e oeste do país. Identifica-se por um clima influenciado pelo Oceano Atlântico, que modera a temperatura e a humidade e mantém constante a precipitação, o que proporciona a variedade de culturas desta região. O relevo de cariz mais acidentado, tem como presença marcante as montanhas, os vales e os rios. O "*Portugal árido*" delimita-se pela região sul e interior do país. Carateriza-se por um clima mais seco e de influências mediterrâneas, precipitação é menor e a vegetação adapta-se às condições do território. O relevo é mais suave com extensas planícies.

Para efeitos do presente trabalho, para a identificação de princípios de identidade e autenticidade, é importante compreender o contexto histórico em que o caso de estudo se insere quando este se encontrava em pleno funcionamento como Casa de Lavoura, provavelmente até meados do século XX. Com isto, a região do "***Portugal húmido***" será alvo de uma análise com mais detalhe.

Esta região, por sua vez, apresenta diferenças consideráveis "(...) *opõe à Ribeira dos vales largos, terras de milho, vinho e fruta, que formiga de gente em casais disseminados na verdura dos campos, prados e bouças, a Montanha, onde o pinhal, o vinho e o milho rareiam, a população se aglomera em aldeias à roda de campos de centeio, vastos terrenos de pastagem e, sobretudo, enormes extensões de penedia estéril*" (RIBEIRO, 1945, p. 163). Portanto, tanto a zona litoral, a "*Ribeira*", como a zona interior, a "*Montanha*", apresentam caraterísticas singulares, derivado das formas distintas do território (FIG. 14-16). Estas duas formas de relevo no norte de Portugal vão dar origem a configurações de ocupação humana distintas: a dispersão e a aglomeração, respetivamente.

A zona litoral, a "*Ribeira*" será alvo de maior detalhe neste trabalho, pois é nesta que se encontra o caso de estudo. Note-se ainda que a **província de Entre-Douro-e-Minho** é conformada "(...) *pelas montanhas mais chuvosas da Europa*" (RIBEIRO, 1987, p. 7) e "(...) *tem maior densidade de cidades e vilas urbanas do que qualquer outra, portos interiores e de mar e uma concentração vertical de industrias tradicionais*"(RIBEIRO, 1987, p. 5).

O **povoamento rural**, segundo RIBEIRO (2014 [1991], p. 698), compreende "(...) *o conjunto de locais de habitação do campo, em que a maioria dos habitantes se ocupa da exploração da terra sob a forma de agricultura e pastoreio, a industria é rudimentar* (...), *o comércio pouco desenvolvido; povoações que se abastecem principalmente de produtos locais obtidos pelo trabalho dos vizinhos* (...)". A definição de povoamento rural consiste em duas formas distintas de povoamento: o povoamento aglomerado, característico das terras-altas, a "*Montanha*", e o povoamento disseminado ou disperso, específico das terras-baixas, a "*Ribeira*". A distinção entre estas

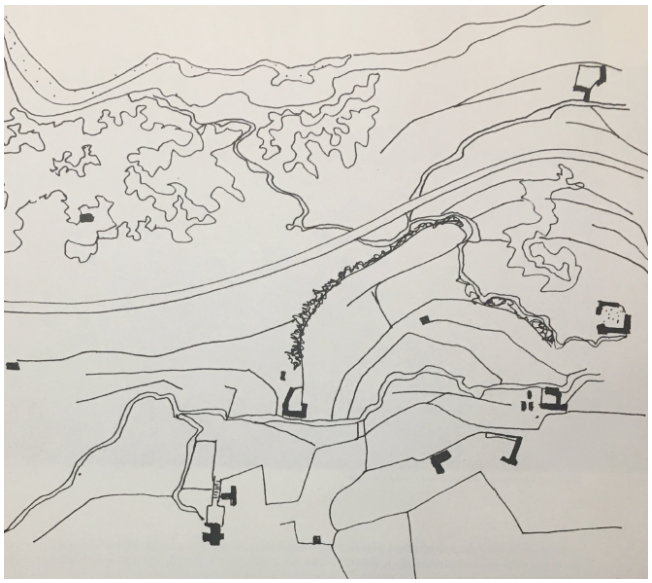


FIG. 17

Esquema de povoamento disseminado
(APP, 2004 [1961], p. 37)

FIG. 18

Exemplo de povoamento dissermi-nado, Balazar, Guimarães
(APP, 2004 [1961], p. 39)

duas formas de ocupação humana, segundo Demangeon citado por Ribeiro (2014 [1991], p. 705), está relacionado com a "(...) *maior ou menor coesão das habitações, o maior ou o menor grau de intimidade destas com os campos de cultura*".

A **disseminação do povoamento** na zona Minho (fig. 17 e 18), de acordo com (APP, 2004 [1961], p. 37), é "(...) *resultante das dominantes geográficas locais, e prolongada evolução da sociedade rural minhota,* (...) *caateriza-se* (...) *pela fixação do lavrador e da sua família juntos das terras que trabalham* (...)" Portanto, esta forma de ocupação do território está intimamente ligada com a configuração da casa de lavoura. Para além disto, na região do baixo Minho existem núcleo concentrados que geralmente correspondem à formação de paróquias, portanto, a dispersão e disseminação do povoamento pode ser constituída por edifícios isolados ou de grupos de edifícios que formam núcleos (Barroso, 2019).

REVOLUÇÃO DO MILHO GROSSO

É fundamental fazer uma breve referência à revolução do milho grosso, e que mudou as lógicas de utilização associadas às Casas de Lavoura do Minho. Este cereal terá chegado a Portugal no início do século XVI e rapidamente se expandiu por todo o país, uma vez que "*na primeira metade do século XVII, é o mantimento mais comum da gente do Minho* (...) *a nova cultura ganhara as terras baixas atlânticas* (...)" (Ribeiro, 1945, p. 174)

A difusão do milho grosso, distinto do milho tradicional, começou pela "(...) *ideia de o sujeitar aos processos usados para os outros cereais* (...)" (Ribeiro, 1945, p. 179). Até esta altura dominava a técnica do "*cereal de regadio*" (fig. 16) aplicado ao milho tradicional, depois da expansão do milho grosso passa a prevalecer a técnica do "*cereal de sequeiro*". Esta nova forma de cultura alterou o funcionamento do complexo agrícola da Casa de Lavoura, com a construção de novos ou adaptação de edifícios e equipamentos especializados na produção e armazenamento do milho grosso, com especial destaque para o Espigueiro, Eiras e Sequeiros. A partir deste momento, as casas passaram a ter uma configuração diferente uma vez que a estrutura agrícola tinha de estar preparada para receber este alimento, fonte de alimentação na zona de estudo a partir do século XVII.

CASAS RURAIS E CASAS AGRÍCOLAS

Com base nas caraterísticas territoriais da área em estudo, procura-se estudar a morfotipologia da Casa de Lavoura do Minho com recurso à literatura. A abordagem a este tema teve por base os seguintes trabalhos: Inquérito à Habitação Rural (1943), *Arquitectura Tradicional Portuguesa* (1992), *Arquitetura Popular em Portugal* (2004 [1961]), *The Rural Vernacular Construction of the Entre-Douro-e-Minho of the Entre-Douro-e-Minho* (2019) e *A construção vernacular em xisto entre o Cávado e o Ave - o caso*

Indicadores	A. Casa de trabalhador rural/camponês	B. Casa de pequeno lavador	C. Casa de médio lavrador	D. Casa de grande lavrador	E. Quinta, ou solar
1.Implantação	À face da rua	À face da rua	À face da rua	À face da rua	À face da rua
2.Relação com o exterior	Há acesso para o exterior, mas protege-se deste	Há acesso para o exterior, mas protege-se deste	Há acesso para o exterior, mas protege-se deste	Há acesso para o exterior, mas protege-se deste	Há acesso para o exterior, mas protege-se deste
3.Contacto com o espaço público	Porta para a rua	Porta para a rua	Portão (porta carral) para a rua	Portão (porta carral) para a rua	Portão (porta carral) para a rua
4.Volumetria	Volume único e simples	Volume principal e um ou mais volumes secundários adossados	Volume principal e volumes secundários adossados	Volume principal e volumes secundários adossados	Volume principal e volumes secundários independentes do principal e Adossados entre si.
5.Número de pisos	Um ou dois	Um ou dois	Um ou dois	Dois	Dois ou três, o terceiro com mirante
6.Acessos	Da rua para o edifício ou para a horta.	Da rua para o edifício ou para a horta.	Da rua para o quinteiro, deste para a escada de alvenaria de pedra e deste para a varanda e para a habitação	Da rua para o quinteiro, deste para a escada de alvenaria de pedra e deste para a varanda e para a habitação	Acesso da habitação independente do acesso para os compartimentos agrários
7.Espaços exteriores	Se existirem, pequenas hortas	Hortas ou áreas de serviços agrícolas	Áreas de serviços agrícolas	Áreas de serviços agrícolas	Áreas de serviços agrícolas; quintal ou jardim independente
8.Usos	Habitação e, por vezes, agrícola	Habitação e agrícola	Habitação e agrícola	Habitação e agrícola	Habitação e agrícola
9.Organização programática	Compartimento único, para todas os usos	Dois compartimentos (um para usos comuns, outro para usos privados) separados por uma parede de madeira.	Divisão entre privado e comum. Andar para áreas comuns e privadas. Térreo para serviços agrícolas. Presença de escada exterior, faz a comunicação entre os dois pisos.	Na habitação, divisão entre áreas privadas e áreas comuns. Compartimentos agrários independentes. Presença de escada exterior, faz a comunicação entre os dois pisos.	Habitação independente dos compartimentos agrários.
10.Fachadas	Proporção horizontal	Proporção horizontal	Proporção horizontal	Proporção horizontal	Proporção horizontal
11.Vãos	Tamanho reduzido, sem métrica definida	Tamanho reduzido, sem métrica definida	Tamanho reduzido, sem métrica definida	Tamanho reduzido, sem métrica definida	Tamanho maior de proporção rectangular.
12.Cobertura	De águas inclinadas	De águas inclinadas	De águas inclinadas	De águas inclinadas	De águas inclinadas
13.Estética	Pobre	Pobre	Pobre	Pobre	Maior atenção ao detalhe e à decoração
14.Sistema de construção	Elementos verticais em alvenaria de pedra, e por vezes em madeira Elementos horizontais em madeira.	Elementos verticais em alvenaria de pedra, e por vezes em madeira Elementos horizontais em madeira.	Elementos verticais em alvenaria de pedra, e por vezes em madeira Elementos horizontais em madeira.	Elementos verticais em alvenaria de pedra, e por vezes em madeira Elementos horizontais em madeira.	Elementos verticais em alvenaria de pedra, e por vezes em madeira Elementos horizontais em madeira.

TAB. 1

Estudo do cruzamento das morfotipologias com os indicadores de autenticidade e identidade (Esquema da Autora)

FIG. 19

Exemplo de Casa Elementar Básica, Barqueiros, Barcelos
(BARROSO, 2019, p. 70)

FIG. 20

Exemplo de Casa Pequeno Lavrador, Balazar, Póvoa do Varzim
(BARROSO, 2019, p. 70)

FIG. 21

Exemplo de Casa Médio Lavrador, Vilar de Figos, Barcelos
(BARROSO, 2019, p. 70)

FIG. 22

Exemplo de Casa Médio Lavrador, Fonte Boa, Esposende
(BARROSO, 2019, p. 70)

FIG. 23

Exemplo de Casa Grande Lavrador, Cristelo, Barcelos
(BARROSO, 2019, p. 70)

FIG. 24

Exemplo de Quinta, Rio Côvo de Stª Eugénia, Barcelos
(BARROSO, 2019, p. 30)

de Barqueiros (2012). A escolha destes trabalhos justifica-se por se inserirem no mesmo âmbito de investigação e pela sua pertinência para a abordagem do estudo em questão, permitindo uma melhor compreensão da morfotipologia da Casa de Lavoura do Minho e uma perspetiva temporal da evolução do estudo sobre o tema (1943-2019).

A habitação rural do Minho pode dividir-se em Casa de Trabalhador Rural/Camponês ou Casa Elementar Básica (FIG. 19), e Casa de Lavoura, e neste caso em Casa de Pequeno Lavrador ou Casa Simplificada (FIG. 20), Casa de Médio Lavrador ou Casa Completamente Organizada (FIG. 21 e 22), Casa de Grande Lavrador ou Casa Complexa (FIG. 23), e por fim em Quinta/Solar e Casa Burguesa/Brasileira (FIG. 24) (BARROSO, 2012, 2019). Para além da dimensão que cada categorização tem, sendo a Casa de Trabalhador Rural a estrutura com menor dimensão e a Quinta a estrutura de maior dimensão. A dimensão de cada habitação está associada à compartimentação, ou seja, a maior compartimentação do espaço dá lugar à diversificação de tarefas, cada compartimento tem uma função especifica, o que implica que a casa tenha maior dimensão, isto acontece nas casas maiores. O oposto acontece em casas mais pequenas, em que a compartimentação única serve várias funções, desde habitação a compartimento de trabalho e até agrícola.

O Caso de Estudo insere-se por comparação com a informação recolhida, na *Casa de Médio Lavrador*. Assim, a análise da morfotipologia estará focada nas tipologias de Casa de Lavrador, ou seja, a *Casa de Pequeno, Médio e Grande Lavrador*. Deste modo, serão identificadas diferenças entre as três categorizações, justificando de forma mais acertada a tipologia à qual o caso de estudo se assemelha. Para tal, vai ser estudado um conjunto de parâmetros fundamentais para compreender a morfotipologia em estudo, que tem por base a procura de caraterísticas de autenticidade e identidade, convertidas em indicadores de autenticidade e identidade, que têm em conta: implantação, volumetria, sistema construtivo, cobertura, usos, espaços exteriores, relação com o exterior, acessos, contacto com o espaço público, fachadas, vãos, estética e organização programática. Este trabalho encontra-se sintetizado numa tabela, na qual se faz relacionar as tipologias com os indicadores de identidade e autenticidade (TAB. 1).

Resumidamente, o modelo tipo das Casas de Lavoura divide-se em duas partes: uma com função residencial e outra com função agrícola. Volumetricamente, o edifício principal pode ter dois pisos, neste caso sempre com habitação no andar, e compartimentos agrícolas no térreo, podendo também existir anexos agrícolas independentes do edifício principal. Por norma, a casa desenvolve-se em torno de um pátio exterior murado, e implanta-se quer num núcleo rural com outras casas ou isoladamente. As fachadas caraterizam-se por terem janelas no andar e portas no térreo; a pintura das fachadas pode variar, dependendo do nível social dos seus habitantes. A estética é guiada por princípios racionais, considerada austera e rude (BARROSO, 2019; BASTOS e BARROS, 1943) .

FIG. 25

Exemplo de varanda de madeira, Ponte do Porto, Amares
(APP, 2004 [1961], p. 71)

FIG. 26

Exemplo de chaminé de fumeiro, Marco de Canavezes
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 27

Exemplo de escada externa em alvenaria de pedra, Aldoar, Porto
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

As casas agrícolas, segundo Barroso (2019), são unidades de produção agrárias, compostas por: edifício de habitação, complexo produtivo e quinteiro. O edifício de habitação é a "*casa rural*", parte integrante da estrutura de produção. O complexo produtivo é a combinação de vários tipos de edifícios, habitacionais ou agrários, dispostos ao redor do quinteiro. Por tanto, as casas rurais distinguem-se das casas agrícolas no seu uso, sendo que nas casas rurais prevalece o uso habitacional sobre o uso agrário e geralmente estão associadas aos escalões mais baixos da sociedade rural. Note-se que os campos de cultivo e parcelas florestais que compõem a propriedade, contiguas ou não, não fazem parte do complexo produtivo porque encontram-se fora dos limites do complexo, mas, no entanto, fazem parte integrante da Casa de Lavoura

No que concerne às casas rurais, a estas estão associados elementos caraterísticos como varandas ou varandins (fig. 25) e alpendres ou telheiros; chaminé de fumeiro (fig. 26); e simbolismo e importância dada à escada externa (fig. 27) de acesso à habitação (Barroso, 2019). Note-se que os alpendres são caraterísticos dos edifícios de um piso enquanto que as varandas são identificadas nos edifícios de dois pisos, o acesso à varanda é feito pela escada externa de alvenaria de pedra paralela ou perpendicular à fachada (Barroso, 2019; Oliveira e Galhano, 1992). A chaminé de fumeiro é um dispositivo importante nas casas de lavoura que serve para a preservação da carne através da exposição ao fumo, estes elementos têm uma forte presença no desenho da casa pois tanto pela sua falta como pela sua imponente presença (Oliveira e Galhano, 1992).

As varandas e alpendres são elementos fundamentais nas casas rurais e fazem a transição dos espaços exteriores, isto é, do caminho ou rua para o quinteiro e da escada de alvenaria para o interior da habitação. Servem ainda como arrumação, sequeiro, entre outros. Portanto, são áreas multifuncionais (Barroso, 2019), ou seja, uma espécie de extensão do espaço doméstico ou espaço de trabalho e de recreação (Oliveira e Galhano, 1992).

INDICADORES DE AUTENTICIDADE E DE IDENTIDADE DAS CASAS DE LAVOURA

Regra geral, as casas **implantam-se** junto aos caminhos e encontram-se, nalguns casos, isoladas e espalhadas entre as suas terras de cultura (Oliveira e Galhano, 1992), numa organização territorial caraterística da zona atlântica, referida anteriormente (Oliveira e Galhano, 1992). As Casas de Lavoura caraterizam-se pela sua inserção num complexo produtivo que é fechado e murado ao exterior, geralmente com as dependências agrícolas dispostas à volta de um pátio, chamado terreiro ou quinteiro, junto à eira (Oliveira e Galhano, 1992).

Relativamente à disposição dos edifícios, as casas podem adquirir várias configurações de composição do seu complexo, as mais comuns são: de

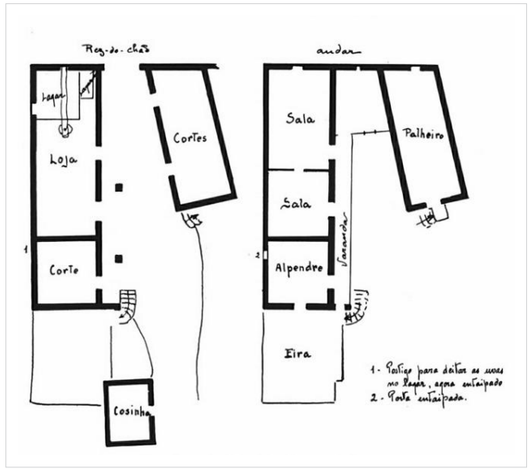


FIG. 28

Implantação de casa de lados opostos
(Oliveira e Galhano, 1992)

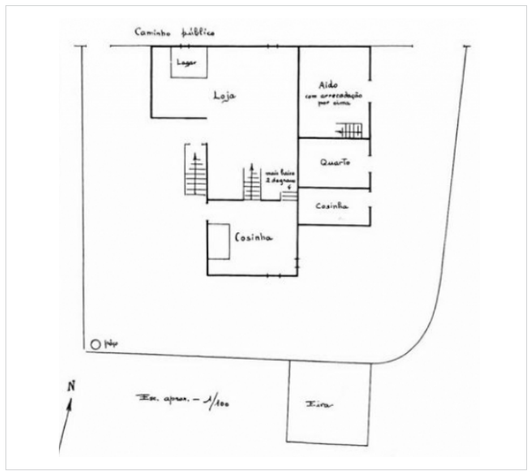


FIG. 29

Implantação de casa em "L"
(Oliveira e Galhano, 1992)

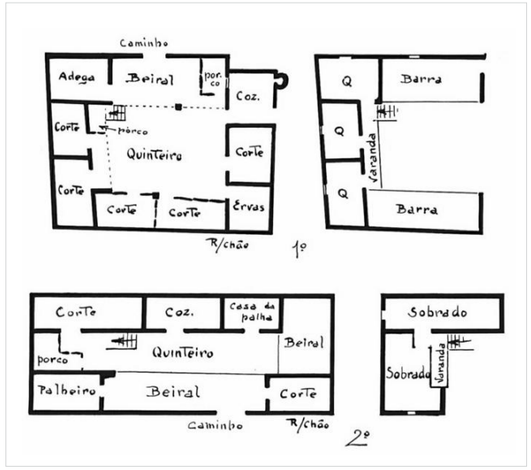


FIG. 30

Implantação de casa em "O"
(Oliveira e Galhano, 1992)

FIG. 31

Implantação de casa em "U"
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

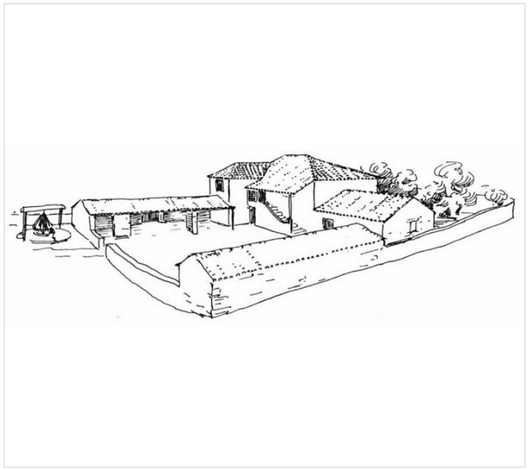


FIG. 32

Exemplo de casas com um piso, Darque, Viana do Castelo
(BASTOS E BARROS, 1943, P. 67)

FIG. 33

Exemplo de casa com dois pisos, Malta, Vila do Conde
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

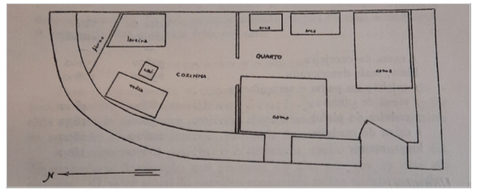


FIG. 34

Organização programática de Casa de Pequeno Lavrador, Darque, Viana do Castelo
(BARROSO, 2019, P. 68; BASTOS E BARROS, 1943, P. 147)

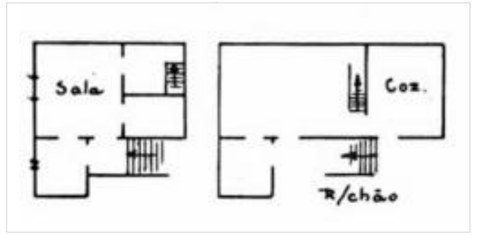


FIG. 35

Organização programática de Casa de Médio Lavrador, Barreiros, Maia
(BARROSO, 2019, P. 68; OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

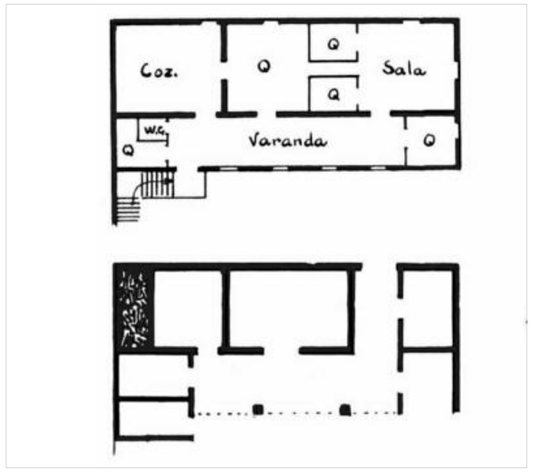


FIG. 36

Organização programática de Casa de Grande Lavrador, Gemeses, Esposende
(BARROSO, 2019, P. 68; OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

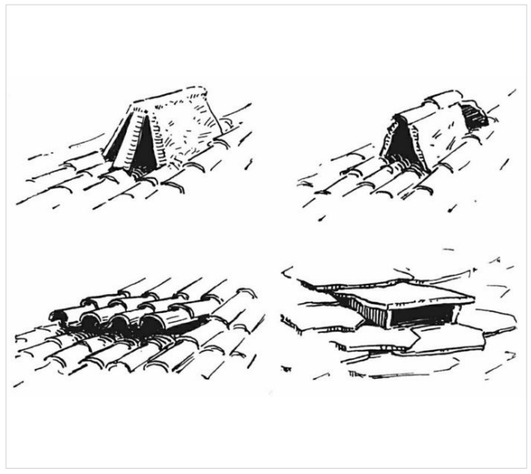


FIG. 37

Dispositivo rudimentar de chaminé de telhas erguidas
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

lados opostos (FIG. 28), em "*L*" (FIG. 29), em "*O*" (FIG. 30) ou "*U*" (FIG. 31). As configurações podem associar-se às tipologias de *Casa de Médio Lavrador* - lados opostos ou em "*L*" – e *Casa de Grande Lavrador* – em "*U*" ou em "*O*", apesar de não ser regra (BARROSO, 2019; OLIVEIRA e GALHANO, 1992).

A **volumetria** das casas caracteriza-se por volumes simples que se adaptam aos limites da propriedade, adquirindo formas mais ou menos regulares conforme a forma do terreno em que se inserem (OLIVEIRA e GALHANO, 1992). Observa-se a existência de um volume principal, onde se encontra a habitação, e, adossados a este, volumes secundários, onde estão os compartimentos agrários (BARROSO, 2019).

A dimensão do complexo produtivo varia conforme a tipologia de Casa de Lavoura. Ou seja, o espaço exterior da *Casa de Pequeno, Médio e Grande Lavrador*, compreende um complexo agrícola de pequena, média e grande dimensão, respetivamente (BARROSO, 2019), em função do tamanho da propriedade cultivada. A habitação relaciona-se com os espaços exteriores do complexo produtivo através da escada externa de alvenaria de pedra, e os restantes espaços e edifícios por portas/portões.

O **acesso** à casa é geralmente um acesso indireto, ou seja, a entrada no complexo da Casa de Lavoura faz-se pela porta carral, que dá para o pátio ou quinteiro, e daí, acede-se aos compartimentos agrários e à habitação. Nas casas mais pequenas, o acesso pode ser feito diretamente da rua (BARROSO, 2019).

Regra geral, é a porta carral que permite o acesso **com o espaço público**. No entanto, as tipologias mais pequenas sem complexo produtivo, à semelhança das casas rurais, podem ter uma relação mais imediata com a rua, tendo apenas janelas e portas para o exterior sem que haja o portão do quinteiro.

Os **usos** destas tipologias são sempre habitacionais e agrícolas por se tratar de casas com forte componente agrária. Sendo que, em casos específicos, o piso térreo pode conter espaços comerciais, as "*vendas*", e ainda estalagens, as "*dormidas*", abertos para a rua em áreas onde haveria maior concentração da população (OLIVEIRA e GALHANO, 1992). Com isto, a abertura para o espaço público é evidente através de vãos maiores.

O **número de pisos** varia conforme a dimensão das casas. Os edifícios mais pequenos teriam um piso (FIG. 32) e as maiores podem ter dois (FIG. 33), "*casas-bloco*" (OLIVEIRA e GALHANO, 1992). Os edifícios com influências resultantes da emigração para o Brasil podem ter um terceiro piso recuado chamado "*mirante*" (BARROSO, 2019). A diferença está na forma como é feita a distribuição do programa, ou seja, para casas térreas, a organização é horizontal: o rés-do-chão contém tanto funções residenciais como funções agrárias. Nas casas com dois pisos a organização é vertical, e existe uma diferença substancial: as áreas habitacionais encontram-se no andar sobre os compartimentos agrários no térreo (BARROSO, 2019).

Layout design	Smaller houses typologies			Larger houses typologies	
	Single-cell or Basic	Simplified	Full organized	Complex	*"bourgeoise"* or *"brazilian"*
Organization	Common and private areas all sharing the same compartment	Divided into a common and private areas	Private areas fully separated from the common areas,	Different private common, and working compartments	Different private, common, and independent dwelling services compartments
Bedrooms or private areas (< 10 m^2 small indiv.; < 5 m^2 alcoves)*	All functions sharing the same compartment	One individual small or large or alcoves	One individual small or large or alcoves	Several compartments (including for employees)	Several types of compartments (e.g. master bedroom or handmaid's bedroom)
Living room (very variable sizes)*	All functions sharing the same compartment	Sharing the compartment with the kitchen and/or private areas	Individual compartment (ceremonial character)	One or multiple compartment with several functions (e.g. Easter room or weaving room)	Several compartments with distinct functions (e.g. dining room or guests' rooms)
Kitchen (% of the dwelling internal area)*	All functions sharing the same compartment	Sharing a common compartment; individual compartment (30% - 40%)	Individual compartment in the upper or ground-floor; in a coalescent volume (< 30%)	Individual compartment in the upper or ground-floor; main or secondary kitchen in a coalescent volume	Individual compartment in the main building, or in an independent building
Farming compartments	All functions sharing the same compartment	Inside the dwelling; individual compartments; annex or other buildings (if a farmhouse)	Independent areas; compartment in the same floor or beneath the dwelling; other buildings in the farmstead	Independent areas; some building beneath the dwelling; independent buildings in the farmstead	In independent buildings
Connection between compartments	None	None or through the living room, small porch, or balcony	Small corridors; internal timber service stairs (average 0.9 m wide); directly through the porch or balcony		Main and service corridors, halls, and stairs; directly through the porch or balcony
Main access	Directly from the street or kitchen garden; or through a masonry stair	Directly from the street or external area (porch); or from a masonry stair through a covered landing or large balcony	From the farmstead, directly through a porch; or from a masonry stair through a covered landing or large balcony		From the farmstead or private yard, directly through a porch; or from a masonry stair through a covered landing or large balcony

TAB. 2

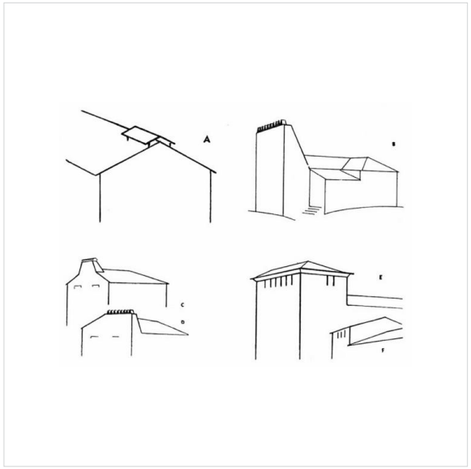
Caraterísticas básicas da organização interna da habitação rural do Entre-Douro-e-Minho (BARROSO, 2019, P. 65)

FIG. 38

Setor da casa onde se ergue a chaminé de grandes dimensões
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 39

Configurações que chaminés de grandes dimensões podem adquirir
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)



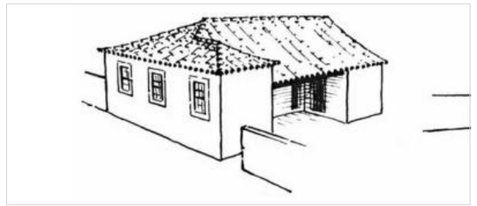


FIG. 40

Exemplo de casa térrea com janelas para o caminho
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

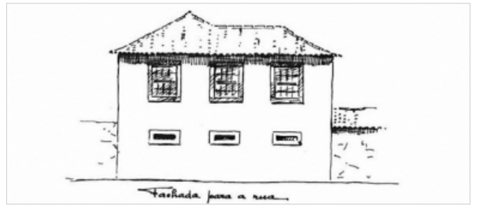


FIG. 41

Exemplo com casa de dois pisos com janelas no andar e postigos no térreo
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

As vantagens para as "*casas-bloco*" são, em primeiro lugar, a redução do número de edifícios, pois concentram-se mais funções na mesma porção de solo; por consequência, ao colocar os bens e os animais por baixo da habitação, estes estão protegidos e os animais podem, ainda, contribuir para o aquecimento das habitações; e ainda, como a posição da habitação encontrase a uma cota mais elevada, permite uma vigilância privilegiada das terras de cultura (Barroso, 2019; Oliveira e Galhano, 1992).

A **organização programática** depende da dimensão da estrutura e se esta é mais ou menos organizada ou dividida (fig. 34-36). Para ilustrar a organização interior das casas com dados mais concretos apresenta-se a tab. 2 de Barroso (2019). Com isto observa-se que quanto maior a tipologia, mais compartimentação existe, havendo espaços dedicados a funções específicas. O contrário acontece em tipologias menores, em que a mesma divisão permite a efetuação de tarefas diversas. Isto tanto para as áreas domésticas como para as áreas agrárias. Quanto à articulação entre espaços, a mesma regra é aplicada. Para tipologias maiores, temos pequenos corredores, escadas, etc. Para as mais pequenas temos, espaços que se interligam pela sala, ou diretamente entre eles. A utilização de alpendres e varandas para fazer a ligação/acesso a espaços é comum nas diversas tipologias (Barroso, 2019; Oliveira e Galhano, 1992).

O **sistema construtivo** segue sempre a mesma regra, independentemente da tipologia: elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra, frequentemente, granito ou, por vezes, xisto, dependendo dos recursos naturais dos locais. As paredes de pedra são constituídas, a maioria das vezes, por duas folhas, integrando um paramento interior e exterior, unidos por peças que vão de face a face, os "*juntouros*" (Oliveira e Galhano, 1992). A estrutura da cobertura e do pavimento, assim como o próprio pavimento, são em madeira; neste material são também as divisões internas (Appleton, 2003).

A **Cobertura**, regra geral, é de águas inclinadas e variam entre as duas, três ou quatro águas, dependendo da tipologia e da importância do edifício (Oliveira e Galhano, 1992). Nos edifícios agrícolas mais pequenos os telhados eram de uma ou duas águas, enquanto nos maiores eram de três ou quatro águas: trata-se de uma questão construtiva: maior área para cobrir, maior necessidade de águas (Appleton, 2003; Barroso, 2019). A cobertura dos alpendres e dos varandões é, construtivamente, uma extensão do telhado principal, apoiado sobre pilares de pedra ou paredes de alvenaria. O pavimento é em soalho sobre vigas de madeira (Oliveira e Galhano, 1992). O revestimento da cobertura podia ser de elementos cerâmicos como telha caleira (substituída posteriormente pela telha marselha) ou de elementos vegetais como o colmo, isto nas construções mais pobres e de montanha, antes da proliferação da telha (Oliveira e Galhano, 1992).

FIG. 42

Exemplo de sequeiro, Ferreiros, Póvoa do Varzim
(APP, 2004 [1961], p. 56)

A chaminé de fumeiro está em falta nos níveis mais pobres, sendo apenas um dispositivo rudimentar de telhas erguidas (FIG. 37). Nas casas com estatuto social maior, podia ou não haver chaminé de fumeiro, mas quando havia as mesmas apresentavam uma grande dimensão ocupando uma parte da parede do edifício (FIG. 38 e 39) OLIVEIRA e GALHANO (1992).

Nas **fachadas** das várias tipologias prevalece a proporção horizontal e sem qualquer ornamento. A diferença consiste no uso ou não de parede de pedra à vista ou pintada. Quanto maior a tipologia, mais cuidado há em não deixar a pedra à vista, demonstra maiores posses por parte do proprietário (BARROSO, 2019). Por norma, apenas as habitações e, excecionalmente, alguns edifícios do complexo produtivo (como os varandões) tinham as fachadas pintadas (BARROSO, 2019). De um modo geral, eram casas mais austeras e sem ornamentos. No entanto, as casas mais abastadas poderiam ter frisos, beirais mais elaborados ou até molduras pintadas e decoradas (BASTOS e BARROS, 1943). Ou seja, uma decoração de caracter racionalista e estruturalista, o que era sinal de estatuto (BARROSO, 2019).

Os **vãos** das casas apresentam variações entre casas de um piso e casas de dois pisos. Quando a casa é térrea (FIG. 40), as aberturas consistem maioritariamente em portas ou vãos muito reduzidos como os postigos para o caminho. Quando a casa tem dois pisos (FIG. 41), o térreo deixa de ter portas para a via pública e passa a ter portas apenas para o complexo produtivo e deixa de ter portas para o espaço público, exceto a porta carral, porém pode ou não conter postigos, ou gateiras, para a rua ou caminho. No andar, as janelas são de proporção maior que as existem no térreo.

A proporção das janelas, por norma, segue uma regra de orientação vertical, enquanto os postigos são horizontais. As aberturas estão geralmente alinhadas entre os dois pisos, por isso, apresentam uma métrica definida. Os espaços agrícolas apresentam apenas postigos, para além das portas. A sacada é um elemento utilizado em níveis sociais mais elevados e posiciona-se grande parte das vezes por cima do portão do quinteiro.

A **estética** define-se por princípios racionais o que resulta num aspeto rude e austera (BARROSO, 2019; BASTOS e BARROS, 1943). No então, observa-se que nos níveis económicos mais pobres há maior descuido na manutenção, adquirindo um aspeto de decadência (BASTOS e BARROS, 1943). Nos níveis económicos mais ricos, há maior cuidado na manutenção da casa porque há, também, mais dinheiro disponível para este tipo de gastos. Além disso verifica-se que há maior atenção á qualidade do detalhe das cantarias (BARROSO, 2019).

FIG. 43

Exemplo de espigueiro de madeira, Chamoim, Terras de Bouro
(APP, 2004 [1961], p. 61)

COMPARTIMENTOS E EDIFÍCIOS DE PRODUÇÃO AGRÍCOLAS

A paisagem rural da área atlântica (o "*Portugal Húmido*") é dominada pelo ciclo agrário do milho. Este é fundamentalmente um cereal de regadio, requer a colheita da espiga, posterior secagem e armazenamento. Na área em questão as unidades agrícolas, as casas de lavoura, têm instalações adequadas para a secagem deste cereal. Por tanto, relacionados o ciclo agrário do milho existe o sequeiro ou o varandão (FIG. 42) e eira, para secagem de cereais por exposição ao sol e ao ar; em casas de maior dimensão, este conjunto pode ainda formar uma estrutura autonomizada denominada localmente por a "*casa da eira*" ou "*loja do cereal*"; e o espigueiro (FIG. 43), para armazenamento em espiga deste cereal (DIAS; OLIVEIRA e GALHANO, 1994).

Além de compartimentos ou edifícios de produção agrícolas associados ao milho existem outros presentes nas casas de lavoura, a já referida chaminé de fumeiro, para secagem por exposição ao fumo e ao calor do fogo (para preparação da carne de porco, por exemplo); a adega do vinho, para conservar e armazenar vinho; e as cortes do gado, para proteção do gado (DIAS; OLIVEIRA e GALHANO, 1994), e inúmeros telheiros e arrumos para guardar alfaias e ferramentas.

Sendo assim, é possível associar estas dependências agrícolas aos tipos de casas anteriormente mencionadas. Por exemplo, no que diz respeito à secagem e armazenamento do milho, observa-se que as casas maiores compreendem dependências mais especializadas para cada tipo de função. Outro exemplo está nas quintas dedicadas à produção do vinho, estas casas agrícolas de grande dimensão dedicam-se exclusivamente ao tratamento desta fruta.

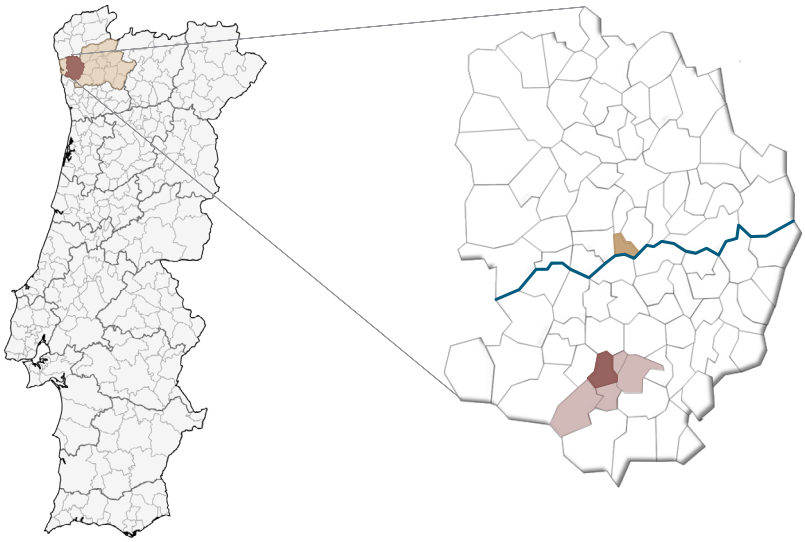


FIG. 44

Enquadramento do concelho de Barcelos e da freguesia de Pedra Furada
(Imagens editadas pela autora)

FIG. 45

União de freguesias de Chorente, Góios, Courel, Pedra Furada e Gueral
(Google Earth)

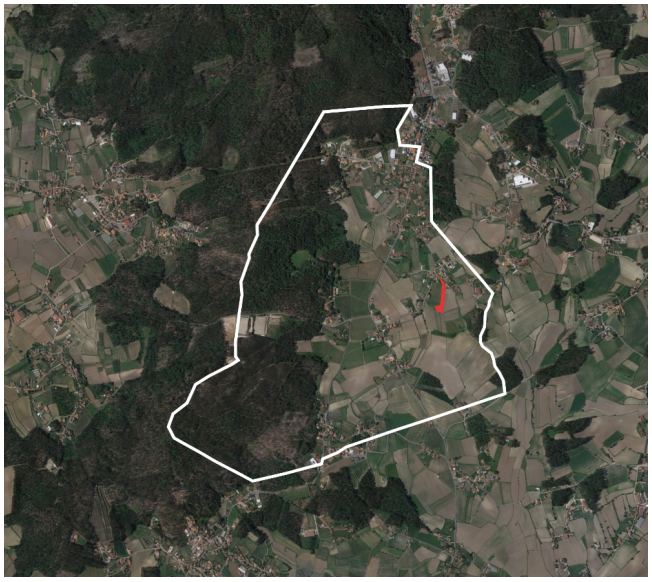


FIG. 46

Freguesia de Pedra Furada com a identificação do Caso de Estudo
(Google Earth)

CAPÍTULO II. **CASO DE ESTUDO**

2.2. CARATERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

PEDRA FURADA

De seguida, será realizado um breve enquadramento do concelho de Barcelos (FIG. 44) e da freguesia de Pedra Furada (FIG. 45 e 46), com base na literatura. É importante abordar este tópico para que haja um enquadramento histórico *in sito* do caso de estudo, uma vez que a morfotipologia em estudo foi predominante no concelho e na freguesia. Portanto, reabilitar e proteger este Caso de Estudo é preservar uma parte da história deste território, ou seja, contribui para a salvaguarda do valor patrimonial da freguesia de Pedra Furada.

Segundo CUNHA (1932), Barcelos é de origens pouco conhecidas, provavelmente pré-históricas, ascende a condado no século XV, a ducado no século XVI e eleva-se a cidade no ano de 1928. Atualmente, o concelho divide-se em 61 freguesias, depois da reordenação administrativa de 2013. O rio Cávado, elemento que divide o concelho em duas partes: uma Norte, outra Sul, nasce na Serra de Larouco (das mais altas de Portugal excedida apenas pela Serra da Estrela), faz o seu percurso em território português e desagua no Oceano em Esposende. A cidade situa-se na margem Norte, enquanto Pedra Furada localiza-se a Sul do Cávado, já distante desta linha de água (FIG. 44).

A atividade agrícola é presença relevante no território do baixo Minho, e característica importante da zona litoral onde se localiza o concelho de Barcelos. Observa-se a *divisão da terra* em pequenas propriedades, delimitados por muros, e a disseminação do povoamento, onde surgem casas mais isoladas que aglomeradas, "*o solo cultivado* (...) *divide-se e subdivide-se na multiplicidade inumerável das pequenas propriedades* (...)" (CUNHA, 1932, p. 10). O subsolo é composto maioritariamente por

FIG. 47
Caso de estudo – vista da rua de Souzelas
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 48
Casa cor-de-rosa
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 49
Igreja de Pedra Furada
(Fotografia da autora)

FIG. 50
Capela de Monserrate
(Fotografia da autora)

FIG. 51
Capela da Senhoras das Brotas
(Fotografia da autora)

FIG. 52
Casa dos Farias – Quinta de Santa Leocádia
(Fotografia da autora)

FIG. 53
Quinta do Sardoal

granitos primários e proporcionam o material necessário para a edificação de casas, "*o solo* (...) *apresenta a rigidez dos granitos primários* (...) *fornecendo amplo material de construção para habitações rurais*" (CUNHA, 1932, p. 12).

Santa Leocádia de Pedra Furada, ou simplesmente Pedra Furada, segundo FONSECA (1948), tem o seu nome envolto numa lenda envolvendo a padroeira desta terra. "*Esta freguesia, situada numa planície, na bacia orográfica do rio Este* (...)" (FONSECA, 1948, p. 293), um dos afluentes do rio Ave. É delimitada a Norte pela freguesia de Pereira, a Nascente por Góios, a Poente por Vilar de Figos e a Sul por Gueral e Courel (FONSECA, 1948), isto antes da reforma administrativa nacional em 2013. Atualmente, após a agregação das freguesias, faz parte da União de Freguesias de Chorente, Góios, Courel, Pedra Furada e Gueral (FIG. 45).

A Igreja Matriz, Igreja Paroquial de Santa Leocádia de Pedra Furada (FIG. 49), encontra-se junto à estrada nacional, e "(...) *é de construção antiga e pequena, proporcional ao tamanho da freguesia* (...). *À entrada do adro, está a Residência Paroquial* (...)" (FONSECA, 1948, p. 292). Para além da igreja existem duas capelas: a Capela de Nossa Senhora de Monserrate (FIG. 50), neste momento de domínio privado e em abandono; e a Capela de Nossa Senhora das Brotas (FIG. 51), "(...) *é antiga* (...)" (FONSECA, 1948, p. 292) e onde se celebrada a festa da freguesia.

Os habitantes da freguesia, segundo FONSECA (1948, p. 293), *"(...) pelo ultimo censo da população é de 298 habitantes* (...)", sendo que os último censos publicados à escrita deste livro são do ano 1940. Anos depois, 71 anos mais precisamente, segundo censos de 2011 (*INE. Censos 2011*), a população era de 399 habitantes. Ainda assim, como sugere (FONSECA, 1948, p. 294), "*esta população está distribuída pelos lugares habitados; Rua Nova, Real de Cima, Real de Baixo, Assento, Carvalho, Chouzelas e Sardoal. As casas mais importantes são: a dos Castros Farias, a do Sardoal, a do Carvalho e a dos Ferreiras*". É de salientar alguns destes lugares são facilmente identificados, outros nem tanto.

Para efeitos deste trabalho o lugar onde se encontra o caso de estudo é no lugar de Chouselas. Quanto às casas ditas como importantes, ainda se distingue a casa dos Castros Farias, que é a casa do Senhor Faria(FIG. 52), de muita importância na freguesia, e a Quinta do Sardoal, (FIG. 53); a casa dos Ferreiras – não se sabe qual é –; e a casa do Carvalho poderá ser a do objeto de estudo (FIG. 47), uma vez que a família da minha avó é conhecida pelos "*Carvalhos*" ou então poderá também ser uma casa da mesma família, mas que neste momento está muito alterada (FIG. 48).

No contexto desta revisão de literatura, chegamos a uma conclusão significativa que serve como um ponto de partida para os capítulos seguintes deste trabalho. As informações consolidadas até agora servirão como uma base, permitindo-nos explorar de modo mais concreto os aspetos específicos dos temas discutidos.

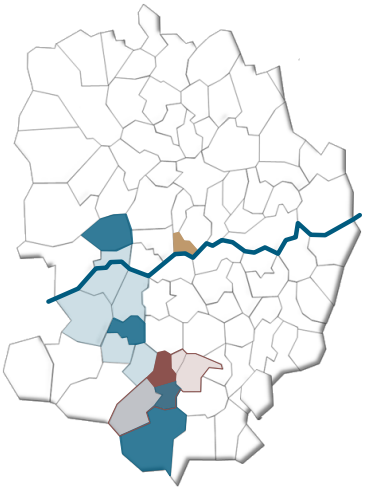


FIG. 54

Abrangência do levantamento realizado no concelho de Barcelos
(Imagem editada pela autora)

FIG. 55

Levantamento de Casas de Lavoura realizado na freguesia de Creixomil
(Google Earth, editada pela autora)

INVENTÁRIO

Para a realização deste capítulo foi elaborado um levantamento de casas de lavoura (FIG. 54) que incidiu em quatro freguesias do concelho de Barcelos. O objetivo deste levantamento foi apurar caraterísticas de identidade e autenticidade próprias desta região, e mais propriamente deste concelho. Com isto, a intenção é criar uma base de indicadores prevalecentes, para que se estabeleçam parâmetros de análise ao objeto de estudo, tendo em conta a área em que se insere.

Procurou-se recolher exemplos que estivessem próximos do caso de estudo. Dada a elevada dimensão territorial do concelho de Barcelos, por continuidade territorial este inventário centra-se na zona sudoeste do concelho, nomeadamente nas quatro freguesias. Iniciou-se este levantamento pela Casa do Calvelhe na freguesia de Creixomil (FIG. 55), alvo de estudo por parte da *Arquitetura Popular em Portugal* (APP, 2004 [1961]). Seguiu-se para Milhazes (FIG. 56), depois para Macieira de Rates (FIG. 57) e terminou em Gueral (FIG. 58). Na impossibilidade de colocar toda a informação recolhida neste inventário de Casas de Lavoura, apresenta-se no apêndice "Inventário de Casas de Lavoura" mais informações sobre cada caso de estudo recolhido. Portanto, neste capítulo será elaborada uma síntese com base no apêndice referido.

Na base deste levantamento esteve a revisão de literatura do capítulo anterior, mais propriamente no capítulo 1.2. Procurou-se, por um lado, recolher exemplos no terreno que validassem as caraterísticas identificadas na literatura. Por outro lado, procurou-se estabelecer um paralelismo com o objeto de estudo, no sentido de confirmar a representatividade dessas mesmas. Assim, elaborou-se uma síntese do trabalho de campo recorrendo a vários casos na área de estudo, para que melhor se possa definir o objeto de estudo, tendo em conta os indicadores de identidade e autenticidade definidos no capítulo anterior.

Note-se que, devido à abrangência deste inventário, como os casos de estudo não foram observados pelo interior, há indicadores (nomeadamente a relação com os espaços exteriores privados, sistema construtivo e organização programática, bem como outros elementos que não foi possível observar, como é o caso das varandas e dos alpendres) que não poderão ser descritos com base neste inventário, uma vez que não há informações. Nestes casos, para a avaliação do caso de estudo, serão usados os exemplos presentes na bibliografia, ou seja, os apresentados no capítulo anterior.

INDICADORES DE IDENTIDADE E AUTENTICIDADE OBSERVADOS NA ÁREA DE ESTUDO

As casas, na maioria das vezes, **implantam-se** junto aos caminhos, isoladas (FIG. 59) ou formando grupos (FIG. 60). A configuração que o edificado adquire não é clara, na maioria das vezes, provavelmente devido às ampliações realizadas ao longo do tempo, conforme o espaço disponível

FIG. 56

Levantamento de Casas de Lavoura realizado na freguesia de Milhazes
(Google Earth, editada pela autora)

FIG. 57

Levantamento de Casas de Lavoura realizado na freguesia de Macieira de Rates
(Google Earth, editada pela autora)

FIG. 58

Levantamento de Casas de Lavoura realizado na freguesia de Gueral
(Google Earth, editada pela autora)

e respeitando os limites da propriedade. No entanto, existem exemplos de configuração clara, de lados opostos (FIG. 61), em L (FIG. 62), em U (FIG. 63) e em O (FIG. 64), sendo possível definir o limite do complexo produtivo. Porém, em zonas com maior densidade populacional, como é o caso da área de estudo, não é possível traçar uma linha precisa dos limites da propriedade (FIG. 65-67).

A **volumetria** dos edifícios não varia muito, apresentando volumes simples definindo em muitos casos os limites da propriedade que na maioria das vezes, apresenta formas irregulares. No entanto, é possível observar que o edificado limita ou conforma um pátio exterior, ou seja, um quinteiro. Nota-se que o volume principal é onde se encontra a habitação, regra geral sempre no andar, quando este existe.

Verifica-se que nos **espaços exteriores** privados há hortas e quinteiro independentemente de se inserirem dentro de um complexo produtivo. Note-se que pelas imagens aéreas é possível identificar a posição da eira no conjunto do edificado. A dimensão do espaço exterior da casa varia conforme a dimensão da casa, isto deve-se ao tamanho da propriedade, sendo que, quanto maior a área produtiva, de maior dimensão é o complexo da casa de lavoura.

Como os casos de estudo escolhidos são as tipologias maiores das casas de lavoura (médio ou grande lavrador) verifica-se que o **acesso** às casas é feito pela "*porta carral*" (FIG. 68 e 69). Em alguns casos existem duas portas deste género, uma que dá para o interior do volume principal e outra que dá para um volume secundário, muito possivelmente para o quinteiro.

O **contacto com o espaço público** é estabelecido, na sua maioria pelo edifício principal da casa, com grandes aberturas no andar, e pequenas aberturas no térreo, à exceção da "*porta carral*" (FIG. 70-72). Por vezes, os edifícios secundários apresentam também pequenas aberturas para o espaço público para ventilação, mas na maioria dos casos não existem aberturas para a via pública. Muito possivelmente para o interior do complexo produtivo existem portas que dão acesso a estes espaços.

Os **usos** são sempre habitacionais e agrícolas, sendo que nos exemplos recolhidos não se procurou por edifícios com outros usos, uma vez que não existe paralelismo com o caso de estudo.

Os exemplos recolhidos mostram sempre casas de dois **pisos** (até porque a procura foi focada nessa escolha), no entanto, procurou-se evidencias de casas com terceiros pisos, os "*mirantes*" (FIG. 74 e 75). Note-se que alguns exemplos possuem este elemento, mas o sítio onde se encontrou mais destes elementos foi em Creixomil, havia um número elevado destes elementos comparativamente à totalidade do inventário.

Nas **coberturas** procurou-se identificar nas casas as chaminés de fumeiro (FIG. 73, 77 e 78), uma vez que o objeto de estudo possui este elemento. Note-se que este elemento aparece em alguns casos com gran-

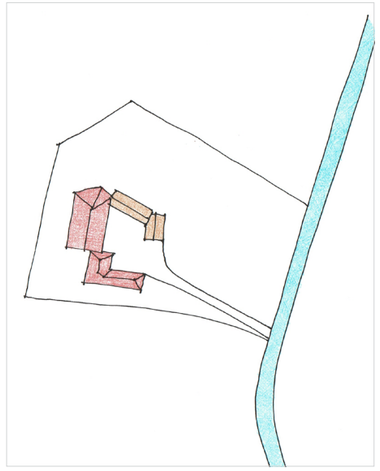


FIG. 59
Casa ML6 - Exemplo de casa de casa isolada
(DESENHO DA AUTORA)

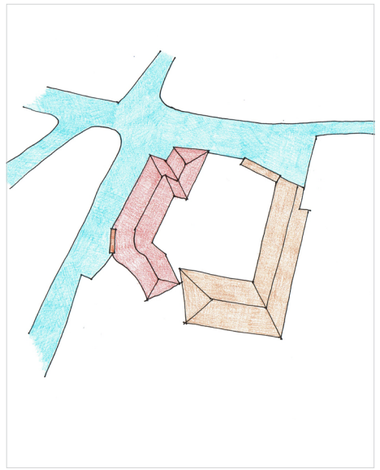


FIG. 60
Casa GU6 - Exemplo de casa entre outras
(DESENHO DA AUTORA)

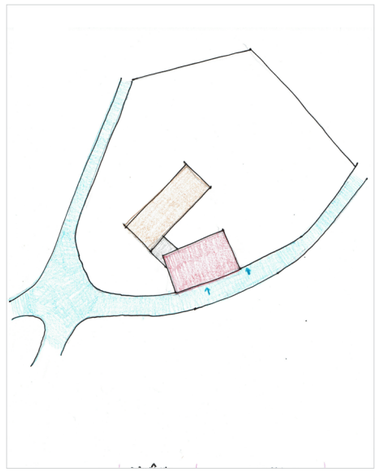


FIG. 61
Casa MC2 - Exemplo de casa com configuração de lados opostos
(DESENHO DA AUTORA)

FIG. 62

Casa CR4 - Exemplo de casa com configuração em L
(Desenho da autora)

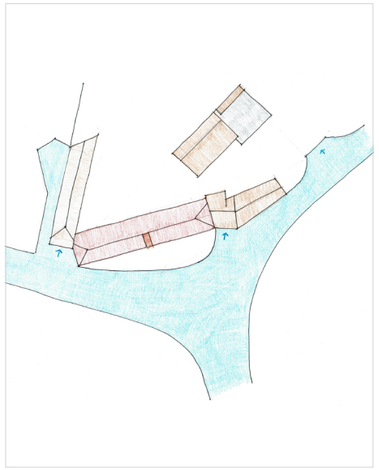


FIG. 63

Casa MC3 - Exemplo de casa com configuração em U
(Desenho da autora)

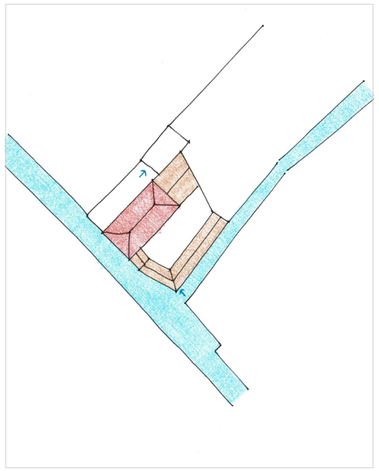


FIG. 64

Casa ML3 - Exemplo de casa com configuração em O
(Desenho da autora)

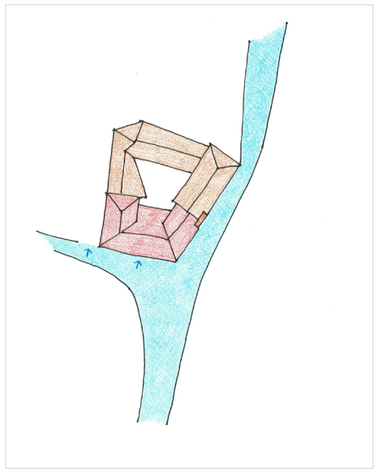


FIG. 65

Casa MC1 - Exemplo de casa com configuração pouco clara
(Desenho da autora)

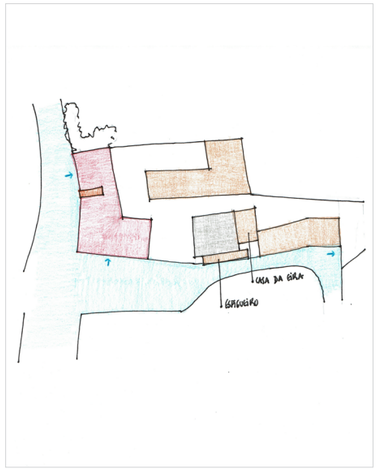


FIG. 66

MC8 - Exemplo de casa com configuração pouco clara
(Desenho da autora)

FIG. 67

GU2 - Exemplo de casa com configuração pouco clara
(Desenho da autora)

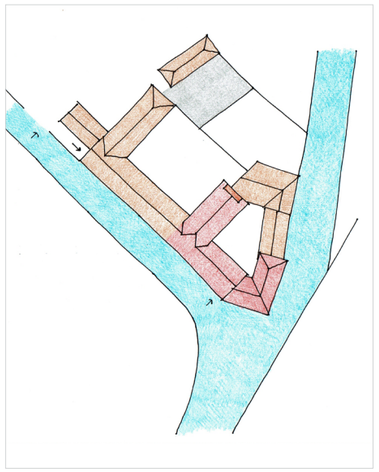


FIG. 68

Casa MC3 - "Porta Carral" para o interior das dependências agrícolas
(Fotografia da autora)

FIG. 69

Casa GU2 - "Porta Carral" para o interior do volume da habitação
(Fotografia da autora)

FIG. 70

Casa MC2 - Confronto da habitação com o espaço público
(Fotografia da autora)

FIG. 71

Casa GU5 - Confronto da habitação e das dependências agrícolas com o espaço público
(Fotografia da autora)

FIG. 72

Casa ML1 - Confronto das dependências agrícolas com o espaço público
(Fotografia da autora)

FIG. 73

Casa MC8 - Chaminé de fumeiro de grandes dimensões
(Fotografia da autora)

FIG. 74

Casa CR2 - Mirante é o 3º piso da casa
(Fotografia da autora)

FIG. 75

Casa CR2 - Mirante é o 3º piso da casa
(Fotografia da autora)

FIG. 76

Casa ML5 - Fachada com pedra aparente
(Fotografia da autora)

FIG. 77

Casa CR3 - Chaminé de fumeiro de grandes dimensões
(Fotografia da autora)

FIG. 78

Casa MC7 - Chaminé de fumeiro de grandes dimensões
(Fotografia da autora)

FIG. 79

Casa CR6 -Fachada com pedra rebocada
(Fotografia da autora)

des dimensões, tal como no objeto de estudo, noutros casos observa-se a existência de chaminés com aspeto mais recente, o que provavelmente indica que a casa não teria chaminé de fumeiro ou que ao ter seria um elemento mais rudimentar, como por exemplo, de telhas erguidas. Dos casos de estudo apresentados, não se verifica (o que não quer dizer que não exista) cozinhas no térreo, parecem ser sempre no andar.

Nas **fachadas** e volumes, prevalece a proporção horizontal, e na maioria dos casos a alvenaria de pedra é aparente (FIG. 76), no entanto, há casos em que a alvenaria se encontra rebocada (FIG. 79), mas apenas o edifício de habitação apresenta este revestimento (FIG. 83), os edifícios secundários estão sempre com a pedra à vista. Note-se que na maioria dos casos as casas carecem de elementos decorativos, salvo exceções como é o caso da casa de Calvelhe que apenas tem elementos decorativos na capela (FIG. 84-85). Portanto, a **estética** das casas segue, regra geral, princípios racionais, e apresenta-se como rude e austera (BARROSO, 2019; BASTOS e BARROS, 1943).

Os **vãos** do edifício principal são aparentemente alinhados entre os dois pisos (FIG. 80-82 e 88-90), no entanto, parece, na maioria dos casos, não haver uma métrica definida entre vãos, provavelmente, como resultado de alterações ao edifício ocorridas ao longo dos tempos. Note-se que o andar tem aberturas maiores, o térreo tem aberturas mais pequenas, como postigos, à exceção da "*porta carral*" que é de grandes dimensões.

COMPARTIMENTOS E EDIFÍCIOS DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Relativamente aos compartimentos e edifícios de produção agrícola, no seguimento do descrito no capítulo anterior, a sua forte presença confirma que o ciclo agrário domina a paisagem desta região. Verificaram-se casos da sua impactante presença sobre o perímetro do complexo agrícola, como é o caso de casas da eira/sequeiro (FIG. 86), ou de espigueiros sobre os muros de delimitação exterior (FIG. 87). Muito provavelmente na maioria das casas analisadas, estes dispositivos encontram-se no interior do complexo, não sendo possível a observação dos compartimentos agrícolas e edifícios dedicados à exploração agrícola, a partir do espaço público.

FIG. 80
MC1 – Alçado principal
(DESENHO DA AUTORA)

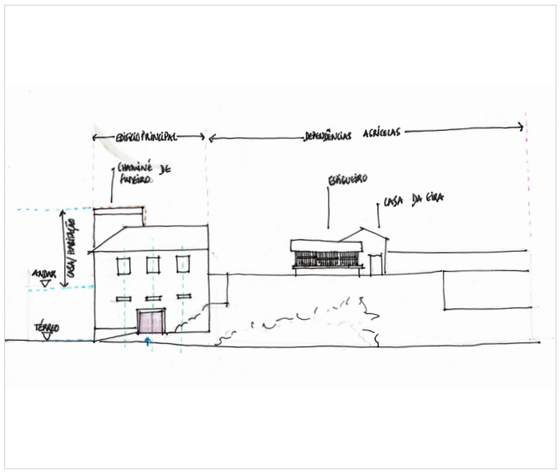


FIG. 81
MC1 – Alçado Secundário
(DESENHO DA AUTORA)

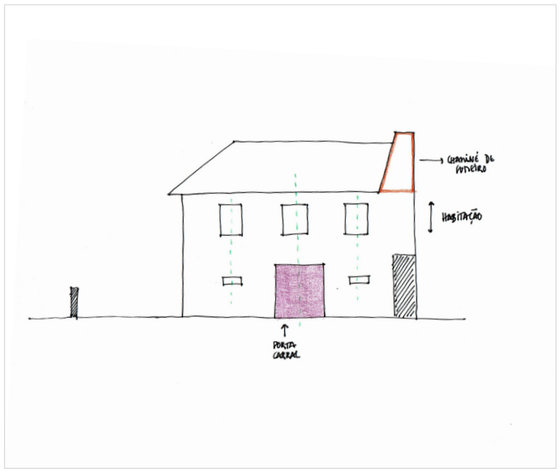


FIG. 82
GU4 - Fachada com vãos alinhados
(DESENHO DA AUTORA)

FIG. 83

Casa GU6 - Fachada onde apenas a parte da habitação está rebocada
(Fotografia da autora)

FIG. 84

Casa CR1 – Fachada com elementos decorativos
(Fotografia da autora)

FIG. 85

GU7 - Fachada com elementos decorativos
(Fotografia da autora)

FIG. 86

Casa GU1 - Casa da eira sobre o muro
(Fotografia da autora)

FIG. 87

Casa MC1 - Espigueiro sobre o muro
(Fotografia da autora)

FIG. 88

GU1 – Alçado principal
(Desenho da autora)

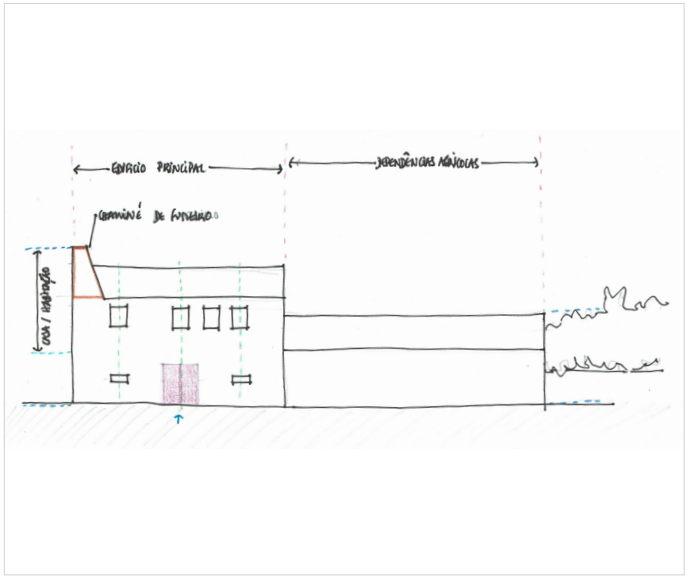


FIG. 89

GU1 – Alçado Secundário
(Desenho da autora)

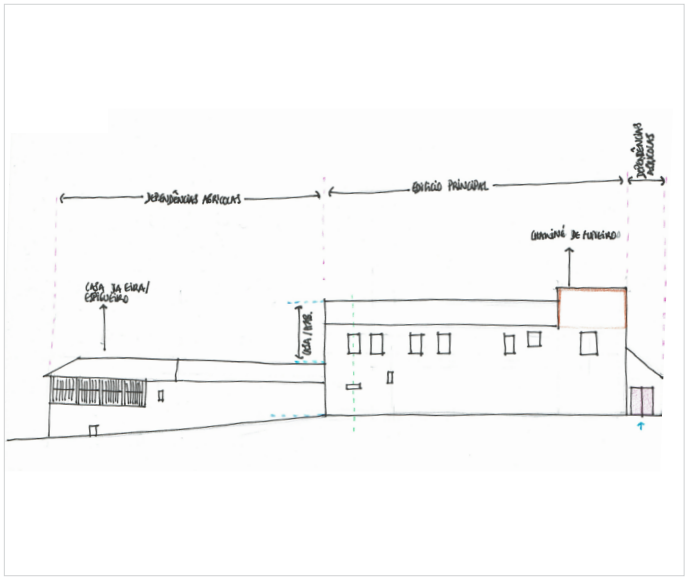


FIG. 90

ML5 - Fachadas com vãos não alinhados
(Desenho da autora)

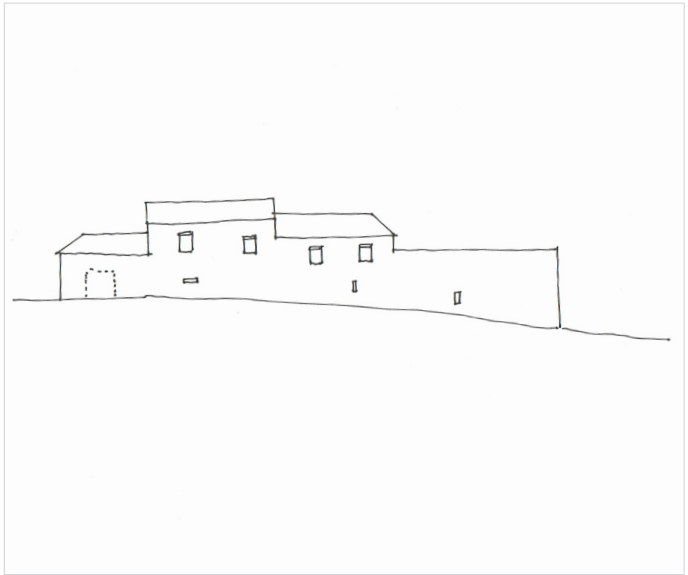


FIG. 91

Propriedade da casa num período anterior
(GOOGLE EARTH, EDITADA PELA AUTORA)

2.2. RECONHECIMENTO DA PRÉ-EXISTÊNCIA

As informações disponíveis acerca da casa são limitadas, ou seja, não existiam bases desenhadas da casa e as fotografias e documentos são muito escassas. O reconhecimento do edifício e das suas fases será elaborado pelo levantamento geométrico, pelo desenho e pela fotografia, sendo que será imprescindível as descrições das pessoas que vivem e viveram lá, para uma caraterização mais fiel do caso de estudo.

Tendo isto em conta, chega-se à conclusão de que muito provavelmente a casa terá sido inicialmente construída em meados do século XVII, mas terá ganho a dimensão que apresenta atualmente a partir do século XIX, no entanto esta foi sofrendo acrescentos ao longo do tempo, como será abordado no processo evolutivo em que será feito uma restituição temporal da casa. Com base no que foi estudado no cap. 1.1 e 2.1, pensa-se que a casa estará inserida na tipologia de médio lavrador.

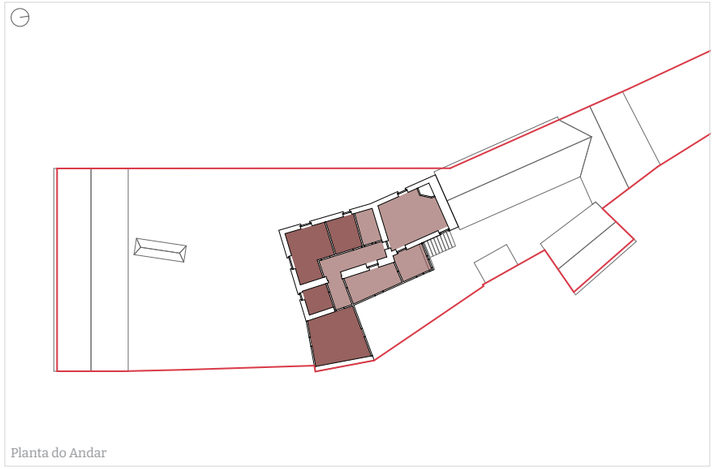
LEVANTAMENTO GEOMÉTRICO E FOTOGRÁFICO

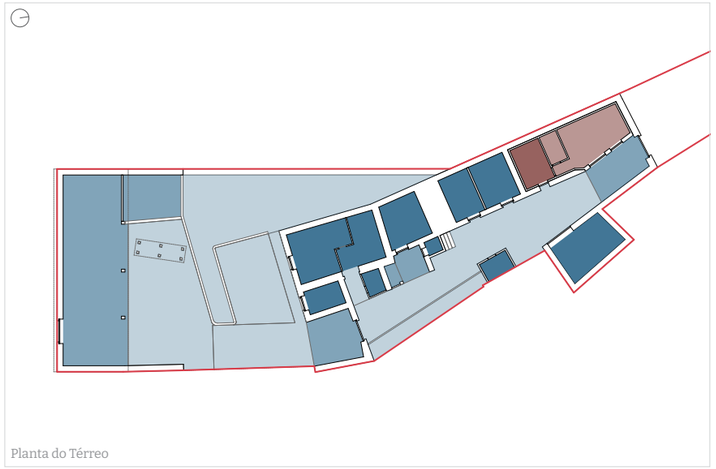
O processo de levantamento é uma representação gráfica de um objeto, neste caso um edifício, para chegar a um entendimento real do objeto. O objetivo do levantamento neste trabalho é estudar e documentar o edifício, com base na bibliografia acerca da morfologia da casa de lavoura do Minho. Pretende-se um trabalho representativo do objeto de estudo, com fim a uma intervenção futura através de um processo de reabilitação que a adeque aos requisitos contemporâneos. O tipo de levantamento a que se recorreu, neste trabalho, por um critério de proporcionalidade entre objetivos do trabalho, meios e recursos económicos disponíveis, optou-se pelo método de levantamento métrico clássico, acompanhado pelo levantamento fotográfico e desenhos à mão levantada.

Como metodologia deste levantamento utilizou-se como ponto de partida um desenho esquemático e até desproporcionado, à mão levantada de um alçado e de uma planta da casa. Tendo por base este desenho, seguiu-se o processo de análise e medição, primeiro pela medição do exterior e depois pelo interior, espaço a espaço. Processo que se seguiu com várias visitas à casa, sempre auxiliado com desenhos à mão levantada e fotografia. Para este trabalho de levantamento foi usado um medidor laser *Dexter* 30m, com recurso à técnica de triangulação. Por último seguiu-se a produção de desenho em computador (CAD) que resulta nas peças desenhadas que se apresentam (DES. 1-14).

ORGANIZAÇÃO FUNCIONAL

A casa localiza-se num complexo produtivo estreito com direção norte-sul, que no passado, incluía a dimensão que se mostra na FIG. 91. Atualmente, o terreno a sul, chamado *"campo sul"* não faz parte da pro-



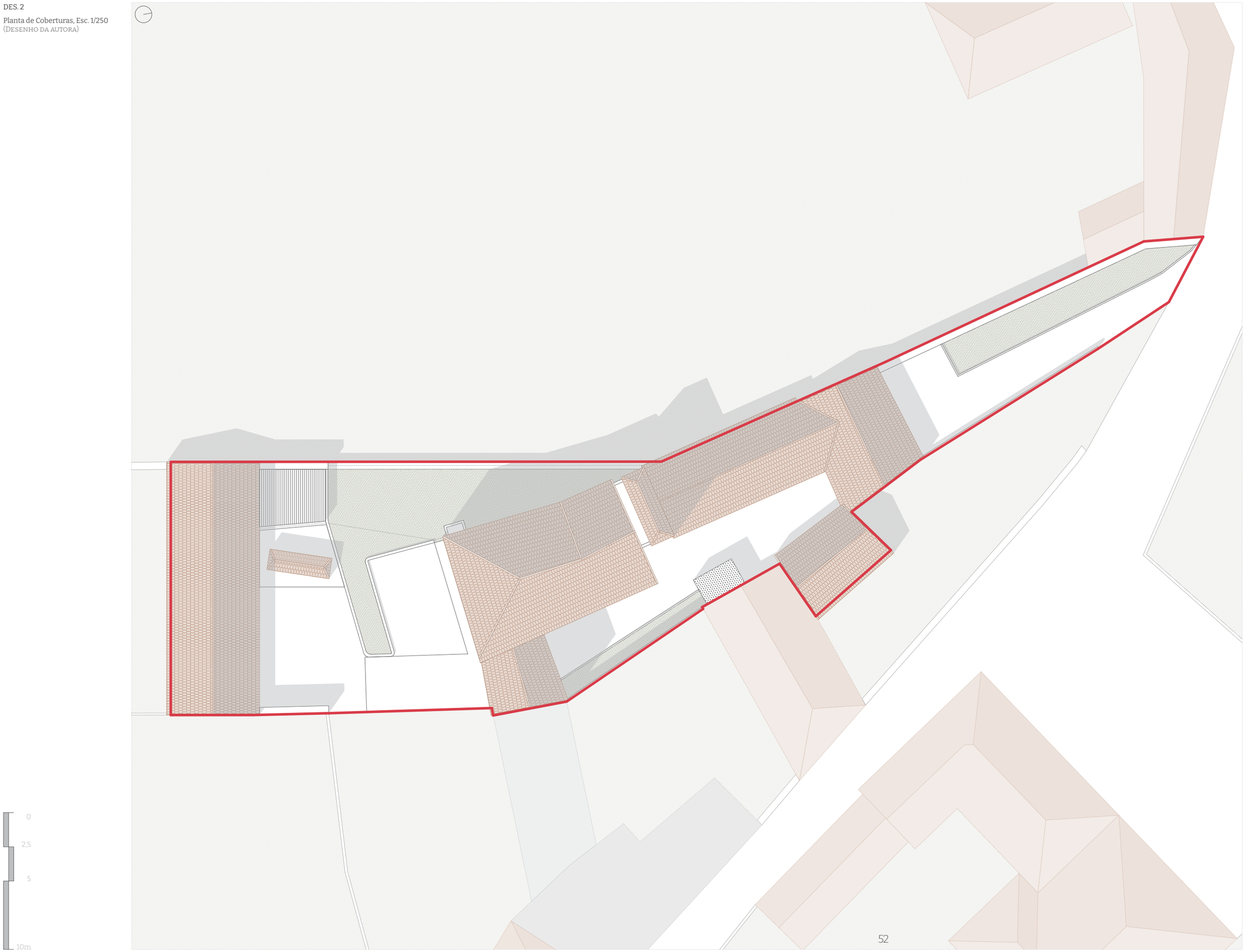


DES. 1

Esquemas da Organização Funcional, s/ escala
(DESENHO DA AUTORA)

DES. 2

Planta de Coberturas, Esc. 1/250
(Desenho da autora)



priedade. Como o edifício se encontra afastado da vida pública, a entrada na casa é estabelecida pelo caminho privado que atravessa as hortas (FIG. 92). A casa é composta por volumes simples que compreendem os limites da propriedade e dispostos em torno de dois pátios – pátio norte (quinteiro) e pátio sul (eira) (DES. 2).

A casa divide-se em dois setores: um residencial no andar, e outro agrário no térreo. O setor residencial distribui-se em áreas privadas, como quartos ou alcovas, e em áreas comuns, como a sala, cozinha e instalação sanitária, acrescentada posteriormente. Note-se que o setor residencial inicialmente encontrava-se no andar (FIG. 93), mas mais recentemente foi feito um anexo habitacional no térreo (FIG. 94). Portanto, atualmente o setor residencial divide-se em duas partes, a mais antiga está no andar e a mais recente está no térreo. No processo evolutivo da casa será analisada com mais detalhe esta questão.

O setor agrícola organiza-se em áreas interiores e em áreas exteriores cobertas e não cobertas (DES. 1). Como áreas interiores estão incluídos os currais (FIG. 95), o palheiro (FIG. 96), a lavandaria (é uma construção primitiva em madeira, onde estava a corte do porco, que foi substituída por a que existe agora) (FIG. 97), a "*lojinha*" (FIG. 98) e os celeiros (FIG. 99 e 100). As áreas exteriores cobertas compreendem os "*cobertos*" ou alpendres (nomeados de "*coberto de cima*" (FIG. 101), "*coberto da eira*" (FIG. 102) e "*coberto de baixo*" (FIG. 103), o espigueiro (FIG. 104), o varandão ou sequeiro (agora quarto de arrumos) (FIG. 105) e o galinheiro. As áreas exteriores não cobertas constituem o quinteiro (FIG. 107), a eira (FIG. 108) e as hortas e campo de cultivo (FIG. 109).

INDICADORES DE IDENTIDADE E AUTENTICIDADE OBSERVADOS NA CASA DE ESTUDO

Como dito anteriormente, o edifício **implanta-se** afastado da via pública ou da rua, é através de um caminho que se acede ao interior da casa. Isto, provavelmente, deve-se ao complexo produtivo estreito em que se implanta ou a uma configuração anterior da propriedade. A casa está inserida num complexo produtivo fechado e encerrado, neste caso as dependências agrícolas encontram-se dispostas ao redor de dois pátios, o que é comum em algumas casas na região, devido ao crescimento da casa enquanto organismo que evolui conforme as necessidades. A configuração que o edificado assume é de C ou U, ou seja, não é uma configuração muito clara, sendo que para o segundo pátio inclui-se na descrição de lados opostos.

A casa é composta por **volumes** simples que se adaptam aos limites da propriedade, resultando em formas irregulares. O **acesso** ao interior do complexo produtivo consiste no acesso indireto e é feito por duas vias, uma pelo caminho de acesso à via pública, onde se encontra a "*porta carral*", e a outra pelo campo agrícola que pertence à casa. Como dito anteriormente, a casa compreende um complexo produtivo e contém como

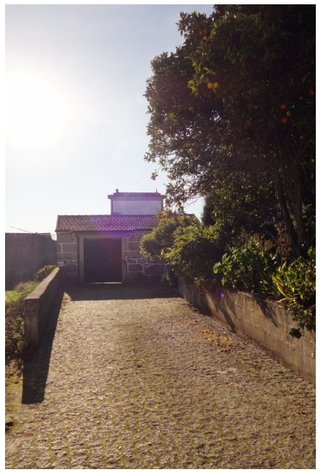


FIG. 92
Caminho de Entrada na Casa.
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 93
Habitação no andar
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 94
Habitação no térreo
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

DES. 3

Planta do Térreo, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

Elementos em Corte

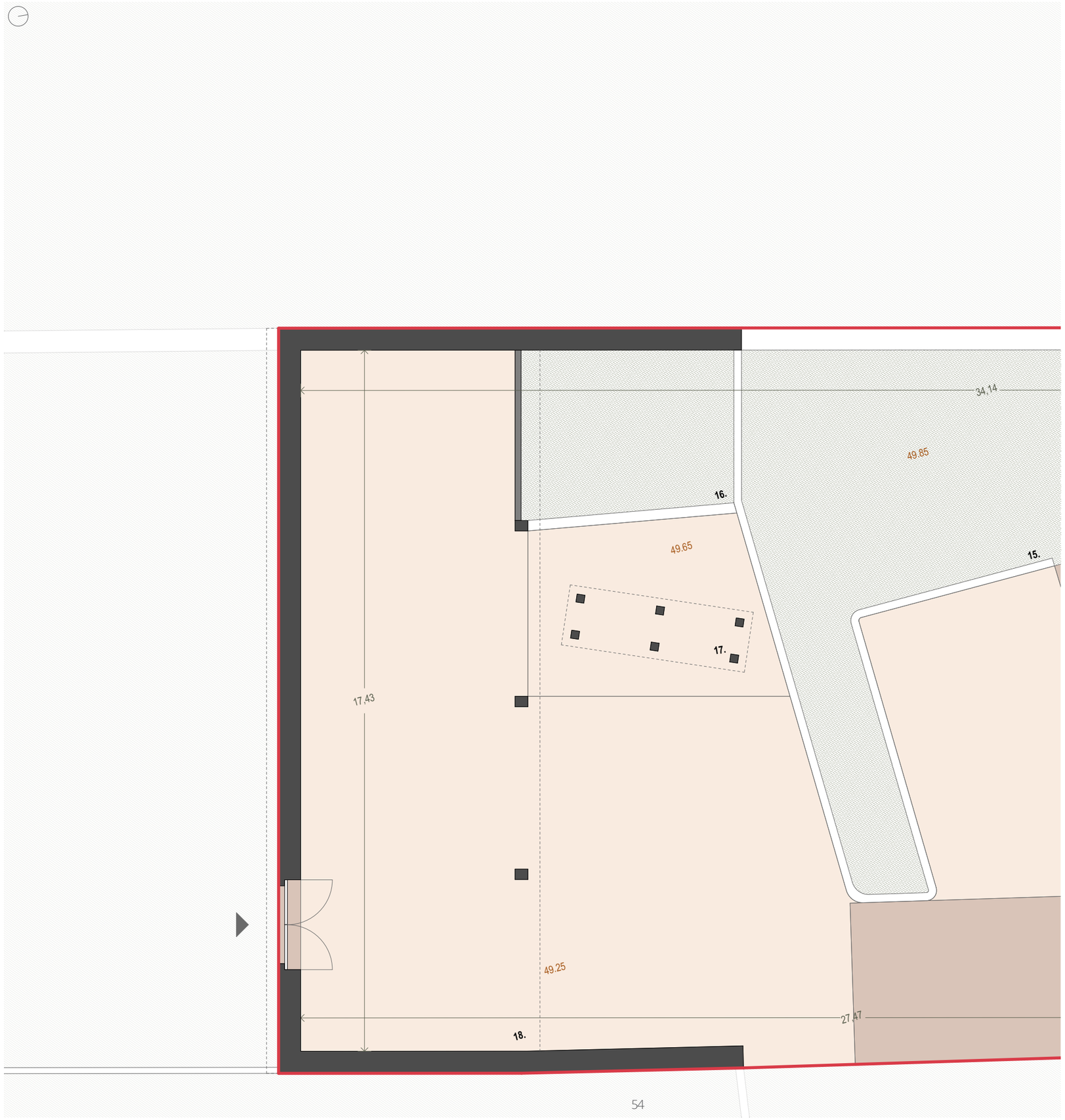
- Alvenaria de Pedra - Granito
- Alvenaria de Tijolo

Elementos em Vista - Pavimentos

- Lajeado de Pedra
- Betonilha
- Revestimento Cerâmico - interior
- Revestimento Cerâmico - exterior
- Terra Compactada

Legenda de Espaços

1. "Coberto de Cima"
2. Sala/Cozinha
3. Instalação Sanitária
4. Quarto
5. Quinteiro
6. Palheiro
7. Curral
8. Curral
9. Lavandaria
10. "Lojinha"
11. Celeiro
12. Celeiro
13. "Coberto da Eira"
14. Eira
15. Hortas
16. Galinheiro
17. Espigueiro
18. "Coberto de Baixo"

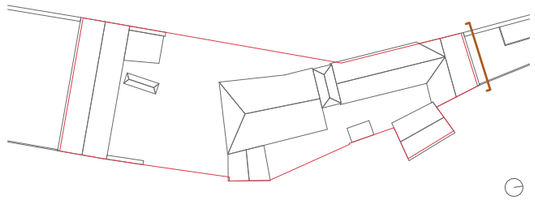


0
1
2
5m

51,30
10,56
3,87
3,42
4,17
51,00
30,85
50,00
49,85
1.
2.
3.
4.
5.
6.
7.
8.
9.
10.
11.
12.
13.
14.

DES. 4

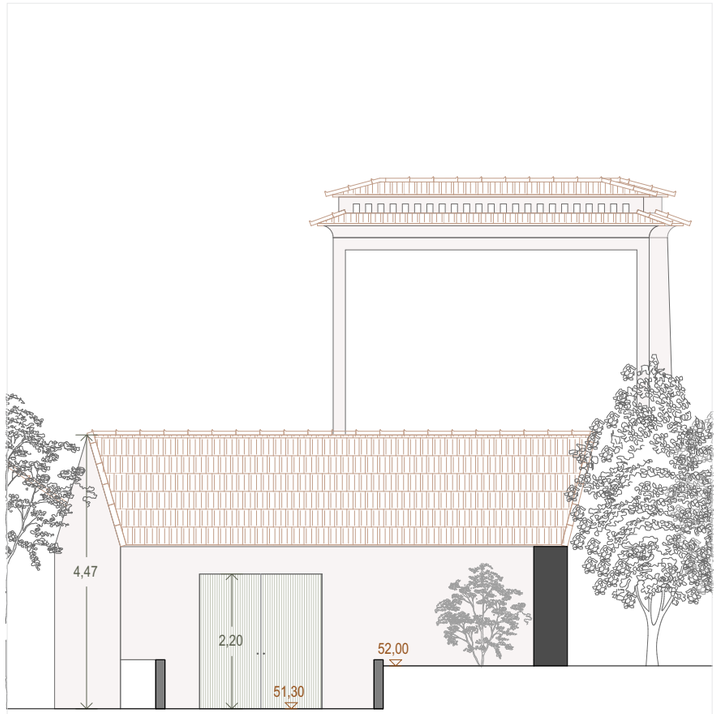
Alçado Norte, Esc. 1/100
(Desenho da autora)



Elementos em Corte
- Alvenaria de Pedra - Granito
- Alvenaria de Tijolo

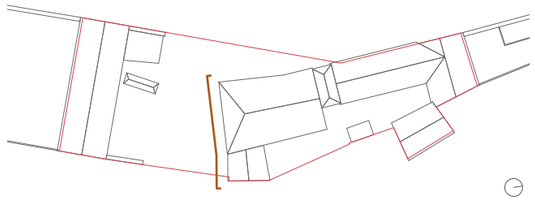
Elementos em Vista - Coberturas
- Telha Marselha

Elementos em Vista
- Pedra



DES. 5

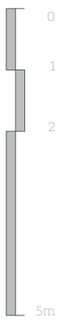
Alçado Sul, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

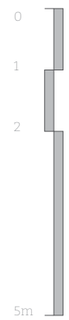


Elementos em Corte
- Alvenaria de Pedra - Granito
- Alvenaria de Tijolo

Elementos em Vista - Coberturas
- Telha Marselha

Elementos em Vista
- Madeira
- Pedra





espaços exteriores dois pátios, um quinteiro com pequenas hortas – pátio norte – e uma eira com hortas – pátio sul.

Note-se que a "*antiga*" varanda (agora sala de entrada) faz a transição do espaço exterior – escada de alvenaria – para o espaço interior da habitação. Os alpendres fazem também a transição entre espaços exteriores, o "*coberto de cima*" marca a passagem da via pública para o interior da casa; o "*coberto da eira*" faz a passagem do pátio norte para o pátio sul; e o "*coberto de baixo*" faz a passagem do pátio sul para o campo de cultivo. A relação da casa com os seus **espaços exteriores** é estabelecida através de portas, nas dependências agrícolas, e através da escada de alvenaria de pedra exterior (FIG. 106), na habitação mais antiga.

O **contacto da casa com o espaço público** é inexistente o que não é muito comum neste tipo de tipologia.

Como observado na organização funcional, os **usos** desta casa são tanto habitacionais como agrícolas. Sendo que a habitação está no andar (salvo a exceção da habitação construída recentemente) e as dependências agrícolas encontram-se no térreo, o que corresponde a uma organização vertical, ou seja, "*casa-bloco*" (OLIVEIRA e GALHANO, 1992), resultando em dois **pisos**. No processo evolutivo da casa, observa-se por descrições dos residentes que a casa já teve três pisos, sendo o terceiro um mirante – questão que será abordada mais à frente. O acesso ao andar é feito por uma escada exterior de alvenaria de pedra em granito.

A **organização programática** da casa atualmente não tem a mesma disposição que teria em tempos anteriores (ver processo evolutivo), no entanto, sabe-se que a casa não teria um ou dois compartimentos, ou seja, teria mais, mas sabe-se também que não teria espaços especializados para cada tarefa. Note-se que há uma divisão clara na habitação entre a parte comum e a parte privada. Portanto, dado o tamanho do complexo produtivo e a complexidade que a casa adquire, tudo isto sugere que a casa se insere na tipologia de médio lavrador.

As **fachadas** enquadram-se nos indicadores de identidade e autenticidade descritos anteriormente: apresentam uma proporção horizontal e existe reboco quando a parede é em alvenaria de tijolo. No entanto, em tempos, a pedra da fachada sul estaria pintada/caiada como comprova a fotografia (FIG. 117). Contrariamente ao que foi estudado na bibliografia e na área de estudo, não se observa uma regra aparente na métrica dos **vãos**, nem surgem alinhados entre pisos. Note-se que o térreo apenas é constituído por portas, não havendo vestígios de postigos ou janelas (exceto no anexo habitacional edificado recentemente). A **estética** da casa no geral é austera e segue os princípios racionais neste tipo de casa, no entanto há alguns apontamentos que evidenciam algum cuidado no tratamento da cantaria (FIG. 110 e 111).

O **sistema construtivo** da casa consiste na utilização de materiais tradicionais, como a pedra e a madeira, no entanto há a introdução de novos materiais ao longo do tempo, como é o caso das vigas de betão e das

FIG. 95
Currais
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 96
Palheiro
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 97
Lavandaria (antiga corte do porco)
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

DES. 6

Planta do Andar, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

Elementos em Corte

- Alvenaria de Pedra - Granito
- Alvenaria de Tijolo
- Madeira

Elementos em Vista - Pavimentos

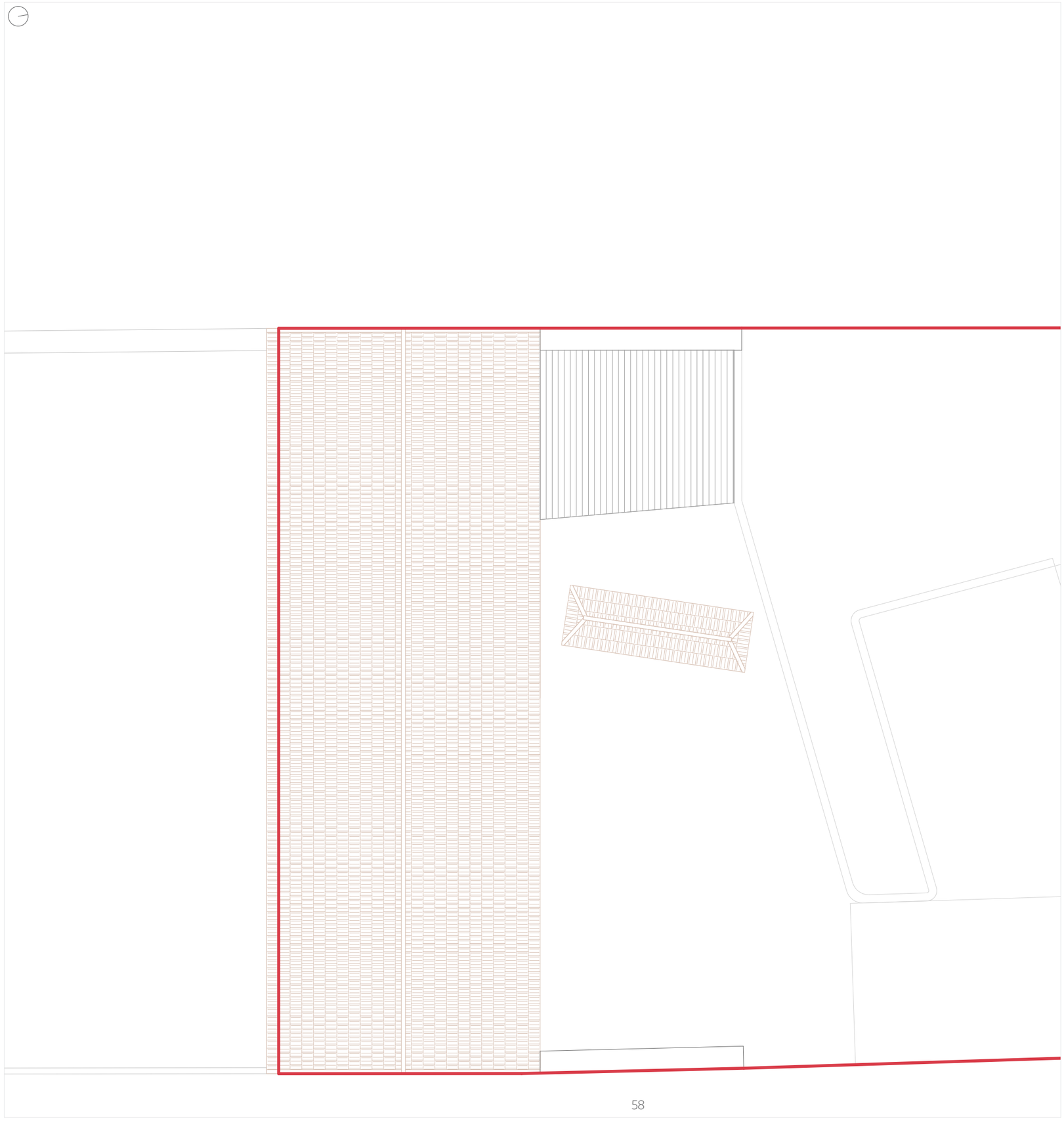
- Lajeado de Pedra
- Madeira
- Revestimento Cerâmico - interior
- Linóleo
- Alcatifa

Elementos em Vista - Coberturas

- Telha Marselha
- Chapa Ondulada
- Terraço

Legenda de Espaços

19. Sala de Entrada
20. Sala de Jantar
21. Cozinha
22. Escada de Acesso à Cobertura
23. Instalação Sanitária
24. Quarto
25. Quarto
26. Quarto
27. Quarto



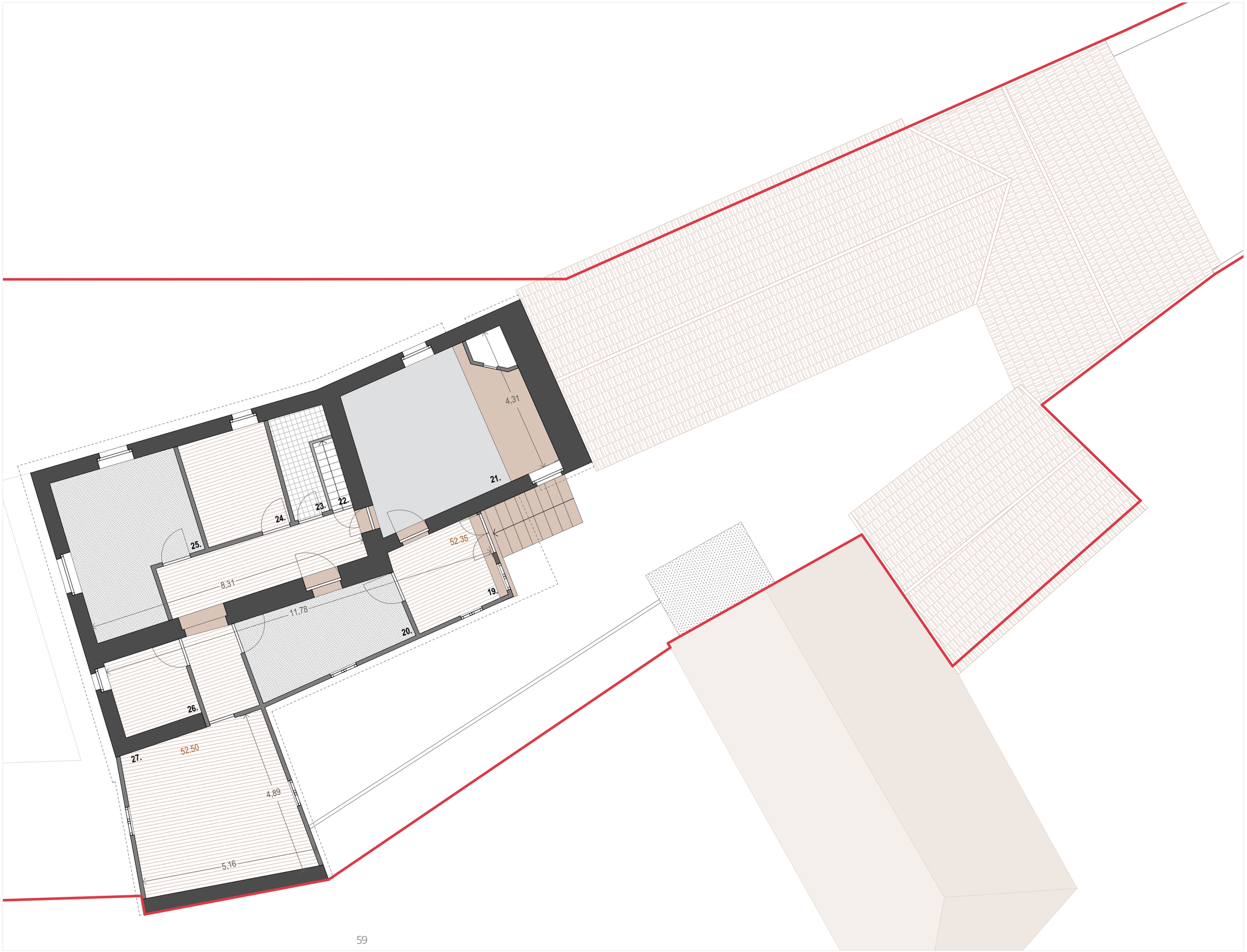

4,31
21.
22.
23.
24.
25.
8,31
52.35
19.
11,78
20.
26.
27.
52.50
4,89
5.16

FIG. 98
"Lojinha"
(Fotografia da Autora)

FIG. 99
Celeiros
(Fotografia da Autora)

FIG. 100
Celeiros
(Fotografia da Autora)

FIG. 101
"Coberto de Cima"
(Fotografia da Autora)

FIG. 102
"Coberto da Eira"
(Fotografia da Autora)

FIG. 103
"Coberto de Baixo"
(Fotografia da Autora)

paredes em alvenaria de tijolo. Muito provavelmente, as fundações são diretas, ou seja, o simples prolongamento das paredes resistentes até ao terreno. As paredes resistentes apresentam espessuras elevadas que variam entre 55 cm (para o térreo) e 45 cm (para o andar), e podem chegar aos 90 cm no caso da parede que sustenta a chaminé de fumeiro. As resistentes são em alvenaria de pedra aparelhada e argamassada com as juntas tomadas à vista. As paredes de compartimentação são atualmente em alvenaria de tijolo, mas seriam em tabiques de madeira ou "*estuque*", segundo descrições dos residentes. Note-se que neste momento apenas as paredes em alvenaria de tijolo estão rebocadas.

Os elementos estruturais horizontais, as vigas, são em madeira, mas há casos em que foram substituídas por vigas de betão armado. Os pavimentos térreos, em grande parte, são revestidos a betonilha, mas possivelmente teria sido em terra compactada. No entanto ainda há parte em lajeado de pedra na eira. Nos pavimentos elevados predomina a madeira. Para a caixilharia, ainda se preserva a caixilharia exterior em madeira, tanto com o sistema de abertura de guilhotina como de batente. O anexo habitacional construído recentemente tem a caixilharia em PVC, a única alteração à caixilharia original.

As **coberturas** de duas ou três águas inclinadas são revestidas com telha marselha. A estrutura da cobertura é composta por asnas de madeira que no caso de estudo adquirem várias configurações (FIG. 112 e 113). Apenas foram observadas as coberturas dos compartimentos agrários, quando era possível fazer essa observação. Note-se que na habitação a estrutura da cobertura está forrada, o único sítio que daria para ver a estrutura seria através da escada de madeira que acedia ao mirante, mas por razões de segurança não foi possível aceder, dado o seu mau estado de conservação.

A chaminé de fumeiro (FIG. 114 e 115), presença imponente na casa, ocupa toda a parede da casa e eleva-se com a mesma largura da parede. Este elemento, caraterístico das casas de lavoura do Minho e que se verifica em muitas casas na área de estudo, apresenta-se bem integrado no bloco maciço da casa e ajuda a identificar a tipologia. No interior da cozinha resulta uma grande "*saia*", cuja trave ou viga que sustenta a estrutura da chaminé, tem forte presença no espaço. A cozinha ainda conserva o forno do pão e o pavimento em lajeado de pedra sob a saia da chaminé, e mantém também o pavimento em madeira original. Posteriormente foi-lhe acrescentado um pavimento em linóleo por cima da madeira.

COMPARTIMENTOS E EDIFÍCIOS DE PRODUÇÃO AGRÍCOLA

Este complexo agrícola, como os outros que foram estudados até agora, tem espaços que foram construídos com uma determinada função (DES. 9): por exemplo, espigueiro, eira, varandão e celeiros para exploração do milho; adega, "*coberto de cima*" e "*lojinha*", para armazenamento e produção do vinho; currais, corte do porco (agora lavandaria); galinhei-

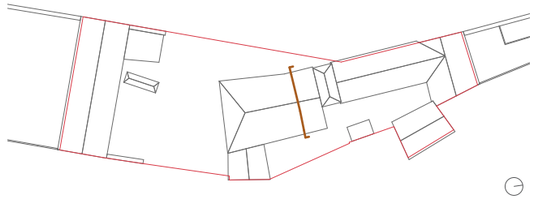
FIG. 104
Espigueiro
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

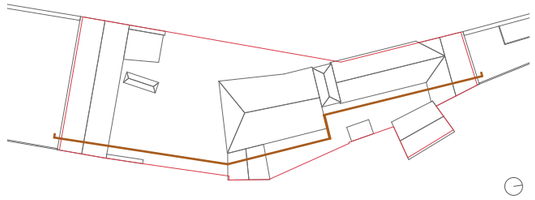
FIG. 105
Varandão (agora quarto de arrumos)
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 106
Escada de Alvenaria de Pedra de Granito
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

DES. 7

Corte Transversal, Esc. 1/100
(Desenho da autora)





Elementos em Corte

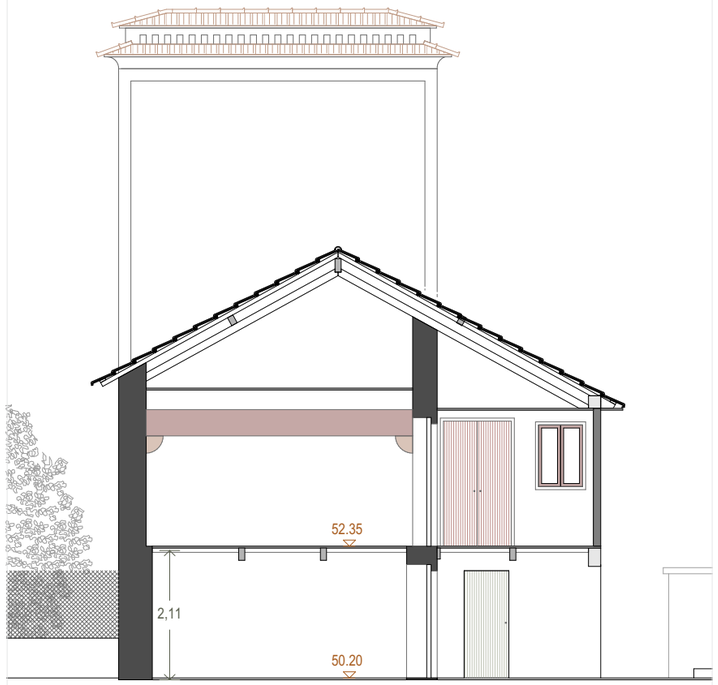
- Alvenaria de Pedra - Granito
- Alvenaria de Tijolo
- Betão

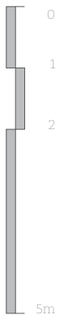
Elementos em Vista - Coberturas

- Telha Marselha

Elementos em Vista

- Madeira
- Pedra





DES. 8

Corte Longitudinal, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

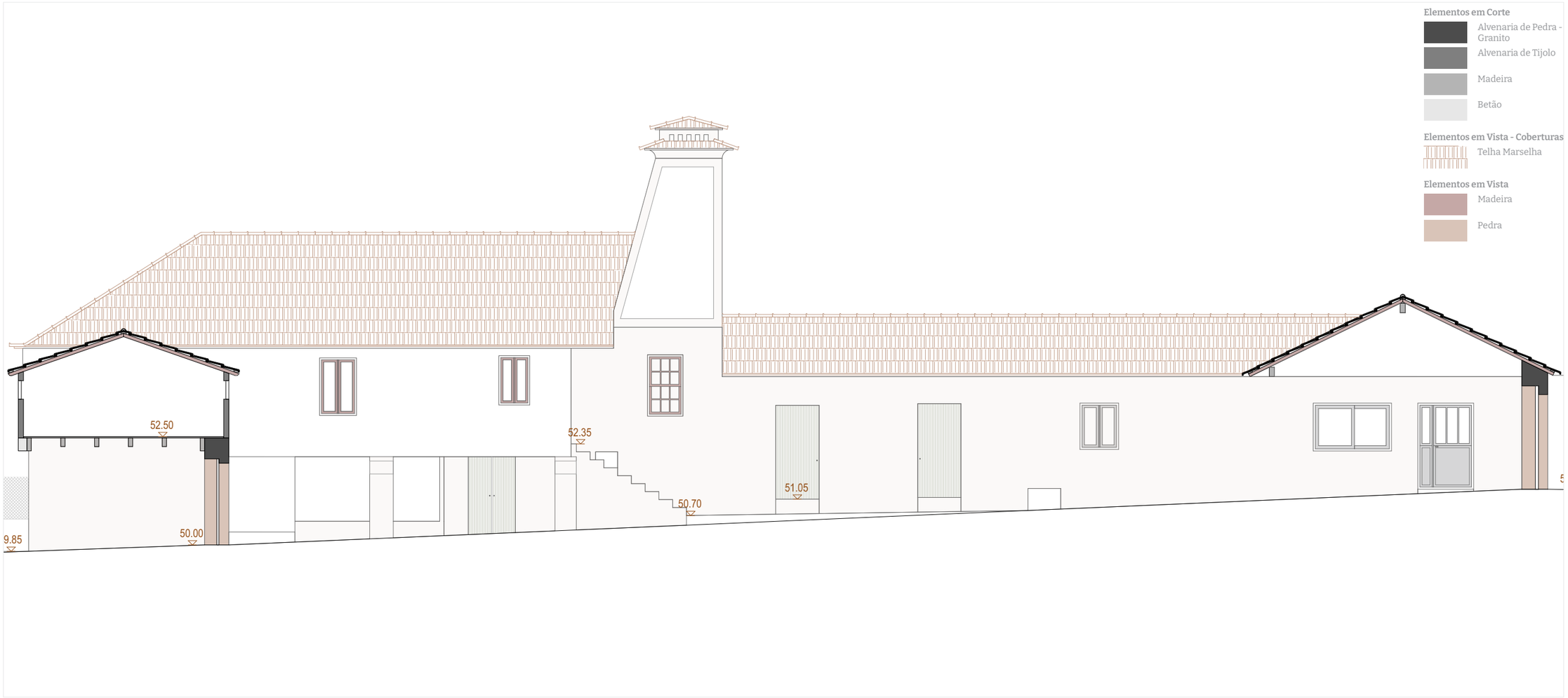


FIG. 107

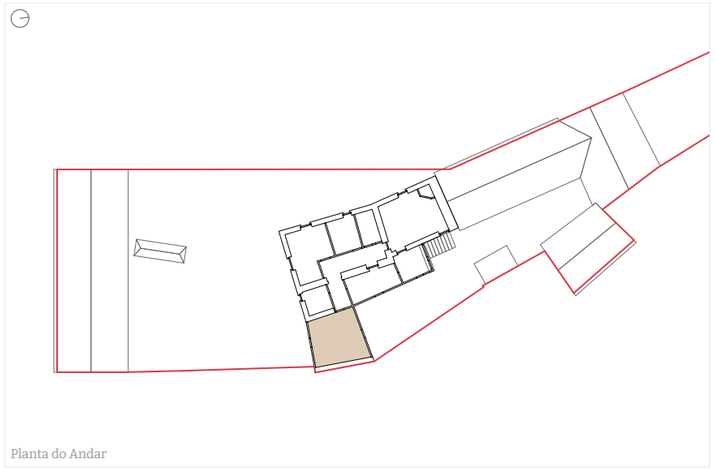
Quinteiro
(Fotografia da Autora)

FIG. 108

Eira
(Fotografia da Autora)

FIG. 109

Campo de Cultivo
(Fotografia da Autora)



Planta do Andar

Planta do Térreo

DES. 9

Esquemas dos espaços segundo as suas funções, s/ escala
(Desenho da Autora)

Espaços Agrícolas Dedicados:

- Milho
- Vinho
- Animais
- Armazenamento
- Cultivo

ro, desvão da escada e compartimento pequeno para a proteção dos animais; "*coberto de baixo*" e palheiro para armazenamento de alfaias agrícolas e comida para os animais; e as horas e o campo de cultivo para a exploração das culturas agrícolas

EVOLUÇÃO TEMPORAL

A tentativa de restituir a evolução temporal (DES. 12) da casa tem como finalidade o melhor entendimento do objeto de estudo, uma vez que a casa de lavoura é produto de várias ampliações e acrescentos conforme a necessidade dos habitantes. de acordo com o que foi possível apurar da informação recolhida, o **Volume Primitivo (fase 1)** seria composto por dois pisos: térreo para dependências agrícolas, e andar para a habitação, que teria apenas uma divisão/um compartimento. O acesso ao andar seria pela escada de alvenaria de pedra existente paralela à fachada. Provavelmente a chaminé de fumeiro não existiria nesta altura, se houvesse seria à semelhança de outros exemplos apenas um dispositivo rudimentar.

Segue-se a **Ampliação para Sul (fase 2)** com a mesma lógica de funções para cada piso. Cada setor divide-se em dois compartimentos. Depois, a **Ampliação para Oeste (fase 3)**, onde ocorre a colocação do quarto para o casal no andar. A casa adquire uma configuração em L, semelhante às "*casas da Maia*" (OLIVEIRA e GALHANO, 1992). Pensa-se que nesta fase, decorrente da revolução do Milho, no século XVII (RIBEIRO, 1945), foram edificados **dipositivos dedicados à exploração milho (fase 4)**. Há, com isto, a construção do sequeiro/varandão, espigueiro e eira. É possível apontar para uma mudança no modo de "*habitar/viver*" a casa, uma vez que este cereal vai ter um grande impacto no modo como os espaços serão dedicados a este cereal.

Segue-se a **Ampliação para Norte (fase 5)**, com a construção de dependências agrícolas para animais como os currais e o palheiro. De seguida, a construção da adega mais alpendre "*coberto de cima*" para produção e armazenamento do vinho, proporciona o **Encerramento do Pátio Norte "*quinteiro*" (fase 6)**. O **Encerramento do Pátio Sul (fase 7)**, datado do ano 1915 (FIG. 116), é conformado pela construção do "*coberto de baixo*". Com isto, estão definidos os limites da casa.

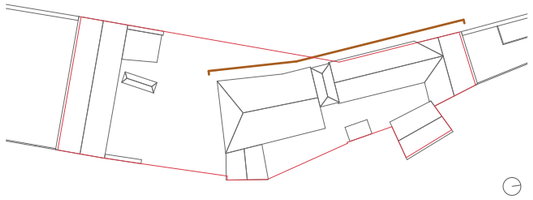
Decorrente da emigração do meu bisavô para o Brasil (São Paulo) entre 1915 e 1925, há a **Construção do Mirante** (FIG. 117 e 118) **(fase 8)**, elemento icónico e único na freguesia. Este elemento é mais tarde demolido por volta da década de 80, data também em que se procede à **substituição dos tabiques (fase 9)**, recorrentemente nomeados de estuques na região, por alvenarias de tijolo. No ano de 2012 há a construção do **anexo habitacional (fase 10)** e demolição de parte do "*coberto de cima*" e da adega.

FIG. 110
Detalhe na Alvenaria de Pedra
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 111
Detalhe na Alvenaria de Pedra
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

DES. 10

Alçado Poente, Esc. 1/100
(Desenho da autora)



Elementos em Corte

Alvenaria de Pedra - Granito

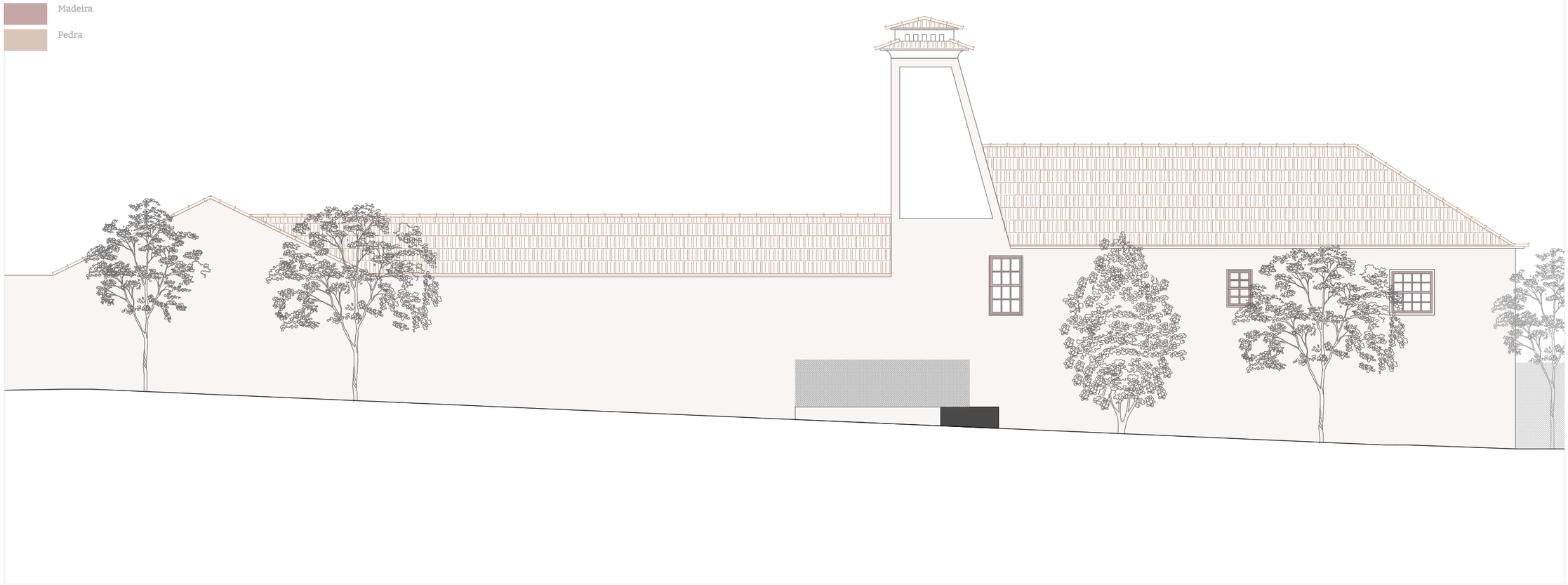
Elementos em Vista - Coberturas

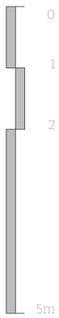
Telha Marselha

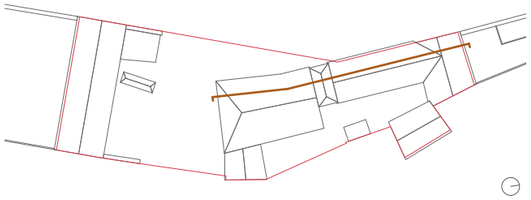
Elementos em Vista

Madeira

Pedra







DES. 11

Corte Longitudinal, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

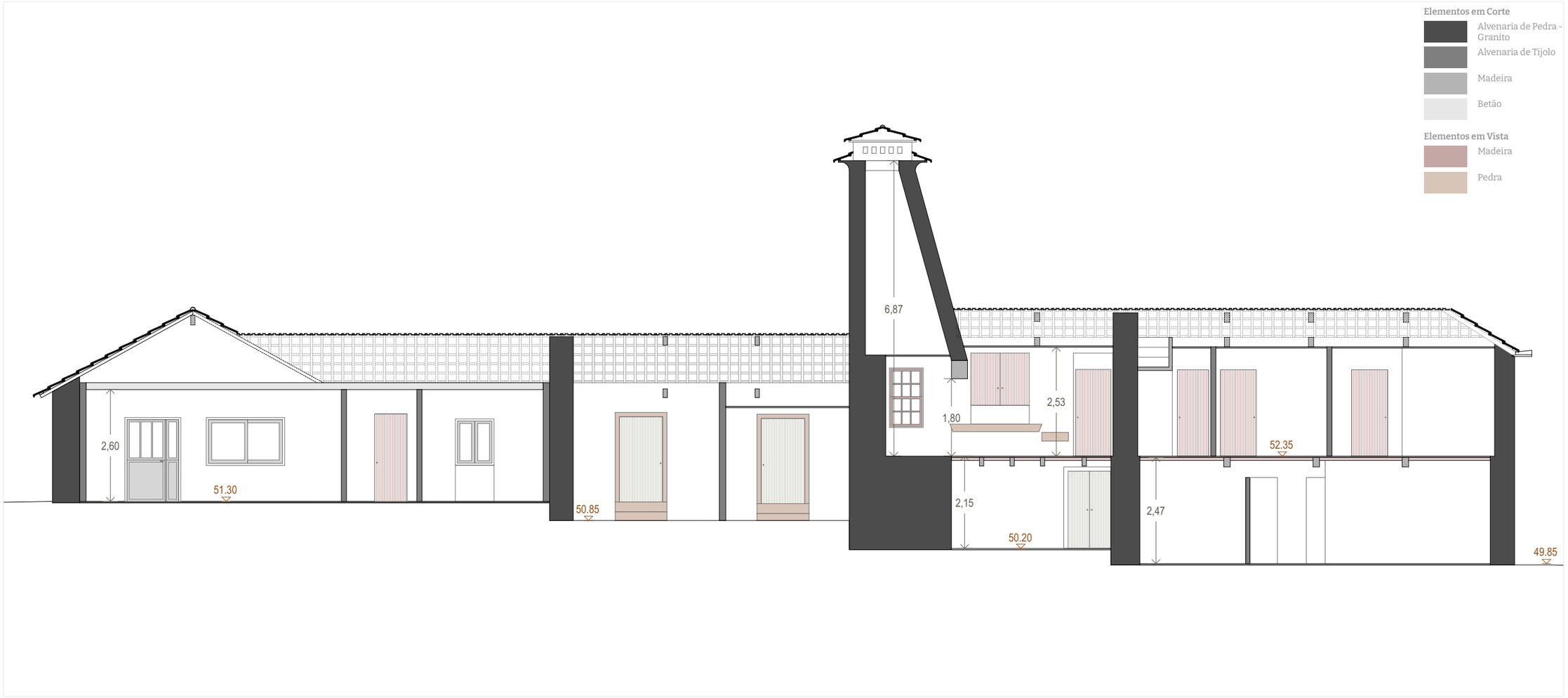
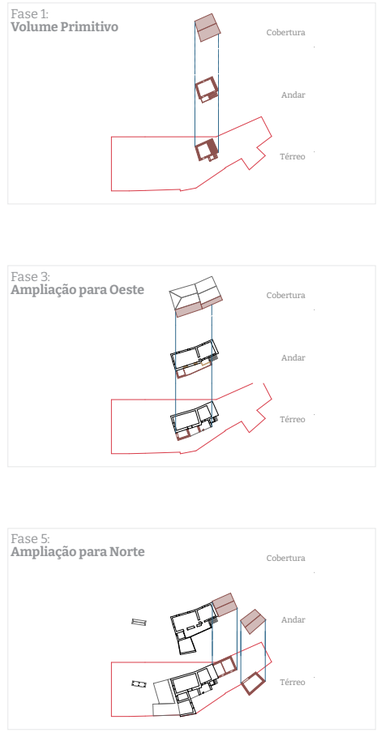


FIG. 112

Asna do "Coberto de Baixo"
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 113

Asna dos Currais
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)



DES. 12

Esquema do Processo Evolutivo da Casa, s/ escala
(DESENHO DA AUTORA)

ESTADO DE CONSERVAÇÃO – DIAGNÓSTICO

Do ponto de vista estrutural, conforme observações realizadas ao local, é possível concluir que as alvenarias de pedra se encontram em bom estado de conservação e de funcionamento estrutural, não havendo indícios de anomalias significativas ou que apontem para fenómenos de instabilidade. Apenas se assinala uma fissura que existe na chaminé (FIG. 119) que todos os anos, no Inverno, causa infiltrações no interior da cozinha. Isto foi resultado de uma explosão que aconteceu perto da casa e que "*abalou*" a mesma, fissurando a parede da chaminé.

Os danos estruturais principais acontecem ao nível dos sobrados e das coberturas. Note-se que as coberturas exibem sinais de deformação, causada pela cedência dos elementos estruturais de madeira, e por danos no revestimento em telha provocando infiltrações detetadas no interior. Não foi possível fazer uma observação geral às coberturas, principalmente ao nível do andar, portanto a observação cingiu-se à observação visual do interior e exterior dos edifícios com apenas um piso.

Os sobrados apresentam-se na sua generalidade em bom estado de conservação estrutural. Porém, foram feitos reforços estruturais nas estruturas de madeira no sobrado na década de 80, tendo estas sido parcialmente substituídas por vigas de betão (FIG. 120) e por estruturas de ferro, mais propriamente carris de linhas de comboios (FIG. 121). Dado tratar-se de uma estrutura vernácula dimensionada para estruturas de madeira, a alteração para vigas de betão poderá estar a sobrecarregar a estrutura de alvenaria de granito onde se apoiam. Os soalhos apresentam bom estado de conservação. Note-se, no entanto, a observação dos soalhos teve limitações dado que algumas divisões estão revestidas com linóleo ou alcatifa.

As divisórias internas, tanto no andar como no térreo, são todas em alvenaria cerâmica de tijolo, daí a colocação das vigas de betão ao nível da estrutura do pavimento do andar sobrado. Apesar de no térreo as divisões neste material não causarem problemas nas estruturas, ao contrário, no piso, a sobrecarga das paredes em alvenaria de tijolo comparativamente às paredes em tabique pode a longo prazo provocar danos graves na estrutura de madeira dos sobrados.

Em tom de conclusão é importante definir os aspetos que, neste caso de estudo, prejudicam a proteção da identidade e alteram a autenticidade deste edifício, entre muitas está principalmente a colocação de vigas de betão e ferro, paredes de tijolo e laje aligeirada de betão, ou seja, a utilização de materiais novos numa estrutura vernácula, cuja compatibilidade de materiais pode ser posta em causa. Este é um exemplo de parâmetros que tem de ser priorizado numa intervenção futura.

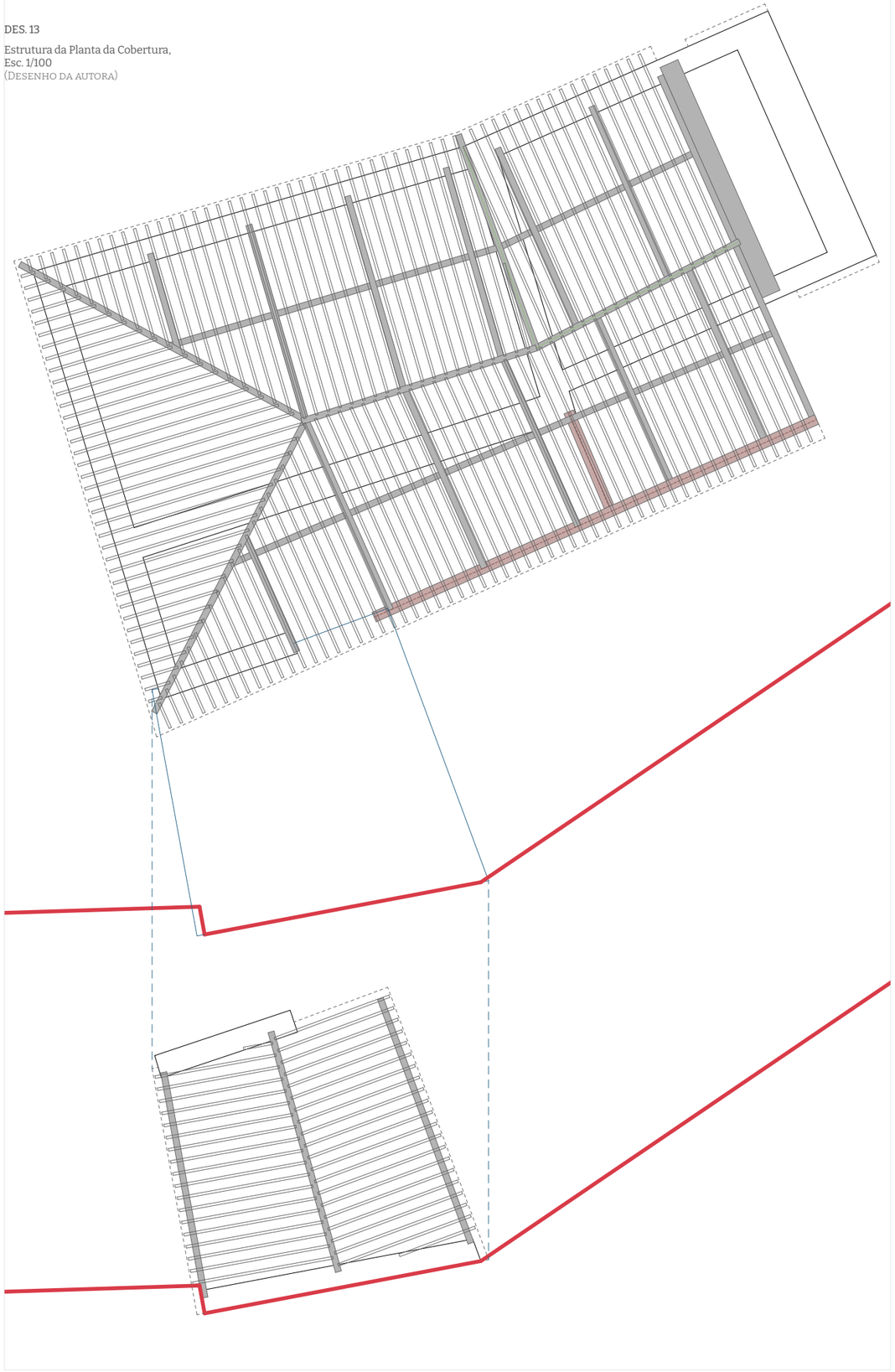
Como prioridade na intervenção ao caso de estudo deve estar também presente a reparação dos materiais tradicionais que se encontrem em degradação para que a segurança das pessoas não seja posta em causa. Para melhorar as condições de habitabilidade da casa é importante, por

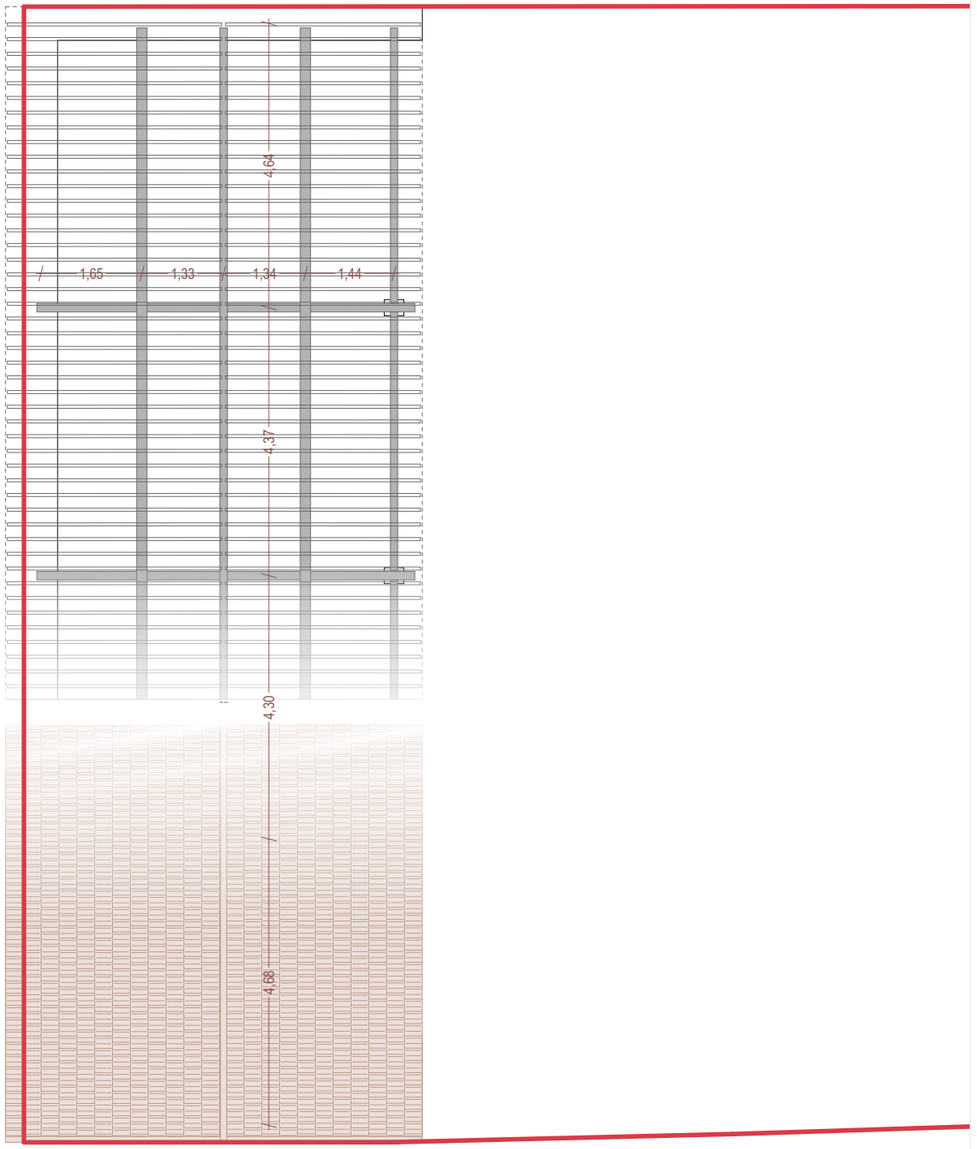
FIG. 114
Chaminé de Fumeiro
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

FIG. 115
Chaminé de Fumeiro
(FOTOGRAFIA DA AUTORA)

DES. 13

Estrutura da Planta da Cobertura,
Esc. 1/100
(Desenho da autora)



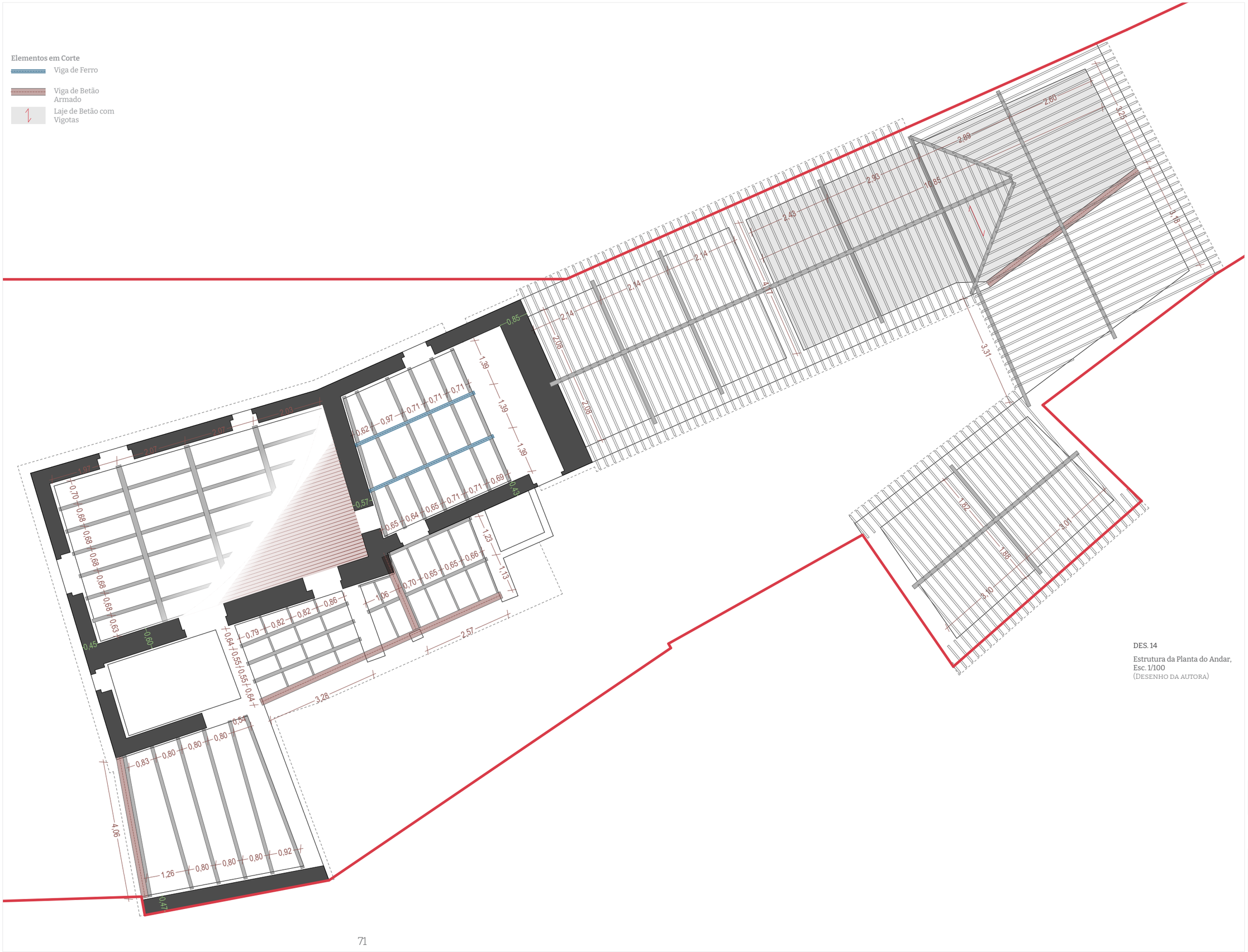


Elementos em Corte

Viga de Ferro

Viga de Betão Armado

Laje de Betão com Vigotas



DES. 14

Estrutura da Planta do Andar, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

0
1
2
5m

FIG. 116

Inscrição no "coberto de baixo" com a data "1915"
(Fotografia da Autora)

FIG. 117

Casa com o Mirante vista da rua de Souzelas
(Autor Desconhecido)

FIG. 118

Casa com Mirante, vista do "coberto de baixo"
(Autor Desconhecido)

FIG. 119

Fissura que existe na Chaminé de Fumeiro
(Fotografia da Autora)

FIG. 120

Exemplo de viga de betão na casa (no "coberto da eira")
(Fotografia da Autora)

FIG. 121

Exemplo de viga de ferro da casa (na adega)
(Fotografia da Autora)

exemplo, implementar isolamentos térmicos pelo interior das paredes exteriores. No seguinte capítulo serão abordadas estas questões e em que condições serão mais adequadas tendo em conta o valor patrimonial do edifício.

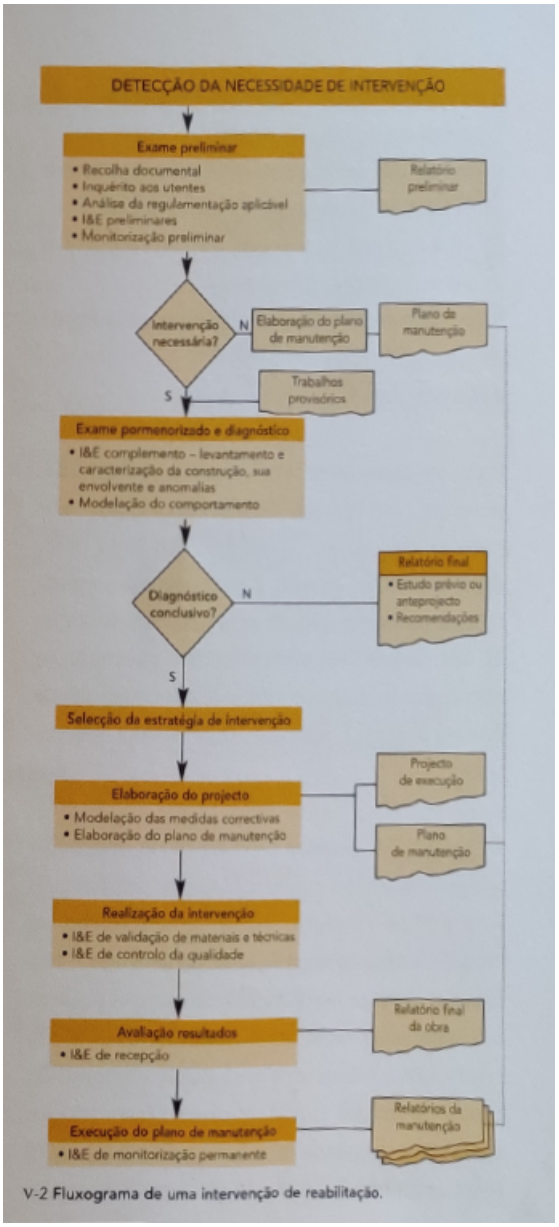
CAPÍTULO III. **PLANO DE INTERVENÇÃO**

Este capítulo tem como propósito a elaboração de um conjunto de princípios que possam auxiliar a reabilitação do património vernáculo da tipologia que foi apresentada no capítulo anterior. Esta parte do trabalho retoma o tema abordado no capítulo 1.1, no entanto será feita uma abordagem à **reabilitação do ponto de vista da intervenção**, com 5 casos práticos.

3.1. METODOLOGIAS E PRINCÍPIOS GERAIS DE INTERVENÇÃO

O conceito de reabilitação deve estar associado com o conceito de autenticidade, que numa construção, para além da forma, consiste na função original, na utilização que teve, na superfície exposta e nos materiais e estrutura (Cóias, 2007). Portanto, um intervenção terá que ter por base o princípio de autenticidade, tal como preconiza o "Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património" (ICOMOS, 1994).

O conceito de "*reabilitação*" surge indissociável do conceito de "*edifícios antigos*", que por definição, segundo Appleton (2003, p. 2), "(...) *é aquele que foi construído antes do advento do betão armado como material estrutural dominante* (...)". Definição esta que é delimitada pelo aparecimento do betão armado, pois este material é "(...) *responsável por rápidas e profundas alterações nos procedimentos habituais de construção de edifícios* (...)". A implementação do novo material "(...) *marca efetivamente um plano de rotura com o passado* (...)". Passado este que se manteve inalterável durante séculos, onde a edificação de construções tinha como recurso a utilização dos "(...) *mesmos materiais, privilegiando materiais "naturais", sujeitos a ligeiras transformações*".



V-2 **Fluxograma de uma intervenção de reabilitação.**

FIG. 122

Fluxograma de uma intervenção de reabilitação
(CÓIAS, 2007, P. 117)

De acordo com Appleton (2003, p. 4), para que a prática tradicional não se perca é fundamental encarar o conhecimento das técnicas de construção tradicionais, segundo dois princípios; primeiramente "(...) *é necessário conhecer o objeto de uma intervenção antes de estudar e realizar essa intervenção, de modo a adequar os materiais e métodos a aplicar às caraterísticas desse objeto* (...)", ou seja, a intervenção deve ser precedida de um estudo para melhor entendimento do objeto. Seguidamente, "(...) *o conhecimento das técnicas tradicionais interessa, na medida em que essas mesmas técnicas serão com frequência, as soluções mais recomendáveis para as intervenções, pelo menos quando se trate de intervenções irreversíveis* (...)", assim, o entendimento aprofundado do objeto permite que ao efetuar o projeto, as soluções escolhidas vão de encontro ao que melhor se adequa ao edifício. Portanto, o conhecimento do edifício, serve, por um lado, para entender as suas caraterísticas autênticas e identitárias, e, por outro lado, para implementar soluções mais adequadas à intervenção do edifício.

INTERVENÇÃO

A reabilitação é o processo de dar ao edifício um "*uso eficiente e compatível*" (Cóias, 2007, p. 25), através de uma intervenção ao edifício preservando e salvaguardando as suas caraterísticas autênticas e identitárias. Segundo Cóias (2007, p. 26) (fig. 122), há três níveis que classificam as intervenções de reabilitação: o primeiro nível tem em conta a " *estética do sítio urbano onde os edifícios se encontram*" portanto consiste no "*desempenho do envelope ou invólucro exterior (fachadas e cobertura)*"; o segundo nível tem a ver com o "*bem-estar das pessoas*", ou seja, com "*condições de habitabilidade e conforto (abrangendo ou não as instalações e sistemas)*"; o terceiro nível é relativo "*à segurança das pessoas e bens e assume particular relevância quando está em causa a ação sísmica*", trata-se de uma intervenção ao nível do "*comportamento estrutural*". Este último nível, é a base de todo o processo, se não se conseguir garantir, o edifício não tem condições para ser utilizado (ICOMOS/ISCARSAH Committee e ICOMOS Charter, 2003).

Independentemente do nível de intervenção a efetuar ao edifício, esta deve ser balizada por requisitos de salvaguarda que seguem os critérios seguintes: efetuar uma intervenção eficaz, demonstrada por provas qualitativas e quantitativas; garantir a reversibilidade das intervenções, estas têm de ser o mais reversíveis possível; assegurar a compatibilidade entre o existente e o novo, ou seja, tem de haver compatibilidade entre os componentes originais e os que vão ser integrados; proporcionar soluções duráveis, cuja durabilidade tem de ser comprovada, por exemplo no usos de materiais e técnicas tradicionais a durabilidade está demonstrada na própria história; garantir que a intervenção é o mais eficiente possível com o menor usos possível de recurso e com o menor custo (Appleton, 2003, p. 4; Cóias, 2007, p. 30).

FIG. 123

Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Vista da rua

FIG. 124

Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Vista da rua

FIG. 125

Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Escada de Alvenaria de Pedra (Granito)

FIG. 126

Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Varanda

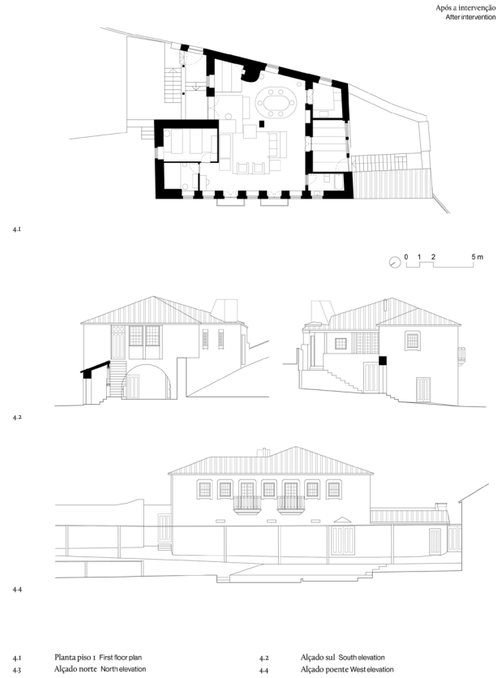
FIG. 127

Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Sala

3.1 Planta piso 1 First floor plan
3.2 Alçado sul South elevation
3.3 Alçado norte North elevation
3.4 Alçado poente West elevation

FIG. 128

Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Desenhos de Vermelhos



4.1 Planta piso 1 First floor plan
4.2 Alçado sul South elevation
4.3 Alçado norte North elevation
4.4 Alçado poente West elevation

FIG. 129

Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Desenhos da Intervenção

Na abordagem ao património vernáculo deve-se ter em conta várias dimensões, uma vez que cada edifício, do mais rural ao mais erudito, é dotado de uma dimensão histórica, arqueológica, social e afetiva que contribuem para a sua autenticidade e integridade e que no seu todo, conformam a sua identidade (Barroso, 2012). Note-se que o sistema construtivo é apenas uma das dimensões do património vernáculo, no entanto o seu valor é reconhecido na Carta de Cracóvia 2000 e encontra-se na mesma linha de valores identificados pela conservação do património construído (Freitas, 2012).

É fundamental que a intervenção a equacionar seja enquadrada num contexto multidisciplinar, de modo a terem em contra as várias dimensões do património vernáculo. As metodologias de intervenção devem estar em constante revisão, uma vez que podem aparecer novas questões que precisam de ser tratadas e priorizadas. No entanto, antes da intervenção é necessário avaliar a necessidade e dimensão da intervenção, que será elaborada com recurso a um estudo de diagnóstico. Assim que se veja necessidade de construir parte-se para o projeto de execução (Freitas, 2012).

TÉCNICAS E MATERIAIS

O projeto de reabilitação deve balizar-se pelos seguintes princípios gerais: tem de se provar que cada ação é indispensável, seguindo a ideia de intervenção mínima; o uso tem de ser adaptado ao edifício e não o contrário; é imprescindível que haja compatibilidade entre materiais existentes e materiais novos; a intervenção tem de ser reversível; e no culminar de todos os princípios tem de haver respeito pelo edifício, pela sua história e pela sua conceção original (Freitas, 2012).

Segundo Cóias (2007), a estratégia mais comum usada na reabilitação do património vernáculo é manter as fachadas e destruir todo o interior, recorrendo a técnicas, materiais e sistemas construtivos utilizados para a nova construção, que se baseiam na utilização intensiva do cimento e betão armado.

Relativamente ao uso do betão em operações de reabilitação, e atendendo à abordagem já explicitada no capítulo 1, no âmbito das normas internacionais, importa referir que a utilização do betão armado na reabilitação estrutural tem de ser cuidadosamente ponderada e demonstrada como indispensável à intervenção (Cóias, 2007).

Importa também referir, que para além dos problemas de compatibilidade química, e do sobrepeso dos elementos de betão sobre as estruturas de pedra e madeira, a conjugação de elementos de betão feito *in sito* podem causar algum dano nos elementos tradicionais existente, uma vez que que estas soluções requerem o uso de água, são, portanto, "*húmidas*", o que faz com que o seu carater intrusivo seja ainda maior quando aplicado a estruturas com madeira(Cóias, 2007)..

FIG. 130

Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Vista da Entrada na Casa

FIG. 131

Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Vista para o Pátio

FIG. 132

Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Vista para o Pátio

FIG. 133

Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Depêndicia Agrícola do Térreo
Transformada em Quarto

FIG. 134

Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Sala

FIG. 135

Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Desenhos do Processo Projetual

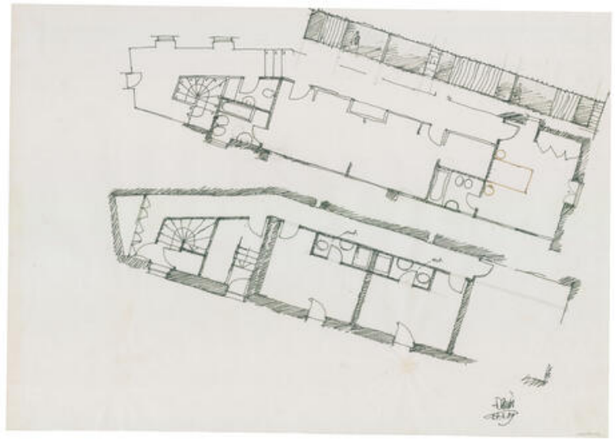


FIG. 136

Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Planta do Térreo

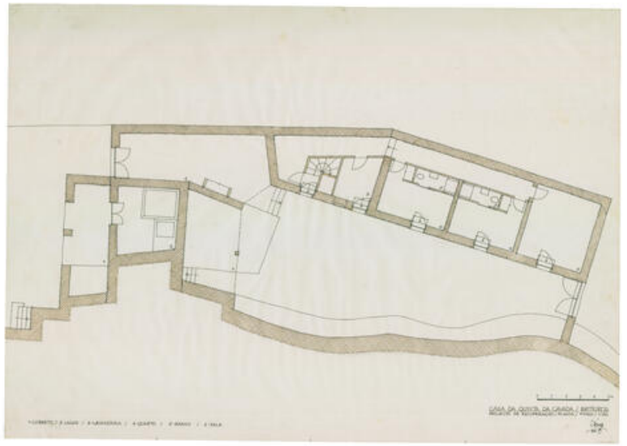
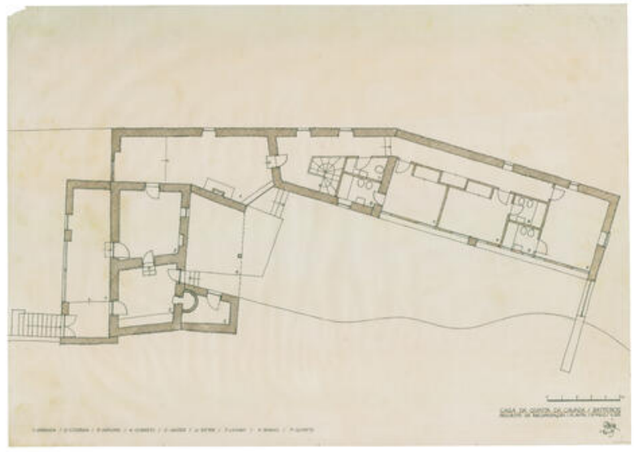


FIG. 137

Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Planta do Andar



Uma alternativa ao betão armado a que se recorre na reabilitação sísmica é a utilização de perfis de aço. Apesar de permitir soluções mais "*secas*" ou quase "*secas*" coloca também alguns entraves, nomeadamente do peso que os elementos a montar têm, a imposição de garantir a continuidade entre pisos e de assegurar uma ligação forte à alvenaria. Os elevados níveis de rigidez que o aço apresenta comparativamente à alvenaria podem causar pontos de tensão quando os dois materiais se intersetam, portanto, a utilização do aço em reabilitação estrutural e sísmica deve ser ponderada e indispensável à intervenção (CÓIAS, 2007).

Com isto, pensa-se que as soluções que se justificam adotar no contexto da reabilitação estrutural não devem ser radicais nem empobrecedoras. Dado o valor vernáculo que as Casas de Lavoura têm, as medidas corretivas aplicadas na intervenção terão de ser concebidas de modo a preservar a sua autenticidade e o seu caráter histórico.

METODOLOGIA

Segundo FREITAS (2012), o processo de reabilitação é constituído por 5 fases: a viabilidade da intervenção; o diagnóstico; a definição da estratégia; a análise técnico-económica de propostas; e a execução da obra.

A **viabilidade da intervenção** é condicionada por fatores internos ao edifício e por fatores externos. A operação de reabilitação começa com a análise de *viabilidade* e definição do programa; é necessário o conhecimento aprofundado da construção para que a tomada de decisão seja o mais apropriada possível. Antes da operação de reabilitação é necessário ponderar a sua exequibilidade no tempo, no espaço, financeira e técnica. Sendo a viabilidade económica das operações de reabilitação depende da escala da intervenção. Além do valor tangível do imóvel deve-se tem em conta o valor intangível, é necessário preservar valores de ordem artística, cultural ou histórica que o edifício contém.

O **diagnóstico** advém da necessidade de repor a qualidade inicial do edifício ou de melhorar as suas condições de funcionamento, respondendo a exigências de conforto e qualidade. O estudo de diagnóstico pretende elucidar sobre o estado de conservação do edifício, para que depois seja *definida a estratégia e o programa de intervenção*.

A **metodologia** inicia-se com a pesquisa histórica, que pretende conhecer a funcionalidade presente e passada da construção; a data de construção; critérios do projeto inicial; história de eventuais intervenções ou alterações ocorridas no passado; técnicas e caraterísticas dos materiais. Segue-se a recolha e análise da informação escrita e desenhada que deve ser acompanhada pelo levantamento arquitetónico e o levantamento fotográfico. Devem ser feitas visitas ao interior e exterior do edifico para se apurar o estado de degradação do edifício. Poderá ser necessário a implementação de um plano de monitorização. A caraterização dos materiais e das configurações dos elementos construtivos

FIG. 138

Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Vista do Exterior

FIG. 139

Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Vista do Exterior

FIG. 140

Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Vista do Exterior
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

FIG. 141

Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Sala
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

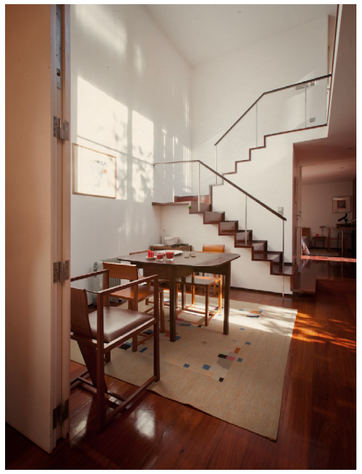
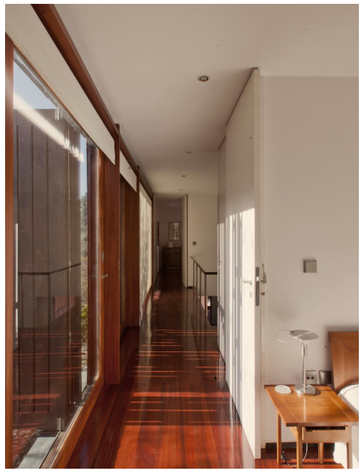


FIG. 142

Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Quarto
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/



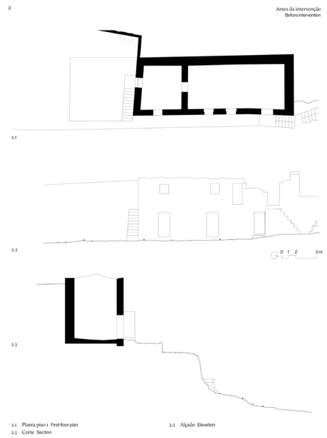


FIG. 143

Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Desenhos da Pré-existência

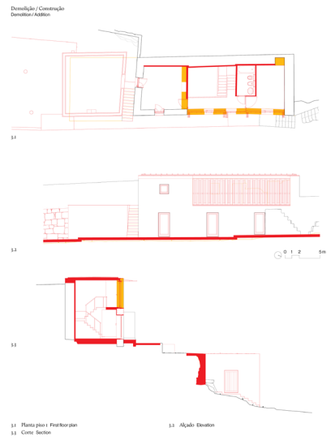


FIG. 144

Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Desenhos de Vermelhos e Amarelos

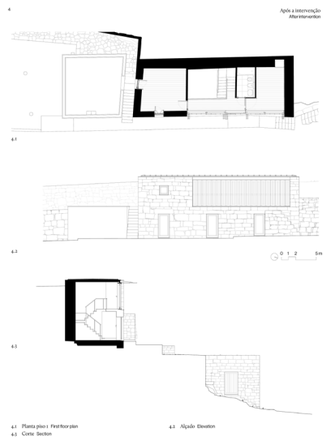


FIG. 145

Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Desenhos da Intervenção

será executada com recurso a sondagens, ensaios ou medidas, através da utilização de técnicas não destrutivas.

É a elaboração do diagnóstico de estudo que vai sustentar as ações de intervenção. Para que o diagnóstico seja feito com o maior detalhe e rigor possível é necessário que este seja feito por equipas multidisciplinares especialistas na área da reabilitação.

A **estratégia** é definida após determinada necessidade de intervenção, para tal será feita uma recolha de soluções de reabilitação associados a uma estimativa de custo, que será crivada pela avaliação técnico-económica. É importante dar atenção especial à exigência da qualidade e deve-se ter em conta os parâmetros de autenticidade, durabilidade, compatibilidade e reversibilidade e análise económica.

Após o estudo arquitetónico (projeto que envolve as especialidades), o **projeto de execução** é constituído por peças escritas e peças desenhadas, mas são a qualidade e especificidade dos desenhos de pormenor que vão ditar o sucesso da intervenção.

A **análise técnico-económica** de propostas terá de ser feita com base em várias propostas e elaboradas por empresas especializadas na área.

A **execução da obra** é o culminar de todo o processo, terá de ser feito o seu acompanhamento para a correção de pequenas imprecisões que não foram possível prever ao longo do projeto. A conclusão da obra termina com uma vistoria e um auto de receção.

No entanto, depois da obra concluída é necessário definir uma **estratégia de manutenção** programada no tempo e a **monitorização** do bom funcionamento das soluções construtivas e infraestruturas do edifício para se prevenir potenciais danos (Barroso, 2019)

3.2. PROGRAMA DE INTERVENÇÃO AO CASO DE ESTUDO

PROGRAMA

"*Em projetos de Reabilitação considera-se imprescindível o desenvolvimento de estudos programáticos que avaliam e validem previamente as possibilidades funcionais dos espaços e estruturas preexistentes, no sentido de minimizar as demolições e alterações às edificações com valor cultural*" (*Guia FNRE*, 2020). Assim é importante a realização de estudos programáticos ao edifício que analisem como as propostas irão influenciar as características específicas dos espaços e das estruturas pré-existentes. O objetivo é evitar a implementação de programas que possam comprometer a interpretação do valor cultural do edifício. Portanto, a

FIG. 146

Casa Laura Fonseca, do arquiteto José Gigante
Imagem Antes da Intervenção

FIG. 147

Casa Laura Fonseca, do arquiteto José Gigante
Imagem Depois da Intervenção

FIG. 148

Casa Laura Fonseca, do arquiteto
José Gigante
Interior do Térreo

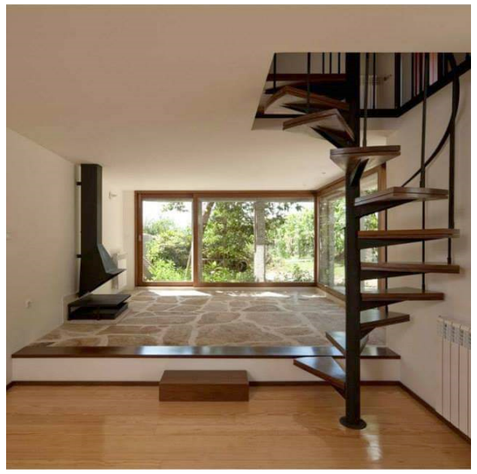
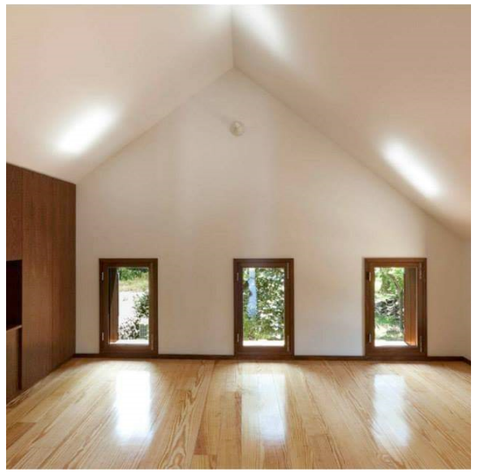


FIG. 149

Casa Laura Fonseca, do arquiteto
José Gigante
Interior do Andar



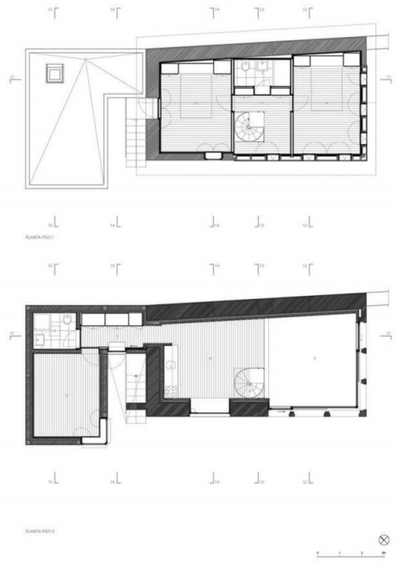


FIG. 150

Casa Laura Fonseca, do arquiteto
José Gigante
Plantas da Intervenção

FIG. 151

Casa Laura Fonseca, do arquiteto
José Gigante
Cortes da Intervenção

preservação das narrativas e significados culturais, reconhecendo a função original do edifício é essencial ao projeto de reabilitação.

"*Um projeto de reabilitação deve permitir ler a história e a matriz tipológica de uma edificação preexistente, mesmo quando existe modificação funcional*" (*Guia FNRE*, 2020). É dever ético do arquiteto elucidar para programas compatíveis ao edifício pré-existente, mesmo quando os programas iniciais não se adequam à estrutura tipológica, espacial e construtiva da edificação patrimonial. Nos exemplos práticos, referências externas que se seguem é possível verificar que, as casas de lavoura são transformadas em casas de férias. Logo é possível adaptar novos usos a um edifício antigo sem que o seu valor patrimonial seja posto em causa.

INTENÇÕES – TIPO DE INTERVENÇÃO

Segundo Appleton (2003) o grau de intervenção é condicionado pelo estado de degradação e pelo programa escolhido (padrões de conforto e segurança). De acordo com o mesmo autor (Appleton, 2003), existem três tipos de intervenção – a reabilitação ligeira, média e profunda. Destas três a reabilitação média será o tipo de intervenção que mais se adequa ao caso de estudo. Portanto, a reabilitação média inclui trabalhos do 1º grau, como pequenas reparações, mantendo-se intocável a estrutura e a organização espacial. No entanto, numa intervenção média é necessário eventual reforço de alguns elementos estruturais e de fundações, e ainda na modernização dos espaços, instalações e os equipamentos.

Note-se que nos cinco casos escolhidos: Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira, 1974 (fig. 123-128); Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora, 1990 (fig. 130-137); Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias, 2006 (fig. 138-145); Casa Laura Fonseca, do arquiteto José Gigante, 2014 (fig. 146-151); e Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Tavares, 2015 (fig. 152-159); a preocupação foi recorrer a exemplos de reabilitação que tenham uma abordagem temporal, de modo a que seja possível entender a evolução ou a mudança nas formas de reabilitar o edificado rural

Estas casas, implantadas em meio rural, foram alvo de uma intervenção que teve como principal objetivo melhorar a capacidade de habitabilidade e de conforto da casa. Estes dispositivos agrícolas transformados em casas de férias apresentam uma mudança substancial no programa, ou seja, os espaços que albergavam animais e/ou outras funções tiveram de se adaptar ao novo programa.

É de notar que estes exemplos apresentam diferentes abordagens de intervenção, por exemplo a Casa em Moledo do Minho e a Casa da Quinta da Cavada, por serem de uma época distinta dos restantes, ou seja, década de setenta e noventa, observa-se uma abordagem menos interventiva na forma de reabilitar.

FIG. 152

Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Conjunto

FIG. 153

Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Conjunto

FIG. 154

Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Interior – Cozinha

FIG. 155

Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Interior – Escada de Acesso ao Andar

FIG. 156

Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Interior – Instalação Sanitária

FIG. 157

Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Desenho de Conjunto

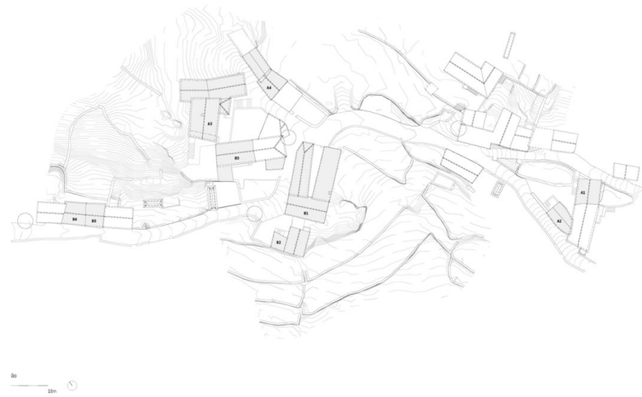


FIG. 158

Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Plantas

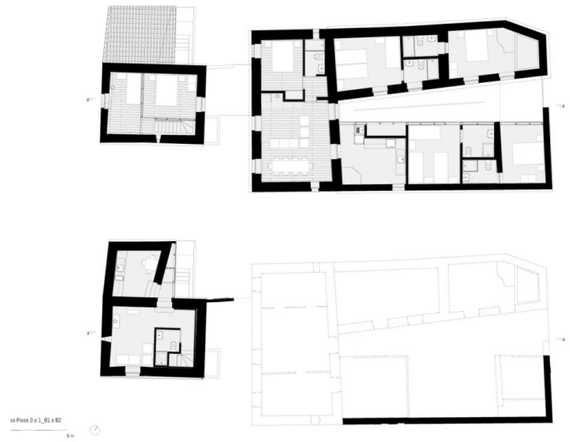
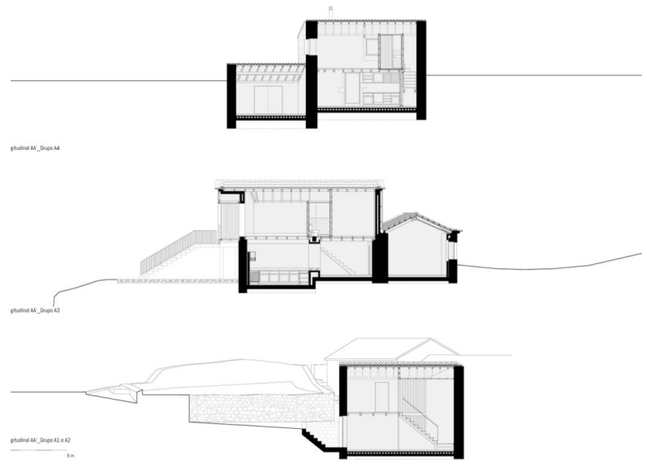


FIG. 159

Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Cortes



LINHAS ORIENTADORAS

Passando destes exemplos para o caso de estudo, do ponto de vista dos indicadores de identidade e autenticidade, apresentam-se aspetos que poderão estar a causar grandes perdas de autenticidade e identidade, no entanto, com vista a corresponder ao contexto atual.

Em primeiro lugar, não fará sentido manter o **uso** agrícola, uma vez que este já não tem a mesma função que teria quando foi criado. No entanto, poderá haver um compartimento destinado a essa função, para guardar ferramentas úteis ao tratamento dos espaços ajardinados da casa.

Fará todo o sentido manter-se o uso habitacional que se encontra no andar, no entanto, será necessária uma análise construtiva e detalhada ao **sistema construtivo** utilizado no anexo habitacional construído recentemente. Este por usar soluções "*húmidas*", uma laje aligeirada de betão, sem ser devidamente ponderada o seu benefício. Esta poderá estar a ter uma influência intrusiva nos materiais tradicionais com os quais convive. O mesmo procedimento terá de ser realizado para as vigas de betão que existem no suporte do andar e nas paredes de alvenaria de tijolo.

Para que não se perca uma parte da história deste edifício, é importante retomar-se, o terceiro **piso** de influências brasileiras, o "*mirante*". Reforça-se a ideia de que este foi demolido devido a infiltrações. Note-se que não foi possível aceder à cobertura do andar porque a escada do "*mirante*" encontra-se em mau estado de conservação. Portanto, é também necessária uma avaliação à cobertura do andar de modo a determinar uma forma de restituir o "*mirante*".

De modo geral, as **coberturas** com níveis de deformação terão de ser reparadas, através da identificação das madeiras com apodrecimento e posterior substituições e reparação de telhas que permitem infiltrações. Para a **fissura da chaminé**, terá de se equacionar uma solução definitiva.

Após a conclusão do diagnóstico e a definição do programa base, foram estabelecidas um conjunto de recomendações de intervenção. Estas recomendações devem ser revistas e validadas durante a fase de elaboração do projeto, sempre que tal se justificar, e com base no melhor interesse da preservação do património alvo da intervenção. Neste contexto, a TAB. 3 serve como um resumo das estratégias de intervenção, delineando os diversos elementos que orientarão a execução do projeto de arquitetura.

ITENS DE INTERVENÇÃO	AÇÃO RECOMENDADA	AÇÃO INTERDITA	NOTAS
Usos	Uso original (agrícola e habitacional); uso compatível, como por exemplo utilizar a casa apenas como habitação	Proceder a ampliações, como por exemplo colocar mais um piso	É importante voltar a trazer a imagem do mirante, mas não é aceitável criar um piso na sua totalidade
Rés-do-chão Edificado Principal	Habitação no edifício principal	Garagens; Áreas húmidas não habitacionais	
Anexos	Arrumos, garagem, anexo agrícola nos restantes espaços	Áreas habitacionais	
Revestimentos	Rebocos tradicionais, como por exemplo, argamassa com areia e cal aérea	Cimento Portland	
Paredes Exteriores	Argamassa tradicional; Argamassa comercial específica para reabilitação de pedra; Argamassa de cal	Argamassa de base cimentícia	A compatibilidade das argamassas com o existente tem de ser testada antes de aplicadas
Paredes Interiores	Tabiques	Paredes de tijolo	Substituir as paredes de tijolo que existem no interior da casa, ao nível do andar, por materiais mais leves e mais compatíveis.
Coberturas e Sobrados	Madeiras semelhantes às existentes	Betão, ferro, outros materiais novos	Substituir a vigas e laje de betão e ferro que existem.
Pavimentos Exteriores	Pedra semelhante à existente; saibro estabilizado; cubo	Pavimentos não permeáveis	

TAB. 3
Plano de intervenção com as ações aceitáveis e ações interditas ao caso de estudo
(Esquema da Autora)

Pavimentos Interiores	Pedra no piso térreo; Madeira no andar	Betonilhas, cerâmicas	A madeira a utilizar deve ser compatível com a existente, e devem ser substituídas todas as tábuas existentes podres
Cores	Verde e branco	Vermelho	
Conforto Térmico	Nos tetos colocar lã de rocha; foras pelo interior das paredes externas	Lã de vidro	
Infraestruturas	Utilizar produtos indicados para intervenções de reabilitação	Utilizar produtos que danifiquem a identidade deste edifício.	
Manutenção	Limpeza regular; Monitorização de infiltrações; Reparação de danos pontuais	Utilizar produtos que possam danificar os materiais nas ações de limpeza ou reparação	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reabilitação do património vernáculo encontra-se cada vez mais presente no trabalho dos arquitetos e começa a ter um papel cada vez mais importante na arquitetura portuguesa. A reabilitação deste tipo de património é fundamental por razões diversas, mas principalmente na preservação da cultura, história e identidade de uma região, pois o processo de reabilitação não se prende apenas com a componente construtiva, há também o respeito pelas tradições que estes edifícios contêm.

Na preservação do património vernáculo é essencial a definição de metodologias de intervenção, assim garante-se uma intervenção adequada e responsável, de modo a respeitar a autenticidade e o valor cultural deste património.

Este trabalho contribui para o entendimento integrado entre a reabilitação do património vernáculo e a morfotipologia da Casa de Lavoura do Minho, sendo cada um destes temas analisados com detalhe. Isto garante uma abordagem aprofundada e sistemática no processo de reabilitação de edifícios históricos, garantindo a preservação da identidade e autenticidade cultural e do valor patrimonial.

Além disso, contribui para a expansão do conhecimento da área de estudo e do objeto de estudo, assim como, para um melhor entendimento da arquitetura vernácula e das suas características específicas, através de um exemplo prático.

Com isto, procurou-se responder aos **objetivos de investigação** propostos no início deste trabalho: em primeiro, a contribuição para a compreensão relacionada de dois temas, a reabilitação e o património vernáculo, mediante revisão de literatura sobre este temas e síntese dos

princípios internacionais e das características morfológicas das casas de Lavoura do Minho.

Em segundo, o alargamento para o conhecimento de morfotipologias semelhantes ao objeto de estudo, através de um inventário de casas de lavoura na área de estudo, com a análise da implantação e do exterior dos edifícios; e levantamento arquitetónico (dimensional e geométrico) do objeto de estudo, com várias análise posteriores do edifício como casa de lavoura.

Por último, a definição de um plano de intervenção para a reabilitação do objeto de estudo, formulando, em primeiro, um conjunto de princípios teóricos que incide na intervenção; e, seguidamente, a formulação do plano para o objeto de estudo, recorrendo a exemplos práticos, considerando as características de identidade e autenticidade do edifício.

Este trabalho consiste na busca por uma sistematização de indicadores de autenticidade e identidade nas Casa de Lavoura do Minho com fim à intervenção, no âmbito da reabilitação no objeto de estudo, uma casa de Lavoura de médio lavrador. Para atingir estes objetivos recorreu-se a uma **metodologia** de trabalho que consiste em: revisão de literatura, trabalho de campo, análise de casos práticos, levantamento geométrico e análise do caso de estudo.

Inicia-se esta procura com a revisão de literatura de referência, com intenção de entender aquilo que as referências bibliográficas dizem sobre este assunto, uma espécie de "*Estado de Arte*" sobre esta temática. Primeiramente, pretende-se entender boas práticas intervenção internacionais; e seguidamente, busca-se um entendimento sobre a Casa de Lavoura do Minho, identificando indicadores de autenticidade e identidade.

Com isto, está criado o mote, a premissa para o trabalho de campo: identificar no terreno as caraterísticas de autenticidade e identidade formuladas pela bibliografia de referência. Assim, é feito um inventário de Casas de Lavoura na região e uma síntese das conclusões que este levantamento permitiu retirar. São identificadas as semelhanças e diferenças comparado ao que a literatura indica. Mesmo assim, é possível observar que dentro da mesma região existem subtis nuances; exemplo disto é que na freguesia de Creixomil existe um número maior de casas com mirantes, comparativamente às outras freguesias em estudo.

A caraterização do caso de estudo, no âmbito da Casa de Lavoura do Minho, tem em conta a bibliografia de referência e o levantamento de Casas de Lavoura na região. Identificam-se semelhanças e diferenças com estes dois pontos de referência, no entanto, algo peculiar nesta casa é a sua inserção num complexo produtivo estreito. Algo pouco comum nos exemplos recolhidos. Depois da caraterização morfológica do caso de estudo, são feitos estudos e análises à casa para entender a sua constru-

ção no tempo, a sua utilização enquanto Casa de Lavoura e o seu estado atual. O diagnóstico de estudo com base nas análises realizadas, que serviu como base para as ações de intervenção; que atendendo ao âmbito próprio de uma tese de metrado integrado, se traduz numa aproximação breve e simplificada do diagnóstico.

A intervenção tem por base toda esta caraterização e num aprofundamento mais técnico do ponto de vista da intervenção, tendo presente as boas práticas ilustradas no início do trabalho. A definição do programa, o tipo de intervenção e as linhas orientadoras são foco essencial para uma reabilitação adequada do caso de estudo. Auxilia-se este plano de intervenção com a escolha de cinco projetos de referência, com abordagens diferentes na forma de reabilitar edificado rural.

Assim, a investigação realizada e as conclusões obtidas fornecem indicações que podem orientar eficazmente qualquer intervenção futura no objeto de estudo. Portanto, apesar de não se atingir a fase de projeto detalhado da intervenção, este estudo permite elaborar uma abordagem informada e bem fundamentada no projeto de reabilitação da casa.

Para concluir, é fundamental que na intervenção ao património edificado haja a vontade de preservar a história e as tradições associadas a esse edifício. Portanto, para os arquitetos é importante investir numa abordagem sistemática, aprofundada, cautelosa e adequada, para que o valor autêntico e identitário do edifício a intervir seja salvaguardado. Por isso, é dever dos arquitetos ter um papel ativo na reedificação da nossa história, para que não se percam partes importantes, e para que estes testemunhos vivos sejam preservados para as gerações futuras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APP. (2004 [1961]). *Arquitetura Popular em Portugal*. Lisboa: APP.

Appleton, João. (2003). *Reabilitação de Edifícios Antigos _ Patologias e Tecnologias de Intervenção*. Amadora: Orion.

Australia ICOMOS. (2013). *A Carta de Burra. Carta do ICOMOS da Austrália para a conservação dos sítios com significado cultural* (em inglês). Burra. http://australia.icomos.org/wp-content/uploads/The-Burra-Charter-2013-Adopted-31.10.2013.pdf.

Barroso, Carlos. (2012). *A construção vernacular em xisto entre o Cávado e o Ave - o caso de Barqueiros*.Tese de Mestrado em Construção e Reabilitação Sustentáveis. Escola de Engenharia - Universidade do Minho, Braga.

Barroso, Carlos. (2019). *The Rural Vernacular Construction of the Entre-Douro-e-Minho*.Tese de Doutoramento em Engenharia Civil. Escola de Engenharia - Universidade do Minho, Braga.

Barroso, Carlos; Barros, Fernando; Vale, Clara; Oliveira, Daniel e Ramos, Luís. (2020). *Vernacular Heritage of Northwest Portugal: the Valley and the Mountain Range Farmhouse*. Construction Pathology, Rehabilitation Technology and Heritage Management. Granada, Spain.

Bastos, Eduardo e Barros, Henrique. (1943). *Inquérito à Habitação Rural* (Vol. I). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa.

Carlos, Gilberto Duarte e Correia, Mariana. (2015). Vernacular Architecture? In *Seism. Retrofit. Learn. from Vernac. Archit.* CRC Press.

Cóias, Vítor. (2017). As ONG do Património no terreno. *Pedra e Cal*, (63), 16-19.

CÓIAS, Vítor. (2007). *Reabilitação Estrutural de Edifícios Antigos*. Lisboa: Argumentum.

CONSELHO DA EUROPA. (1975). *Carta Europeia do Património Arquitetónico* (em inglês). Amsterdam. https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/170-european-charter-of-the-architectural-heritage

CONSELHO DA EUROPA. (1985). *Convenção para a Salvaguarda do Património Arquitectónico da Europa* (em inglês). Granada. https://rm.coe.int/168007a087

CUNHA, Fernanda. (1932). *Notas Etnográficas sôbre Barcelos*. Porto: Imprensa Nacional.

DIAS, Jorge; OLIVEIRA, Ernesto Veiga e GALHANO, Fernando. (1994). *Espigueiros portugueses: Sistemas primitivos de secagem e armazenamento de produtos agrícolas*. Lisboa: Etnográfica Press. http://books.openedition.org/etnograficapress/6592

FONSECA, Teotónio. (1948). *O concelho de Barcelos – Aquém Cávado* (Vol. II). Barcelos: Companhia Editora do Minho.

FREITAS, Vasco. (2012). *Manual de Apoio ao Projeto de Reabilitação de Edifícios Antigos*. Porto: Ordem dos Engenheiros da Região Norte.

Guia Fundo Nacional de Reabilitação do Edificado. (2020). (Eduardo Santos Júlio, Ed. 1ª edição ed.).

ICOMOS. (1964). *Carta de Veneza sobre a Conservação e o Restauro de Monumentos e Sítios* (em inglês). Veneza. https://www.icomos.org/charters/venice_e.pdf

ICOMOS. (1999). *Carta sobre o Património Construído Vernáculo* (em inglês). Mexico. http://www.icomos.org/charters/vernacular_e.pdf

ICOMOS. (1982). *Declaração de Tlaxcala* (em inglês). Tlaxcala. https://www.icomos.org/en/resources/charters-and-texts/179-articles-en-francais/ressources/charters-and-standards/385-tlaxcala-declaration-on-the-revitalization-of-small-settlements

ICOMOS. (1994). *Documento de Nara sobre a Autenticidade do Património Cultural* (em inglês). Nara. http://www.icomos.org/charters/nara-e.pdf

ICOMOS. (2017). *Princípios ICOMOS-IFLA sobre as Paisagens Rurais como Património* (em inglês). New Delhi, India.

ICOMOS/ISCARSAH COMMITTEE e ICOMOS CHARTER. (2003). *Princípios para Análise, Conservação e Restauro de Elementos Estruturais do Património Arquitetónico* (em inglês). Victoria Falls. http://www.icomos.org/charters/structures_e.pdf

ICOMOS: Home - International Council on Monuments and Sites. (2022, Setembro).Obtido em: https://www.icomos.org/en/about-icomos/mission-and-vision/history?showall=1

Instituto Nacional de Estatística. Censos 2011. (2023, junho).Obtido em: https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=censos_quadros

Oliveira, Ernesto Veiga e Galhano, Fernando. (1992). *Arquitectura tradicional portuguesa*. Lisboa: Etnográfica Press. http://books.openedition.org/etnograficapress/6508

Património Cultural: conceitos e critérios fundamentais. (2016). Lisboa.

Pereira, António Nunes. (2003). Para uma terminologia da disciplina de proteção do património construído. *Jornal Arquitectos*, (213), 27-32.

Ribeiro, Orlando. (1987). Entre-Douro-e-Minho. *Revista Da Faculdade De Letras – Geografia*, *III*(I), 5-11.

Ribeiro, Orlando. (2014 [1991]). *Opúsculos geográficos - Aspectos da Natureza - O Mundo Rural* (2ª ed., Vol. Tomo II).

Ribeiro, Orlando. (1945). *Portugal, o Mediterrâneo e o Atlântico*. Coimbra: Coimbra Editora.

UNESCO. (1972). *Convenção para a proteção do Património Mundial, Cultural e Natural* (em inglês). Paris. https://whc.unesco.org/archive/convention-en.pdf

ÍNDICE E CRÉDITOS DE IMAGENS E TABELAS

FIG. 1 **6**
Exemplo de Arquitetura Tradicional, S. João da Ribeira, Ponte de Lima
(APP, 2004 [1961], p. 36)

FIG. 2 **6**
Exemplo de Arquitetura Vernácula, Casa de Lavoura, Souto de Santa Maria, Guimarães
(APP, 2004 [1961], p. 39)

FIG. 3 **6**
Exemplo de Arquitetura Vernácula, Gemezes, Esposende
(OLIVEIRA e GALHANO, 1992)

FIG. 4 **8**
Exemplo de Arquitetura Popular, onde a otimização económica pode causar perdas de autenticidade e identidade devido ao mais planeamento das alterações, Padrão, Arcos de Valdevez
(BARROSO, 2019)

FIG. 5 **8**
Exemplo da diversidade da arquitetura vernácula: abrigo com abobada em alvenaria de granito
(BARROSO; BARROS; VALE; OLIVEIRA e RAMOS, 2020)

FIG. 6 **8**
Exemplo da diversidade da arquitetura vernácula: cobertura de colmo
(BARROSO; BARROS; VALE; OLIVEIRA e RAMOS, 2020)

FIG. 7 **10**
Síntese de Conceitos
(PEREIRA, 2003, p. 28)

FIG. 8 **12**
Cronologia de textos doutrinais
(Esquema da Autora)

FIG. 9 **14**
Capela de Santa Maria Madalena, Lindoso Ponte da Barca – anos 50
(APP, 2004 [1961], p. 93)

FIG. 10 **14**
Capela de Santa Maria Madalena, Lindoso Ponte da Barca – ano 2017 após intervenção
(BARROSO, 2019, P. 8)

FIG. 11 **16**
Forte de S. António da Barra, Estoril – ano 1986
(CÓIAS, 2017, P. 17)

FIG. 12 **16**
Forte de S. António da Barra, Estoril – ano 2017 ou anterior
(CÓIAS, 2017, P. 17)

FIG. 13 **18**
O processo da Carta de Burra
(AUSTRALIA ICOMOS, 2013, P. 10)

FIG. 14 **20**
Delimitação da zona Minho
(APP, 2004 [1961], P. 3)

FIG. 15 **20**
"Relevo e Hidrografia"
(APP, 2004 [1961], P. 6)

FIG. 16 **20**
"Tipos de Culturas" (note-se que na região alvo de estudo deste trabalho domina o milho regado)
(APP, 2004 [1961], P. 6)

FIG. 17 **22**
Esquema de povoamento disseminado
(APP, 2004 [1961], P. 37)

FIG. 18 **22**
Exemplo de povoamento disserminado, Balazar, Guimarães
(APP, 2004 [1961], P. 39)

TAB. 1 **23**
Estudo do cruzamento das morfotipologias com os indicadores de autenticidade e identidade
(ESQUEMA DA AUTORA)

FIG. 19 **24**
Exemplo de Casa Elementar Básica, Barqueiros, Barcelos
(BARROSO, 2019, P. 70)

FIG. 20 **24**
Exemplo de Casa Pequeno Lavrador, Balazar, Póvoa do Varzim
(BARROSO, 2019, P. 70)

FIG. 21 **24**
Exemplo de Casa Médio Lavrador, Vilar de Figos, Barcelos
(BARROSO, 2019, P. 70)

FIG. 22 **24**
Exemplo de Casa Médio Lavrador, Fonte Boa, Esposende
(BARROSO, 2019, P. 70)

FIG. 23 **24**
Exemplo de Casa Grande Lavrador, Cristelo, Barcelos
(BARROSO, 2019, P. 70)

FIG. 24 **24**
Exemplo de Quinta, Rio Côvo de Stª Eugénia, Barcelos
(BARROSO, 2019, P. 30)

FIG. 25 **26**
Exemplo de varanda de madeira, Ponte do Porto, Amares
(APP, 2004 [1961], P. 71)

FIG. 26 **26**
Exemplo de chaminé de fumeiro, Marco de Canavezes
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 27 **26**
Exemplo de escada externa em alvenaria de pedra, Aldoar, Porto
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 28 **27**
Implantação de casa de lados opostos
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 29 **27**
Implantação de casa em "L"
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 30 **27**
Implantação de casa em "O"
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 31 **28**
Implantação de casa em "U"
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 32 **28**
Exemplo de casas com um piso, Darque, Viana do Castelo
(BASTOS E BARROS, 1943, P. 67)

FIG. 33 **28**
Exemplo de casa com dois pisos, Malta, Vila do Conde
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 34 **28**
Organização programática de Casa de Pequeno Lavrador, Darque, Viana do Castelo
(BARROSO, 2019, P. 68; BASTOS E BARROS, 1943, P. 147)

FIG. 35 **28**
Organização programática de Casa de Médio Lavrador, Barreiros, Maia
(BARROSO, 2019, P. 68; OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 36 **28**
Organização programática de Casa de Grande Lavrador, Gemeses, Esposende
(BARROSO, 2019, P. 68; OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 37 **28**
Dispositivo rudimentar de chaminé de telhas erguidas
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

TAB. 2 **29**
Caraterísticas básicas da organização interna da habitação rural do Entre-Douro-e-Minho
(BARROSO, 2019, P. 65)

FIG. 38 **30**
Setor da casa onde se ergue a chaminé de grandes dimensões
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 39 **30**
Configurações que chaminés de grandes dimensões podem adquirir
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 40 **30**
Exemplo de casa térrea com janelas para o caminho
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 41 **30**
Exemplo com casa de dois pisos com janelas no andar e postigos no térreo
(OLIVEIRA E GALHANO, 1992)

FIG. 42 **32**
Exemplo de sequeiro, Ferreiros, Póvoa do Varzim
(APP, 2004 [1961], P. 56)

FIG. 43 **32**
Exemplo de espigueiro de madeira, Chamoim, Terras de Bouro
(APP, 2004 [1961], P. 61)

FIG. 44 **36**
Enquadramento do concelho de Barcelos e da freguesia de Pedra Furada
(IMAGENS EDITADAS PELA AUTORA)
MAPA DE PORTUGAL: https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/a/a4/Mapa_de_Portugal_%28subdivisiones%29.svg/1033px-
MAPA DE BARCELOS: Mapa_de_Portugal_%28subdivisiones%29.svg.png
https://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelos_%28freguesia%29#/media/Ficheiro:Barcelos_81.PNG

FIG. 45 **36**
União de freguesias de Chorente, Góios, Courel, Pedra Furada e Gueral
(Google Earth)

FIG. 46 **36**
Freguesia de Pedra Furada com a identificação do Caso de Estudo
(Google Earth)

FIG. 47 **37**
Caso de estudo – vista da rua de Souzelas
(Fotografia da autora)

FIG. 48 **37**
Casa cor-de-rosa
(Fotografia da autora)

FIG. 49 **38**
Igreja de Pedra Furada
(Fotografia da autora)

FIG. 50 **38**
Capela de Monserrate
(Fotografia da autora)

FIG. 51 **38**
Capela da Senhoras das Brotas
(Fotografia da autora)

FIG. 52 **38**
Casa dos Farias – Quinta de Santa Leocádia
(Fotografia da autora)

FIG. 53 **38**
Quinta do Sardoal
https://lh3.googleusercontent.com/p/AF1QipMphQlhOUl8UgJil43EqMRGNeVv_r94zT_SxkGE=s1360-w1360-h1020

FIG. 54 **40**
Abrangência do levantamento realizado no concelho de Barcelos
(Imagem editada pela autora)
MAPA DE BARCELOS: Mapa_de_Portugal_%28subdivisiones%29.svg.png
https://pt.wikipedia.org/wiki/Barcelos_%28freguesia%29#/media/Ficheiro:Barcelos_81.PNG

FIG. 55 **40**
Levantamento de Casas de Lavoura realizado na freguesia de Creixomil
(Google Earth, editada pela autora)

FIG. 56 **42**
Levantamento de Casas de Lavoura realizado na freguesia de Milhazes
(Google Earth, editada pela autora)

FIG. 57 **42**
Levantamento de Casas de Lavoura realizado na freguesia de Macieira de Rates
(Google Earth, editada pela autora)

FIG. 58 **42**
Levantamento de Casas de Lavoura realizado na freguesia de Gueral
(Google Earth, editada pela autora)

FIG. 59 **43**
Casa ML6 - Exemplo de casa de casa isolada
(Desenho da autora)

FIG. 60 **43**
Casa GU6 - Exemplo de casa entre outras
(Desenho da autora)

FIG. 61 **43**
Casa MC2 - Exemplo de casa com configuração de lados opostos
(Desenho da autora)

FIG. 62 **44**
Casa CR4 - Exemplo de casa com configuração em L
(Desenho da autora)

FIG. 63 **44**
Casa MC3 - Exemplo de casa com configuração em U
(Desenho da autora)

FIG. 64 **44**
Casa ML3 - Exemplo de casa com configuração em O
(Desenho da autora)

FIG. 65 **44**
Casa MC1 - Exemplo de casa com configuração pouco clara
(Desenho da autora)

FIG. 66 **44**
MC8 - Exemplo de casa com configuração pouco clara
(Desenho da autora)

FIG. 67 **44**
GU2 - Exemplo de casa com configuração pouco clara
(Desenho da autora)

FIG. 68 **45**
Casa MC3 - "Porta Carral" para o interior das dependências agrícolas
(Fotografia da autora)

FIG. 69 **45**
Casa GU2 - "Porta Carral" para o interior do volume da habitação
(Fotografia da autora)

FIG. 70 **45**
Casa MC2 - Confronto da habitação com o espaço público
(Fotografia da autora)

FIG. 71 **45**
Casa GU5 - Confronto da habitação e das dependências agrícolas com o espaço público
(Fotografia da autora)

FIG. 72 **45**
Casa ML1 - Confronto das dependências agrícolas com o espaço público
(Fotografia da autora)

FIG. 73 **45**
Casa MC8 - Chaminé de fumeiro de grandes dimensões
(Fotografia da autora)

FIG. 74 **46**
Casa CR2 - Mirante é o 3º piso da casa
(Fotografia da autora)

FIG. 75 **46**
Casa CR2 - Mirante é o 3º piso da casa
(Fotografia da autora)

FIG. 76 **46**
Casa ML5 - Fachada com pedra aparente
(Fotografia da autora)

FIG. 77 **46**
Casa CR3 - Chaminé de fumeiro de grandes dimensões
(Fotografia da autora)

FIG. 78 **46**
Casa MC7 - Chaminé de fumeiro de grandes dimensões
(Fotografia da autora)

FIG. 79 **46**
Casa CR6 -Fachada com pedra rebocada
(Fotografia da autora)

FIG. 80 **47**
MC1 – Alçado principal
(Desenho da autora)

FIG. 81 **47**
MC1 – Alçado Secundário
(Desenho da autora)

FIG. 82 **47**
GU4 - Fachada com vãos alinhados
(Desenho da autora)

FIG. 83 **48**
Casa GU6 - Fachada onde apenas a parte da habitação está rebocada
(Fotografia da autora)

FIG. 84 **48**
Casa CR1 – Fachada com elementos decorativos
(Fotografia da autora)

FIG. 85 **48**
GU7 - Fachada com elementos decorativos
(Fotografia da autora)

FIG. 86 **48**
Casa GU1 - Casa da eira sobre o muro
(Fotografia da autora)

FIG. 87 **48**
Casa MC1 - Espigueiro sobre o muro
(Fotografia da autora)

FIG. 88 **49**
GU1 – Alçado principal
(Desenho da autora)

FIG. 89 **49**
GU1 – Alçado Secundário
(Desenho da autora)

FIG. 90 **49**
ML5 - Fachadas com vãos não alinhados
(Desenho da autora)

FIG. 91 **50**
Propriedade da casa num período anterior
(GOOGLE EARTH, EDITADA PELA AUTORA)

DES. 1 **51**
Esquemas da Organização Funcional, s/ escala
(Desenho da autora)

DES. 2 **52**
Planta de Coberturas, Esc. 1/250
(Desenho da autora)

FIG. 92 **53**
Caminho de Entrada na Casa.
(Fotografia da Autora)

FIG. 93 **53**
Habitação no andar
(Fotografia da Autora)

FIG. 94 **53**
Habitação no térreo
(Fotografia da Autora)

DES. 3 **54**
Planta do Térreo, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

DES. 4 **56**
Alçado Norte, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

DES. 5 **56**
Alçado Sul, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

FIG. 95 **57**
Currais
(Fotografia da Autora)

FIG. 96 **57**
Palheiro
(Fotografia da Autora)

FIG. 97 **57**
Lavandaria (antiga corte do porco)
(Fotografia da Autora)

DES. 6 **58**
Planta do Andar, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

FIG. 98 **60**
"Lojinha"
(Fotografia da Autora)

FIG. 99 **60**
Celeiros
(Fotografia da Autora)

FIG. 100 **60**
Celeiros
(Fotografia da Autora)

FIG. 101 **60**
"Coberto de Cima"
(Fotografia da Autora)

FIG. 102 **60**
"Coberto da Eira"
(Fotografia da Autora)

FIG. 103 **60**
"Coberto de Baixo"
(Fotografia da Autora)

FIG. 104 **61**
Espigueiro
(Fotografia da Autora)

FIG. 105 **61**
Varandão (agora quarto de arrumos)
(Fotografia da Autora)

FIG. 106 **61**
Escada de Alvenaria de Pedra de Granito
(Fotografia da Autora)

DES. 7 **62**
Corte Transversal, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

DES. 8 **63**
Corte Longitudinal, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

FIG. 107 **64**
Quinteiro
(Fotografia da Autora)

FIG. 108 **64**
Eira
(Fotografia da Autora)

FIG. 109 **64**
Campo de Cultivo
(Fotografia da Autora)

DES. 9 **64**
Esquemas dos espaços segundo as suas funções, s/ escala
(Desenho da autora)

FIG. 110 **65**
Detalhe na Alvenaria de Pedra
(Fotografia da Autora)

FIG. 111 **65**
Detalhe na Alvenaria de Pedra
(Fotografia da Autora)

DES. 10 **66**
Alçado Poente, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

DES. 11 **67**
Corte Longitudinal, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

FIG. 112 **68**
Asna do "Coberto de Baixo"
(Fotografia da Autora)

FIG. 113 **68**
Asna dos Currais
(Fotografia da Autora)

DES. 12 **68**
Esquema do Processo Evolutivo da Casa, s/ escala
(Desenho da autora)

FIG. 114 **69**
Chaminé de Fumeiro
(Fotografia da Autora)

FIG. 115 **69**
Chaminé de Fumeiro
(Fotografia da Autora)

DES. 13 **70**
Estrutura da Planta da Cobertura, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

DES. 14 **71**
Estrutura da Planta do Andar, Esc. 1/100
(Desenho da autora)

FIG. 116 **72**
Inscrição no "coberto de baixo" com a data "1915"
(Fotografia da Autora)

FIG. 117 **72**
Casa com o Mirante vista da rua de Souzelas
(Autor Desconhecido)

FIG. 118 **72**
Casa com Mirante, vista do "coberto de baixo"
(Autor Desconhecido)

FIG. 119 **72**
Fissura que existe na Chaminé de Fumeiro
(Fotografia da Autora)

FIG. 120 **72**
Exemplo de viga de betão na casa (no "coberto da eira")
(Fotografia da Autora)

FIG. 121 **72**
Exemplo de viga de ferro da casa (na adega)
(Fotografia da Autora)

FIG. 122 **76**
Fluxograma de uma intervenção de reabilitação
(CÓIAS, 2007, P. 117)

FIG. 123 **77**
Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Vista da rua
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaemmoledo/

FIG. 124 **77**
Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Vista da rua
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaemmoledo/

FIG. 125 **78**
Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Escada de Alvenaria de Pedra (Granito)
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaemmoledo/

FIG. 126 **78**
Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Varanda
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaemmoledo/

FIG. 127 **78**
Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Sala
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaemmoledo/

FIG. 128 **78**
Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Desenhos de Vermelhos
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaemmoledo/

FIG. 129 **78**
Casa em Moledo do Minho, do arquiteto Alfredo Matos Ferreira
Desenhos da Intervenção
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaemmoledo/

FIG. 130 **79**
Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Vista da Entrada na Casa
https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-da-quinta-da-cavada

FIG. 131 **79**
Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Vista para o Pátio
https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-da-quinta-da-cavada

FIG. 132 **80**
Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Vista para o Pátio
https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-da-quinta-da-cavada

FIG. 133 **80**
Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Depêndicia Agrícola do Térreo Transformada em Quarto
https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-da-quinta-da-cavada

FIG. 134 **80**
Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Sala
https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-da-quinta-da-cavada

FIG. 135 **80**
Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Desenhos do Processo Projetual
https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-da-quinta-da-cavada

FIG. 136 **80**
Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Planta do Térreo
https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-da-quinta-da-cavada

FIG. 137 **80**
Casa da Quinta da Cavada, do arquiteto Fernando Távora
Planta do Andar
https://arquivoatom.up.pt/index.php/casa-da-quinta-da-cavada

FIG. 138 **81**
Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Vista do Exterior
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

FIG. 139 **81**
Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Vista do Exterior
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

FIG. 140 **82**
Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Vista do Exterior
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

FIG. 141 **82**
Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Sala
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

FIG. 142 **82**
Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Quarto
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

FIG. 143 **82**
Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Desenhos da Pré-existência
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

FIG. 144 **82**
Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Desenhos de Vermelhos e Amarelos
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

FIG. 145 **82**
Casa em Penha Longa, do arquiteto Adalberto Dias
Desenhos da Intervenção
https://heritageatlasporto.pt/portfolio/casaempenhalonga/

FIG. 146 **83**
Casa Laura Fonseca, do arquiteto José Gigante
Imagem Antes da Intervenção
https://m.facebook.com/media/set/?set=a.888376824546058.1073741828.182079341842480&type=3

FIG. 147 **83**
Casa Laura Fonseca, do arquiteto José Gigante
Imagem Depois da Intervenção
https://m.facebook.com/media/set/?set=a.888376824546058.1073741828.182079341842480&type=3

FIG. 148 **84**
Casa Laura Fonseca, do arquiteto José Gigante
Interior do Térreo

FIG. 149 **84**
Casa Laura Fonseca, do arquiteto José Gigante
Interior do Andar
https://m.facebook.com/media/set/?set=a.888376824546058.1073741828.182079341842480&type=3

FIG. 150 **84**
Casa Laura Fonseca, do arquiteto José Gigante
Plantas da Intervenção
https://m.facebook.com/media/set/?set=a.888376824546058.1073741828.182079341842480&type=3

FIG. 151 **84**
Casa Laura Fonseca, do arquiteto José Gigante
Cortes da Intervenção
https://m.facebook.com/media/set/?set=a.888376824546058.1073741828.182079341842480&type=3

FIG. 152 **85**
Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Conjunto
http://www.andretavares.net/casas-de-campo-na-aldeia-do-trebilhadouro-no-meado-para-eu-mies-award

FIG. 153 **85**
Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Conjunto
http://www.andretavares.net/casas-de-campo-na-aldeia-do-trebilhadouro-no-meado-para-eu-mies-award

FIG. 154 **86**
Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Interior – Cozinha
http://www.andretavares.net/casas-de-campo-na-aldeia-do-trebilhadouro-no-meado-para-eu-mies-award

FIG. 155 **86**
Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Interior – Escada de Acesso ao Andar
http://www.andretavares.net/casas-de-campo-na-aldeia-do-trebilhadouro-no-meado-para-eu-mies-award

FIG. 156 **86**
Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Imagem do Interior – Instalação Sanitária
http://www.andretavares.net/casas-de-campo-na-aldeia-do-trebilhadouro-no-meado-para-eu-mies-award

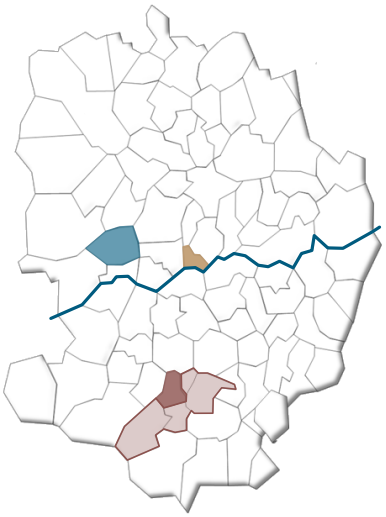
FIG. 157 **86**
Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Desenho de Conjunto
http://www.andretavares.net/casas-de-campo-na-aldeia-do-trebilhadouro-no-meado-para-eu-mies-award

FIG. 158 **86**
Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Plantas
http://www.andretavares.net/casas-de-campo-na-aldeia-do-trebilhadouro-no-meado-para-eu-mies-award

FIG. 159 **86**
Casa de Campo no Tribilhadouro, do arquiteto André Eduardo Távares
Cortes
http://www.andretavares.net/casas-de-campo-na-aldeia-do-trebilhadouro-no-meado-para-eu-mies-award

TAB. 3 **88**
Plano de intervenção com as ações aceitáveis e ações interditas ao caso de estudo
(Esquema da Autora)

APÊNDICE: **INVENTÁRIO DE CASAS DE LAVOURA**



CREIXOMIL

FIG. CR1.1
Imagem aérea
(Google Earth)

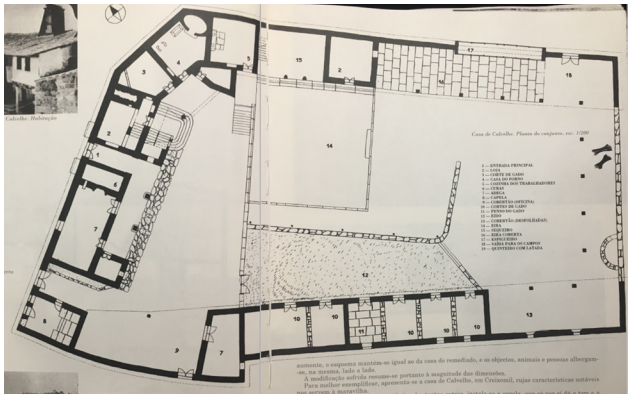


FIG. CR1.2
Planta do térreo e imagens do interior da casa
(APP, 2004 [1961], p. 42 e 43)

FIG. CR1.3
Imagem geral da casa
(Fotografia da Autora)

FIG. CR1.4
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. CR1.5
Perspetiva da casa vista da rua
(Desenho da Autora)

FIG. CR1.6
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**CR1 - Casa do Calvelhe**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. CR1.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. CR1.2)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Possivelmente apesar de não ser claro
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: uma paralela à fachada e outra perpendicalar (fig. CR1.2)
Acesso	Direto Indireto portão (junto à capela) acede ao quinteiro; outro portão acede ao interior da casa
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação (fig. CR1.3)
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual? Religioso - Capela de Nossa Senhora da Lapa
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	Horizontalidade impera neste conjunto (fig. CR1.3 e CR1.5)
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada Capela apresenta elementos trabalhos como as pilastras (fig. CR1.4)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	Aberturas do andar c/ mesmo alinhamento das aberturas do térreo (fig. CR1.6)
tem sacada?	sim não
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar média dimensão (fig. CR1.2)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	pela fig. CR1.2 é possível perceber que o térreo é dedicados às indepências agrícolas, portanto o andar contem o setor habitacional

FIG. CR2.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. CR2.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. CR2.3
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

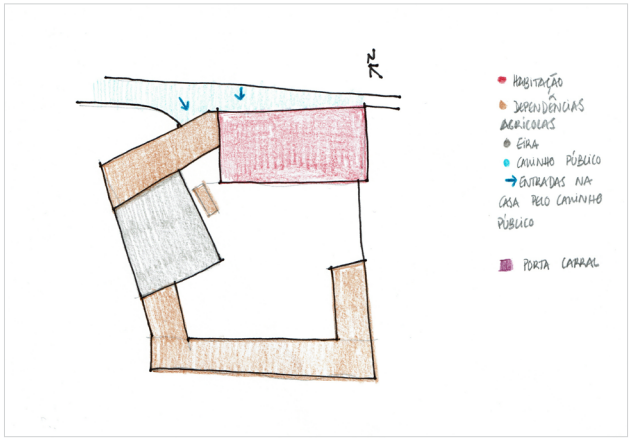


FIG. CR2.4
Análise ao à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	CR2
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. CR2.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara, varia entre U/C
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. CR2.4)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto por duas vias (fig. Cr.2.4)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público (fig. CR2.2)
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	Aberturas do andar c/ mesmo alinhamento das aberturas do térreo (fig. CR2.3)
tem sacada?	sim não
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar na fachada principal
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. CR3.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. CR3.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. CR3.3
Chaminé de Fumeiro
(Fotografia da Autora)

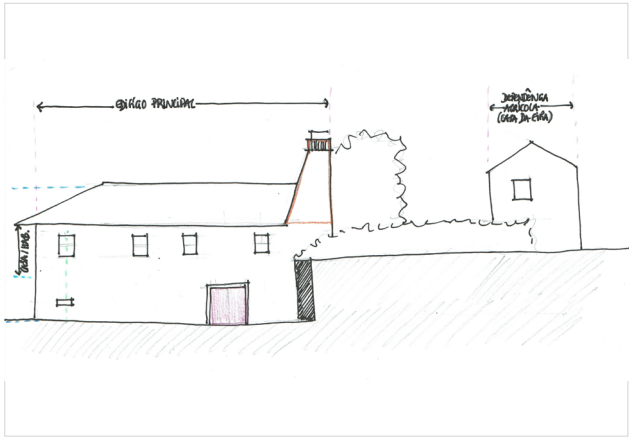


FIG. CR3.4
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

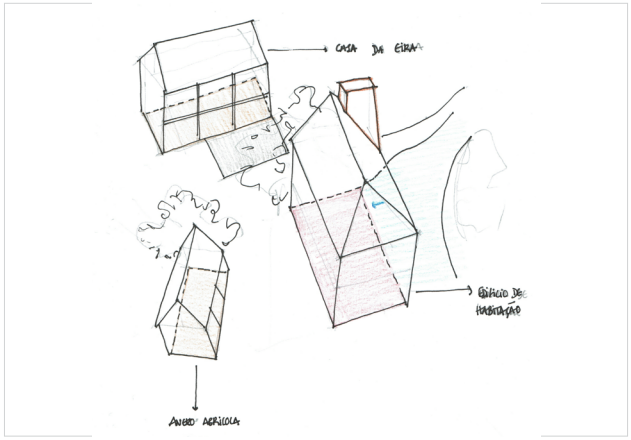


FIG. CR3.5
Análise ao à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	CR3
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. CR3.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. CR3.5)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portão para o interior da casa
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada fachada principal (fig. CR3.2)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. O alinhamento de vão entre pisos é praticamente inexistente
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar na fachada principal (fig. CR3.3)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. CR4.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. CR4.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. CR4.3
Portão de Entrada
(Fotografia da Autora)

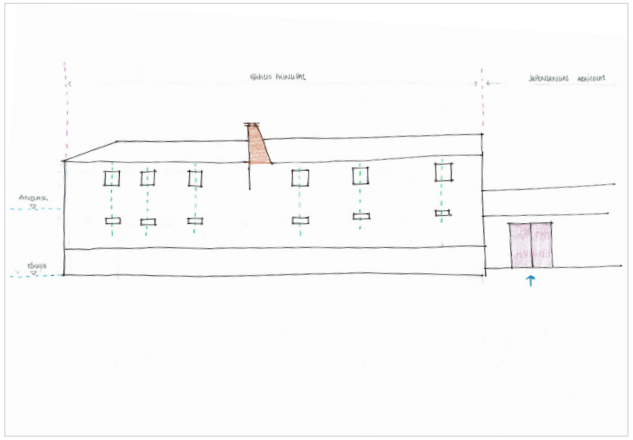


FIG. CR4.4
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

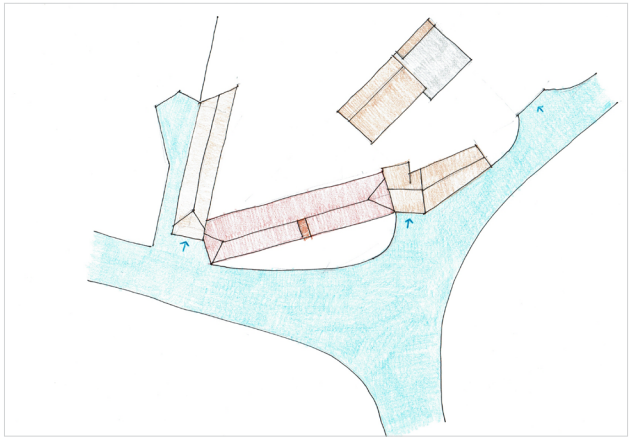


FIG. CR4.5
Análise ao à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	CR4
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. CR4.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. CR4.5)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto 3 portões para o interior da casa (fig. CR4.3 e CR4.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. CR4.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar na fachada principal (fig. CR4.2)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. CR5.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. CR5.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. CR5.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

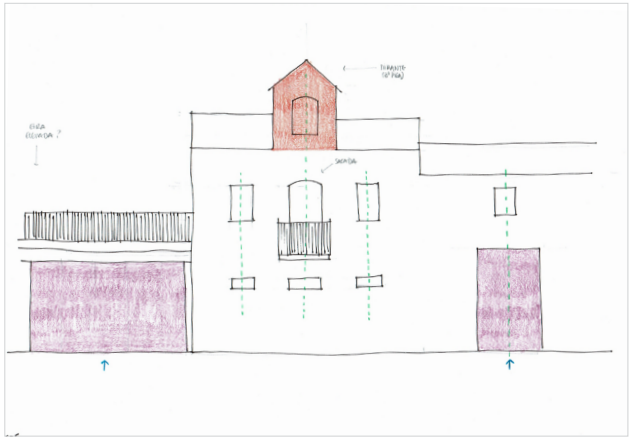


FIG. CR5.4
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

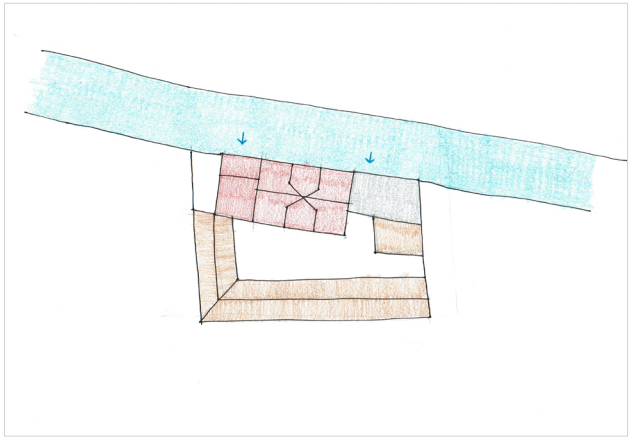


FIG. CR5.5
Análise ao à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**CR5**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. CR5.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira elevada? Ou terraço? (fig. CR5.4)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. CR5.4 e CR5.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada na fachada principal (fig. CR5.2 e CR5.3)
Vãos	Parece haver um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. CR5.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar não foi possível observar se existe
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. CR6.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. CR6.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. CR6.3
Fachada secundária
(Fotografia da Autora)

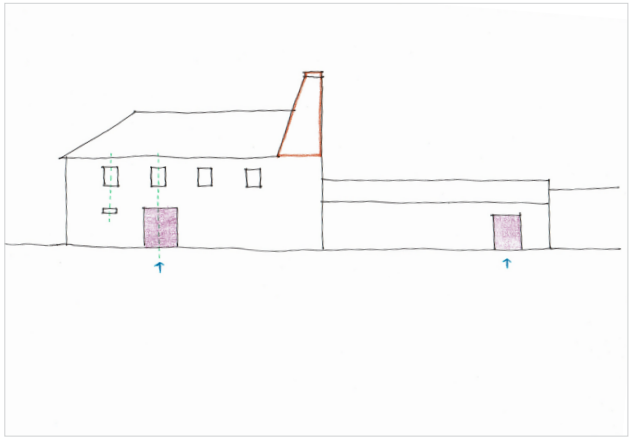


FIG. CR6.4
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

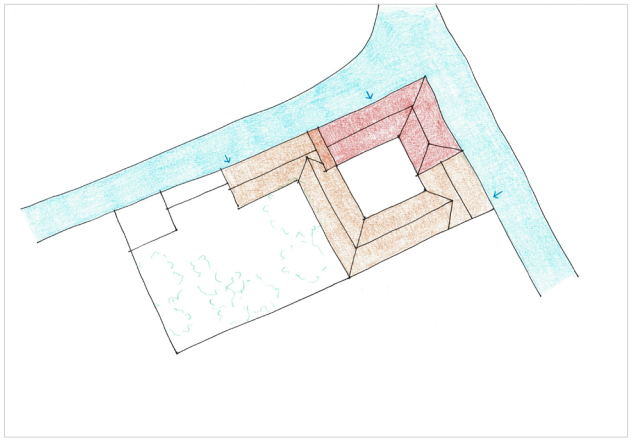


FIG. CR6.5
Análise ao à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	CR6
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. CR6.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. CR6.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada nas fachadas voltadas para a rua (fig. CR6.2 e CR6.3)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, na exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. CR6.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar (fig. CR6.3)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. CR7.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. CR7.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. CR7.5
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

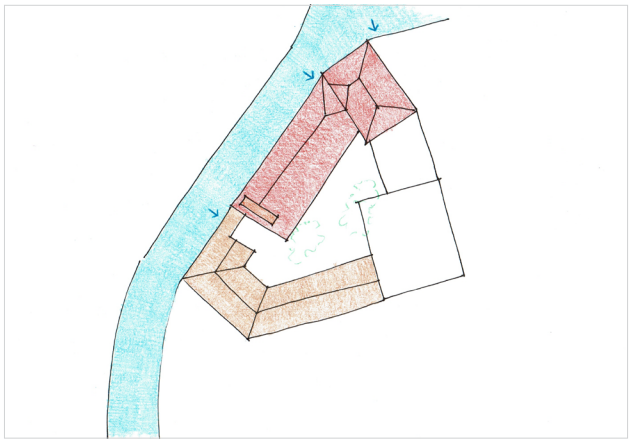
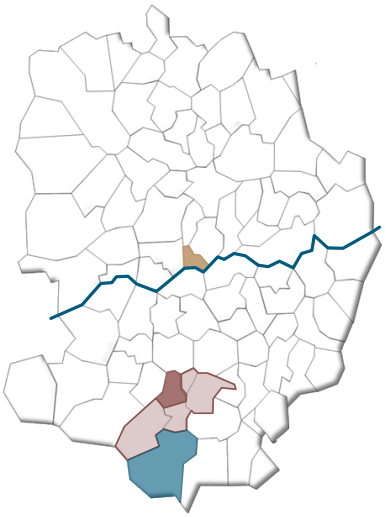


FIG. CR7.6
Análise ao à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**CR7 - Casa da Francisca**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. CR7.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. CR7.6 e CR7.7)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada nas fachadaprincipal (fig. CR7.3)
Vãos	Há um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. CR7.6)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa



MACIEIRA DE RATES

FIG. MC1.1
Imagem aérea
(Google Earth)

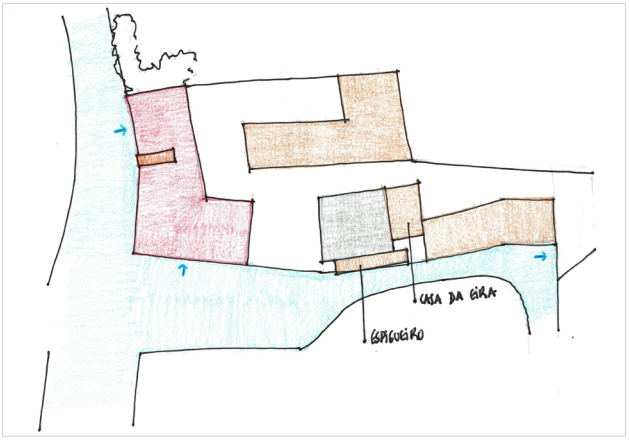


FIG. MC1.2
Análise à planta
(Desenho da Autora)

FIG. MC1.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. MC1.4
Espigueiro
(Fotografia da Autora)

FIG. MC1.5
Espigueiro
(Fotografia da Autora)

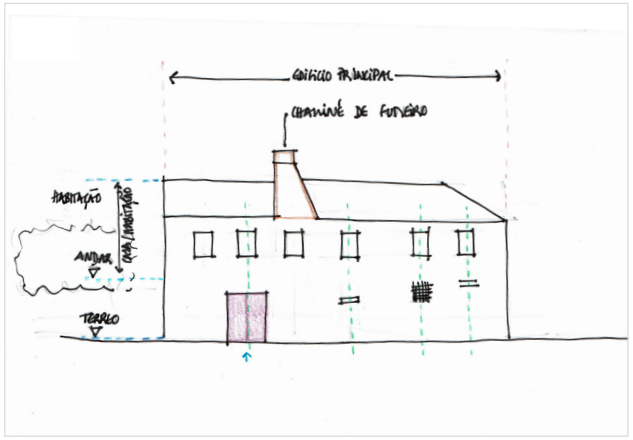


FIG. MC1.6
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

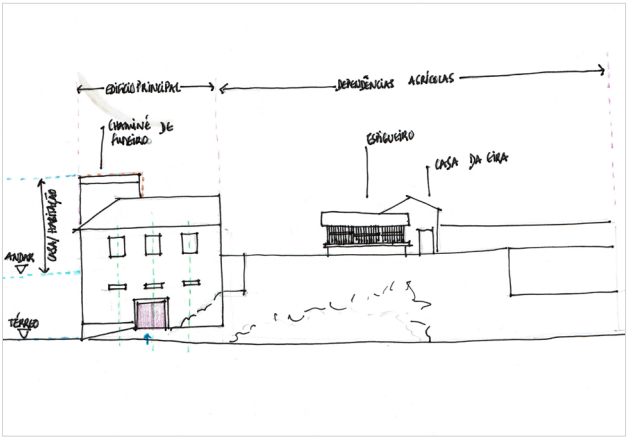


FIG. MC1.7
Análise ao alçado secundário
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**MC1**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. MC1.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara (fig.MC1.2)
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual? **NOTA:** o espigueiro como dependencia agrícola, apresenta-se neste caso em cima do muro que delimita a propriedade (fig. MC1.4 e MC1.5)
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. MC1.2)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto 2 portões para o interior da casa (fig. MC1.2, MC1.6 e MC1.7)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada nas fachadas voltadas para a rua (fig. MC1.3)
Vãos	Há um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. MC1.6 e MC1.7)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não Pelo espaço público não se observa este elemento
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar (fig. MC1.6)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. MC2.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. MC2.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. MC2.3
Fachada secundária
(Fotografia da Autora)

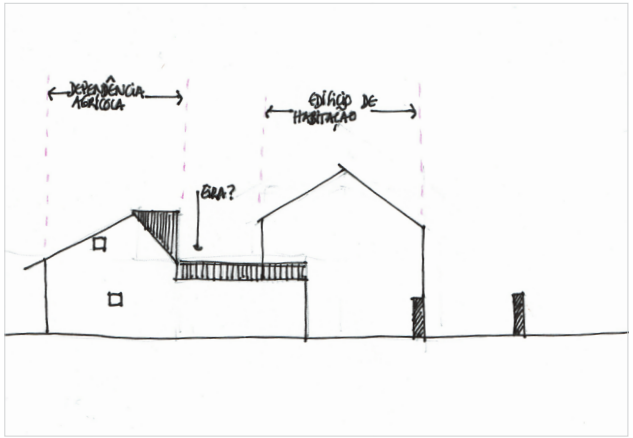


FIG. MC2.4
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

FIG. MC2.5
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**MC2**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. MC2.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira elevada? (fig. MC2.4)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto 1 portão para o interior da casa; outro para exterior da casa (fig. MC2.4 e MC2.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada apenas na fachada principal (fig. MC2.2 e MC2.3)
Vãos	Há um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. MC2.2)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não Pelo espaço público não se observa este elemento
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar não tem
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. MC3.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. MC3.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. MC3.3
Portão de entrada na casa
(Fotografia da Autora)

FIG. MC3.4
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

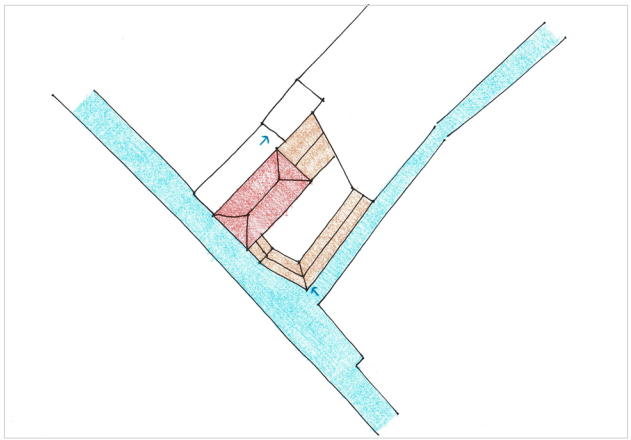


FIG. MC3.5
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	MC3
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. MC3.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto 1 portão para o interior da casa; outro para exterior da casa (fig. MC3.4 e MC3.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. MC3.2 e MC3.3)
Vãos	Há um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. MC3.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não Pelo espaço público não se observa este elemento
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar não tem
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. MC4.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. MC4.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

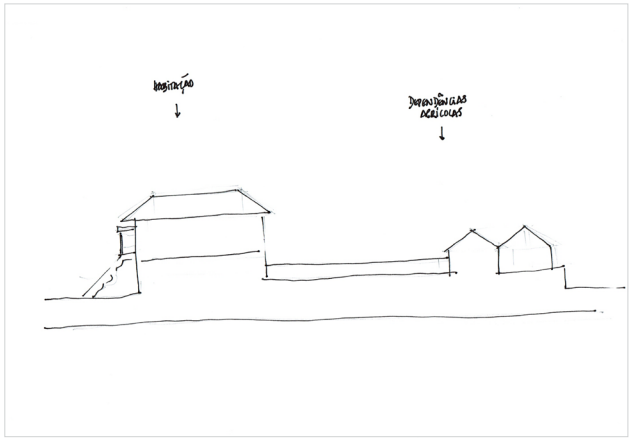


FIG. MC4.3
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

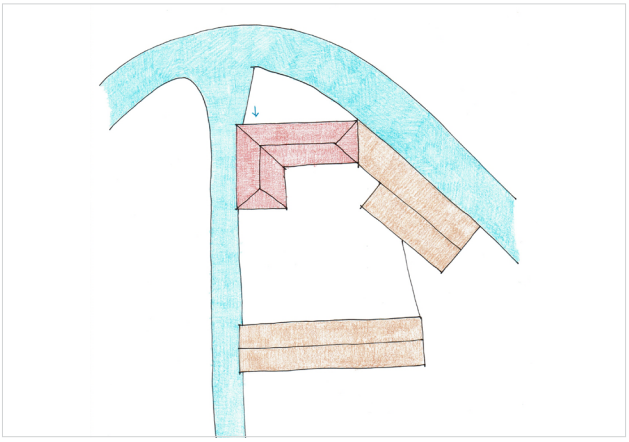


FIG. MC4.4
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	MC4
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. MC4.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual? (fig. MC4.3)
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: perpendicular à fachada principal
Acesso	Direto Indireto dois portões para o interior da casa (fig. MC4.4)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal (fachada principal alterada)
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. MC4.2)
Vãos	não há um ritmo marcado de vãos
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não Pelo espaço público não se observa este elemento
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual? Nota-se que houve uma intervenção recente
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar não tem
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. MC5.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. MC5.2
Chaminé de Fumeiro
(Fotografia da Autora)

FIG. MC5.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

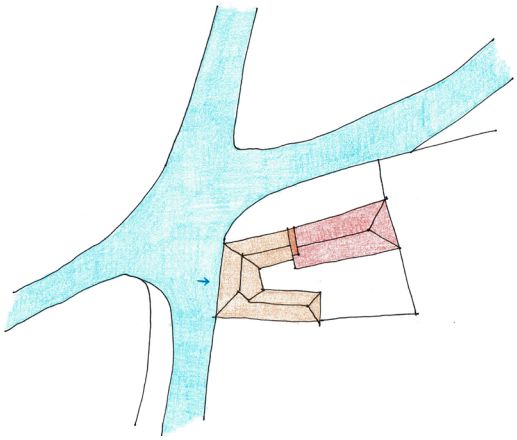


FIG. MC5.4
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	MC5
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. MC5.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara (fig. MC5.2)
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portão para exterior da casa (fig. MC5.2)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. MC5.3 e MC5.4)
Vãos	
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	não há um ritmo marcado de vãos
tem sacada?	sim não Pelo espaço público não se observa este elemento
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual? Nota-se que houve uma intervenção recente
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar (fig. MC5.4)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. MC6.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. MC6.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. MC6.3
Chaminé de Fumeiro
(Fotografia da Autora)

FIG. MC6.4
Chaminé de Fumeiro
(Fotografia da Autora)

FIG. MC6.5
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

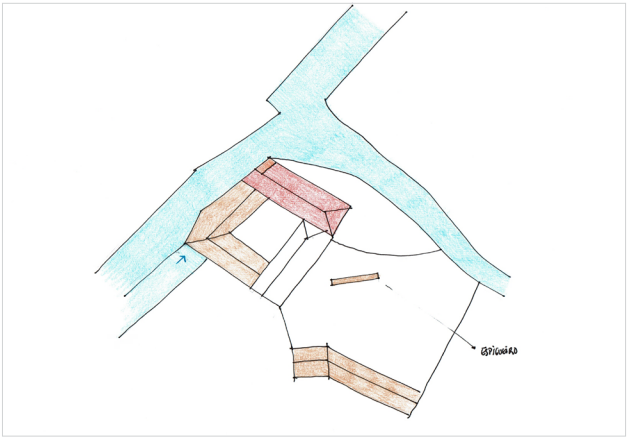


FIG. MC6.6
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**MC6**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. MC6.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara (fig. MC6.5)
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: escada de betão paralela à fachada principal
Acesso	Direto Indireto portão para exterior da casa (fig. MC6.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. MC6.2 e MC6.3)
Vãos	Há um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. MC6.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não Pelo espaço público não se observa este elemento
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar (fig. MC6.3)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. MC7.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. MC7.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

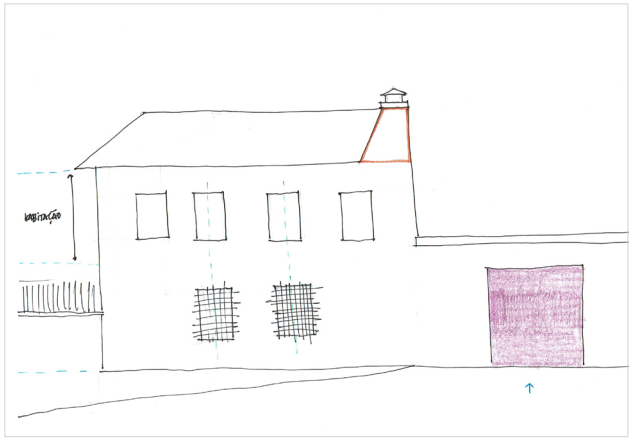


FIG. MC7.3
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

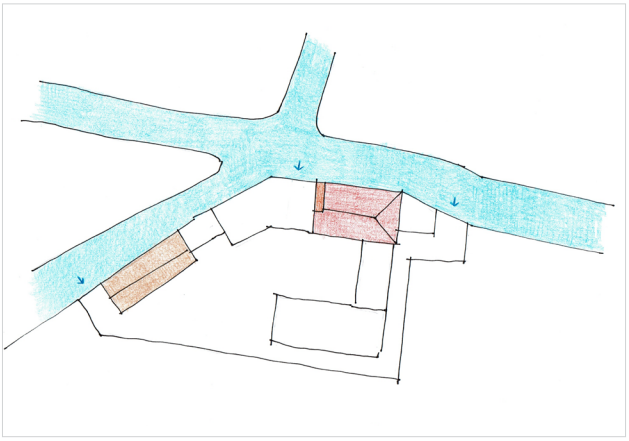


FIG. MC7.4
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	MC7
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. MC7.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara (fig. MC7.4)
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: escada de betão paralela à fachada principal
Acesso	Direto Indireto 3 portões para exterior da casa (fig. MC7.4)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. MC7.2)
Vãos	Parece não haver um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. MC7.3)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não Pelo espaço público não se observa este elemento
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual? Nota-se que houve uma intervenção recente
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar (fig. MC7.2)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. MC8.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. MC8.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. MC8.3
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

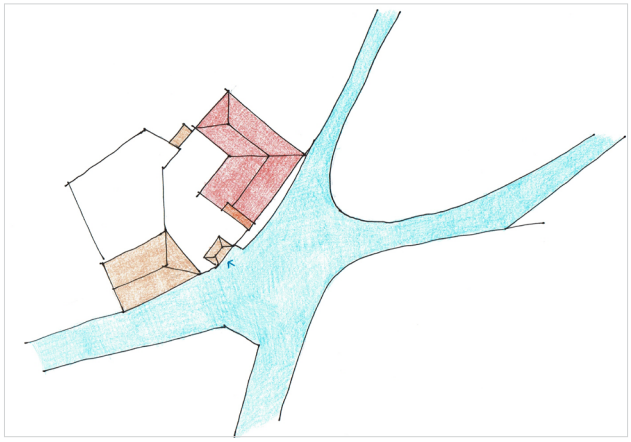
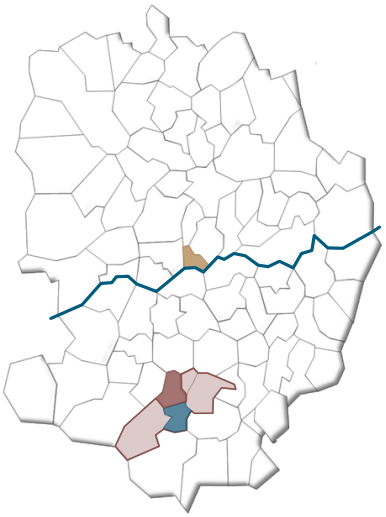


FIG. MC8.4
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**MC8**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. MC8.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara (fig. MC8.4)
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: escada de pedra paralela à fachada principal (fig. MC8.3)
Acesso	Direto Indireto portão para exterior da casa (fig. MC8.4)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. MC8.2)
Vãos	Parece não haver um ritmo marcado de vãos, aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. MC8.3)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não Pelo espaço público não se observa este elemento
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual? Nota-se que houve uma intervenção recente
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar (fig. MC8.2)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa



GUERAL

FIG. GU1.1
Imagem aérea
(Google Earth)

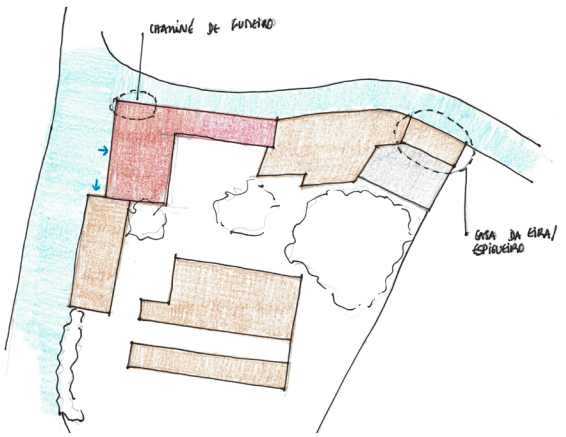


FIG. GU1.2
Análise à planta
(Desenho da Autora)

FIG. GU1.3
Fachada secundária com chaminé de fumeiro
(Fotografia da Autora)

FIG. GU1.4
Fachada secundária
(Fotografia da Autora)

FIG. GU1.5
Casa da eira sobre muro
(Fotografia da Autora)

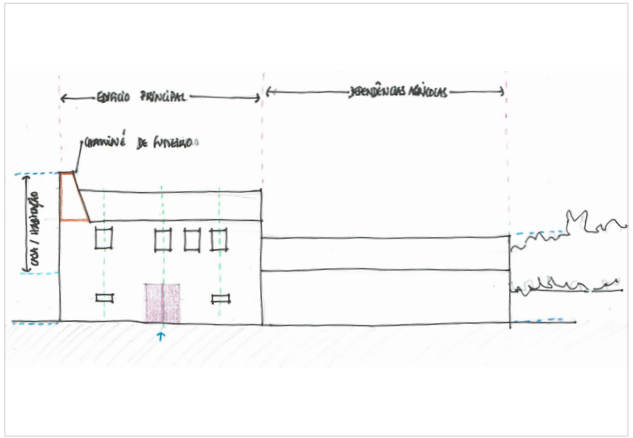


FIG. GU1.6
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

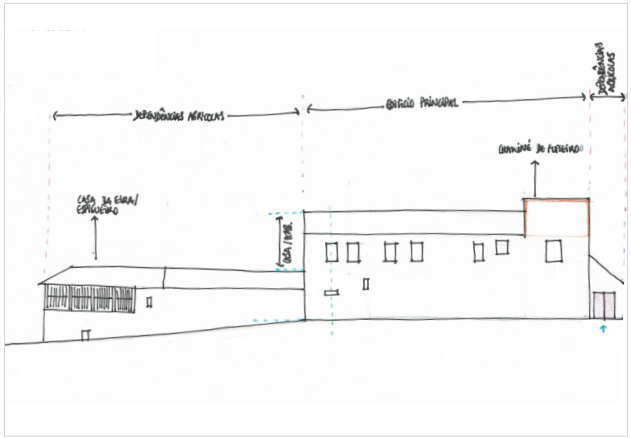


FIG. GU1.7
Análise ao alçado secundário
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	GU1
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. GU1.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. GU1.2)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. GU1.2 e GU1.6)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. GU1.3 - GU1.5)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos. Aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. GU1.6 e GU1.7)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar (fig. GU1.3)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. GU2.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. GU2.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. GU2.3
Fachada secundária
(Fotografia da Autora)

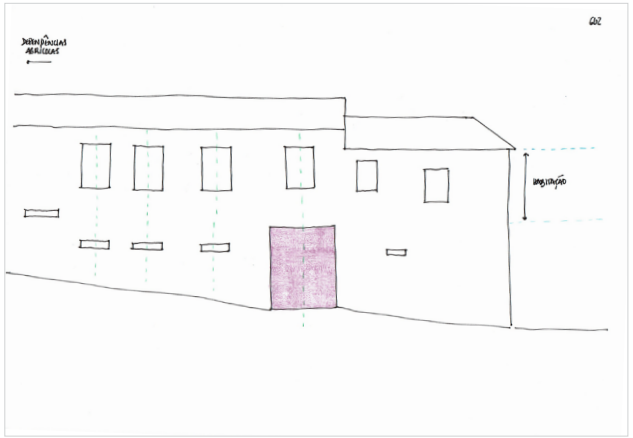


FIG. GU2.4
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

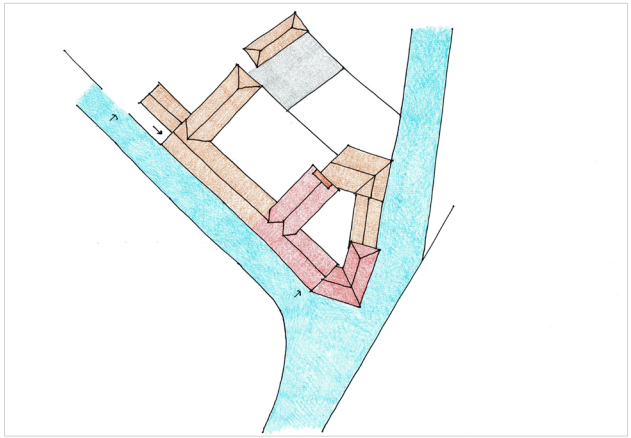


FIG. GU2.5
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	GU2
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. GU2.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. GU2.5)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. GU2.2, GU2.4 e GU2.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. GU2.2 e GU2.3)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos. Aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos em algumas aberturas (fig. GU2.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar possivelmente de grande dimensão, da rua não é possível observar este elemento
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. GU3.1
Imagem aérea
(Google Earth)

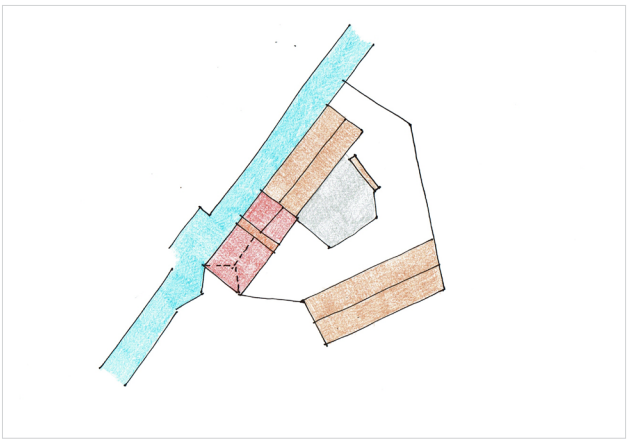


FIG. GU3.2
Análise à planta
(Desenho da Autora)

FIG. GU3.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. GU3.4
Fachada principal com espigueiro/casa da eira
(Fotografia da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	GU3
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. GU3.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. GU3.2)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. GU3.3 e GU3.4)
Vãos	
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual? Parte da cobertura da habitação (possivelmente da cozinha) cedeu
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. GU4.1
Imagem aérea
(Google Earth)

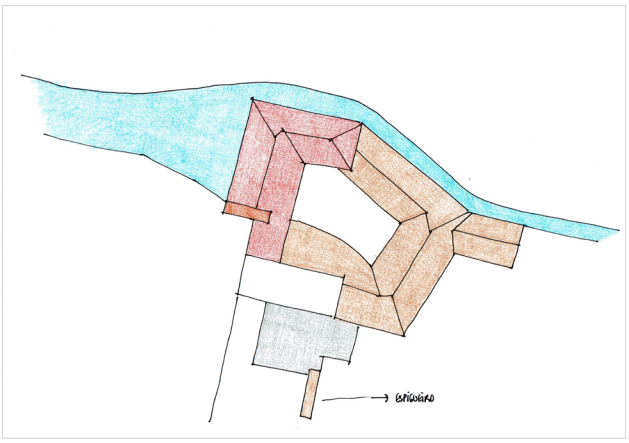


FIG. GU4.2
Análise à planta
(Desenho da Autora)

FIG. GU4.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. GU4.4
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	GU4
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. GU4.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. GU4.2)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. GU4.3)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos. Aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos em algumas aberturas (fig. GU4.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. GU5.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. GU5.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. GU5.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

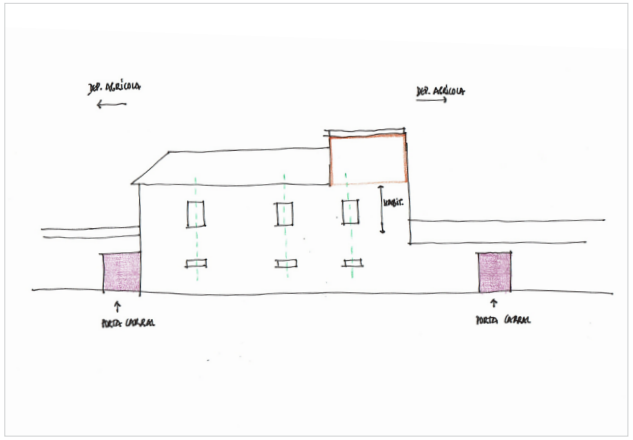


FIG. GU5.4
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

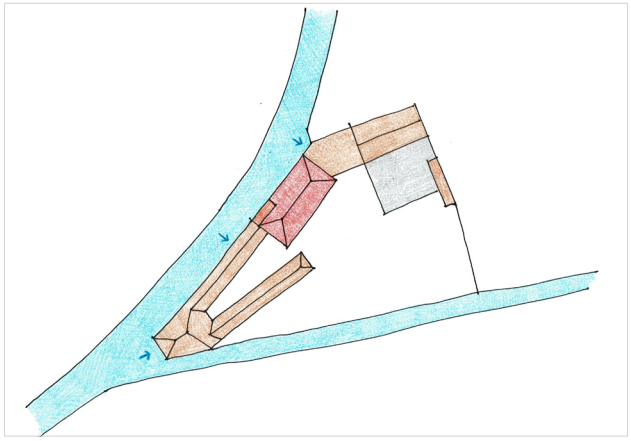


FIG. GU5.5
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	GU5
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. GU5.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. GU5.5)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto 3 portões para o interior da casa (fig. GU5.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. GU5.2 e GU5.3)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos. Aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vãos entre pisos em algumas aberturas (fig. GU5.5)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar (fig. GU5.2 e GU5.3)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. GU6.1
Imagem aérea
(Google Earth)

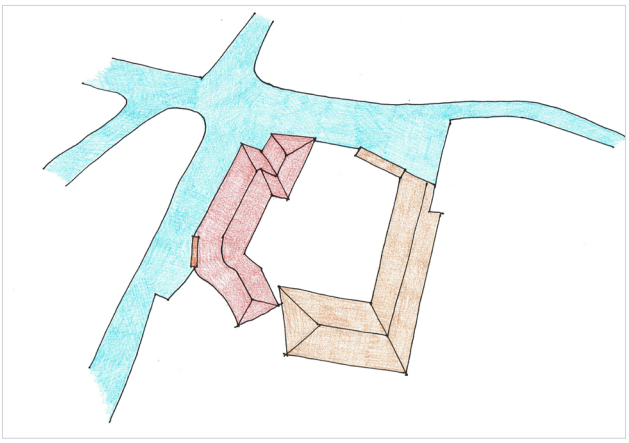


FIG. GU6.2
Análise à planta
(Desenho da Autora)

FIG. GU6.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. GU6.4
Chaminé de fumeiro
(Fotografia da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	GU6
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. GU6.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara (fig. GU6.2)
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. GU6.3)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. GU6.3 e GU6.4)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos. Aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vãos entre pisos em algumas aberturas (fig. GU6.3)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual? Casa com intervenção recente
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar (fig. GU6.4)
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. GU7.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. GU7.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. GU7.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

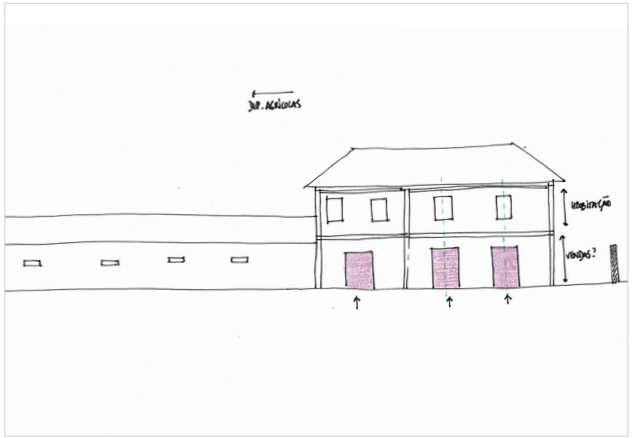


FIG. GU7.4
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

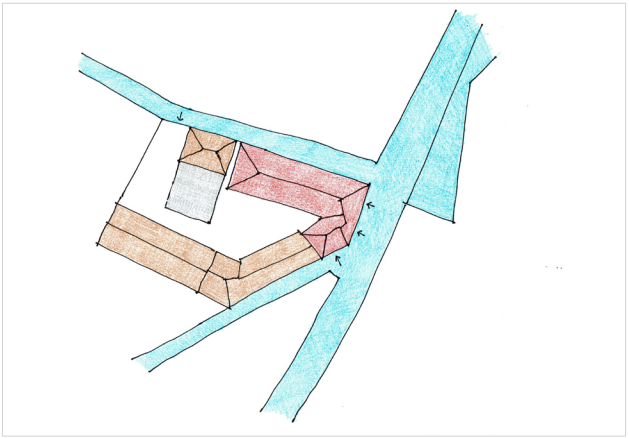
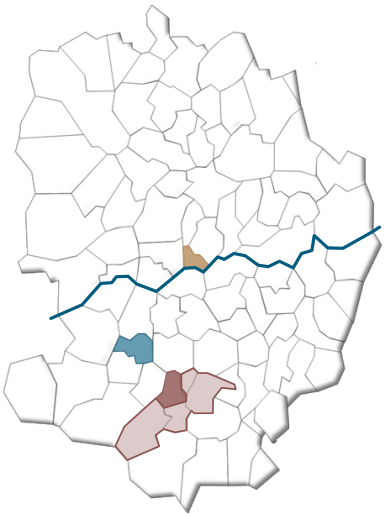


FIG. GU7.5
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	GU7
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. GU7.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. GU7.5)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. GU7.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. GU7.2 e GU7.3)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos. Identifica-se alinhamento de vãos entre pisos em algumas aberturas (fig. GU7.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa



MILHAZES

FIG. ML1.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. ML1.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. ML1.3
Fachada secundária
(Fotografia da Autora)

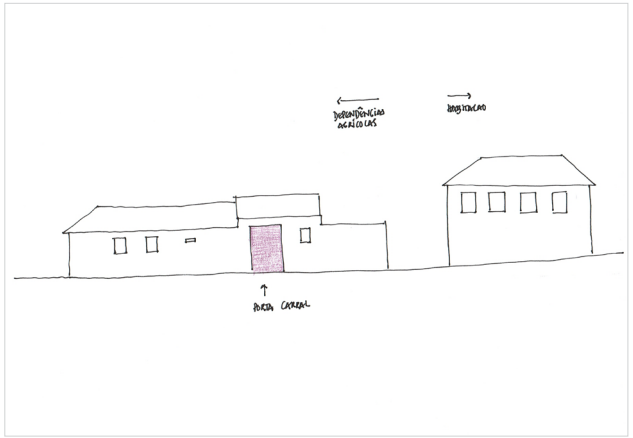


FIG. ML1.4
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

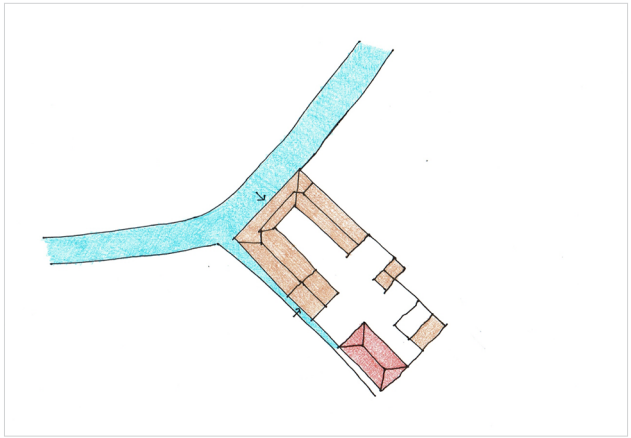


FIG. ML1.5
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	ML1
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. ML1.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. ML1.2 - ML1.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume das dependênicas agrícolas confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. ML1.2 e ML1.3)
Vãos	
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	Não parece haver um ritmo marcado de vãos. (fig. ML1.4)
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar não foi possível observar se existe
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. ML2.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. ML2.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

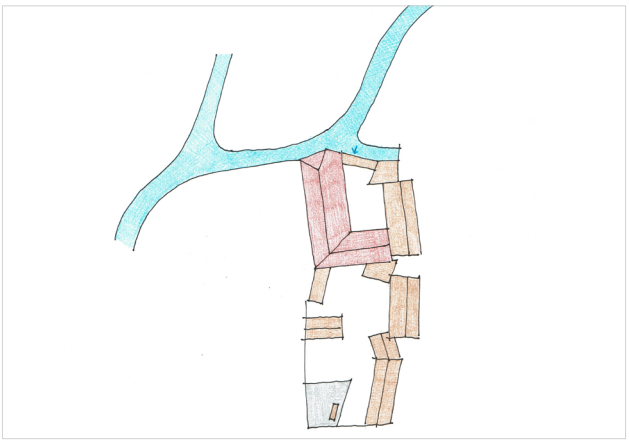


FIG. ML2.3
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**ML2**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. ML2.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. ML2.3)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. ML2.3)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. ML2.2)
Vãos	
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não não foi possível observar se existe
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar não foi possível observar se existe
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. ML3.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. ML3.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. ML3.3
Fachada voltada para a rua
(Fotografia da Autora)

FIG. ML3.4
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

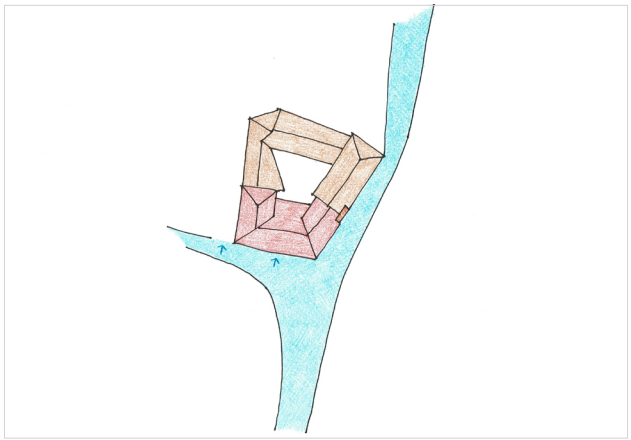


FIG. ML3.5
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**ML3**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. ML3.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual?
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. ML3.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. ML3.2 e ML3.3)
Vãos	Parece haver um ritmo marcado de vãos. Aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo e da sacado no andar. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. ML3.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não (fig. ML3.2 e ML3.4)
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual? Casa recentemente alterada
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. ML4.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. ML4.2
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. ML4.3
Fachada voltada para a rua
(Fotografia da Autora)

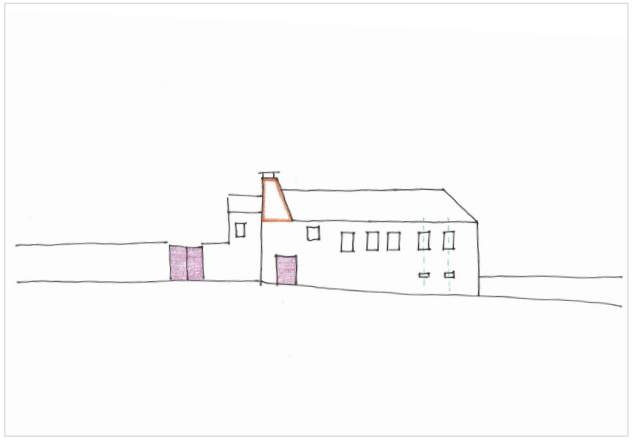


FIG. ML4.4
Análise ao alçado
(Desenho da Autora)

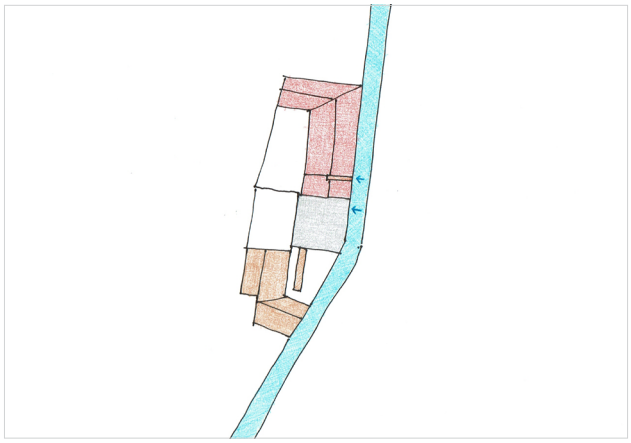


FIG. ML4.5
Análise à planta
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**ML4**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. ML4.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? Configuração pouco clara
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. ML4.5)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. ML4.5)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada pedra pintada no volume da habitação (fig. ML4.2 e ML4.3)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos. Aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Identifica-se alinhamento de vão entre pisos (fig. ML4.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. ML5.1
Imagem aérea
(Google Earth)

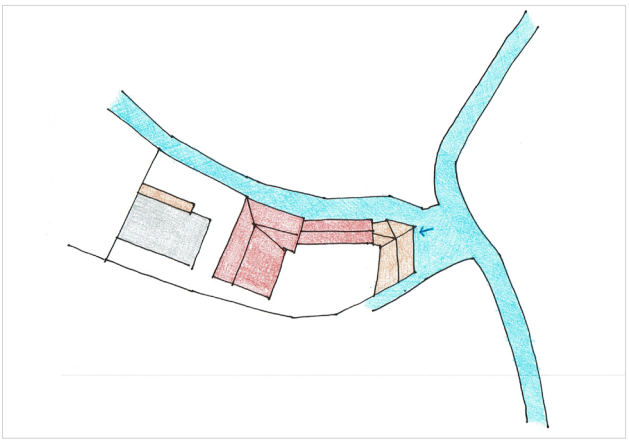


FIG. ML5.2
Análise à planta
(Desenho da Autora)

FIG. ML5.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

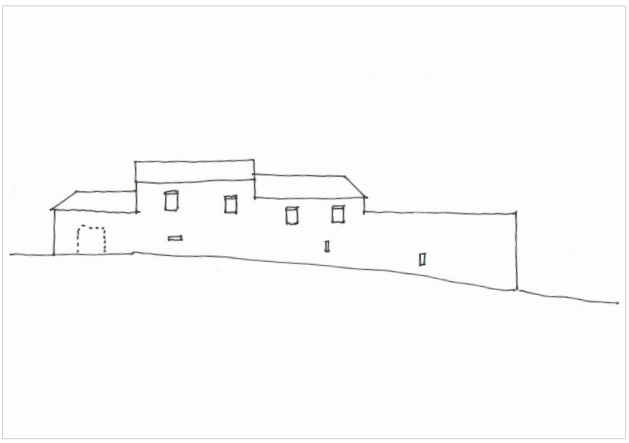


FIG. ML5.4
Análise ao alçado principal
(Desenho da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**ML5**
Implantação	à face da rua isolada entre as terras de culturas (fig. ML5.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	sim não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	sim não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? U/C, configuração pouco clara
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	sim não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro hortas outro qual? Eira (fig. ML5.2)
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto Indireto portões para o interior da casa (fig. ML5.2)
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral volume da habitação confronta espaço público
Usos	habitacional agrícola "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 2 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	Pedra à vista Pedra pintada (fig. ML5.3)
Vãos	Não parece haver um ritmo marcado de vãos. Aberturas maiores para o andar, há exceção do porta carral no térreo. Não se identifica alinhamento de vão entre pisos (fig. ML5.4)
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim não
Estética	
aspeto rude/austero	sim não outro qual?
aspeto decadente	sim não outro qual?
Cobertura	2 3 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	sim não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	sim não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa

FIG. ML6.1
Imagem aérea
(Google Earth)

FIG. ML6.2
Análise à planta
(Desenho da Autora)

FIG. ML6.3
Fachada principal
(Fotografia da Autora)

FIG. ML6.4
Caminho de acesso à casa
(Fotografia da Autora)

Indicadores de Identidade e Autenticidade

Identificação da Casa:	**ML6**
Implantação	à face da rua **isolada entre as terras de culturas** (fig. ML6.1)
Integra-se dentro de um complexo produtivo fechado e murado?	**sim** não outro qual?
A casa desenvolve-se à volta de um pátio?	**sim** não outro qual?
Que configuração adquire?	Lados opostos L U O outro qual? U/C, configuração pouco clara
Volumetria	
Volume principal e outros secundários?	**sim** não outro qual?
Espaços exteriores	quinteiro **hortas** outro qual?
Relação com os espaços exteriores	
Existência de varandas e alpendres	sim não Pelo espaço público não se observam estes elementos
Existência da escada de alvenaria de pedra	sim não localização: Pelo espaço público não se observam estes elementos
Acesso	Direto **Indireto**
Contato com o espaço público	contato direto com a rua porta carral através de um caminho que liga à rua principal (fig. ML6.2 e ML6.4)
Usos	**habitacional** **agrícola** "vendas" "dormidas" outro qual?
Número de Pisos	1 **2** 3 mirante
Fachadas	proporção horizontal
Ornamentação e ou decoração?	**Pedra à vista** Pedra pintada (fig. ML6.3)
Vãos	
relação entre pisos (alinhamentos/proporção)	
tem sacada?	sim **não**
Estética	
aspeto rude/austero	**sim** não outro qual?
aspeto decadente	sim **não** outro qual?
Cobertura	**2** **3** 4 águas
Chaminé de fumeiro	grande dimensão dispositivo mais rudimentar
Sistema Construtivo	
Elementos verticais resistentes em alvenaria de pedra	**sim** não outro qual?
Cobertura e pavimento em madeira	**sim** não outro qual?
Organização Programática	não foi possível recolher informações quanto à organização progrmática da casa